

**Eliseu Donisete de Paiva Gomes**

**O DISCIPULADO EM PERSPECTIVA DE GESTAÇÃO**  
**UMA CONTRIBUIÇÃO TEOLÓGICO-PASTORAL PARA A AÇÃO**  
**EVANGELIZADORA NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão

Apoio: CAPES

BELO HORIZONTE  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2023

**Eliseu Donisete de Paiva Gomes**

**O DISCIPULADO EM PERSPECTIVA DE GESTAÇÃO**  
**UMA CONTRIBUIÇÃO TEOLÓGICO-PASTORAL PARA A AÇÃO**  
**EVANGELIZADORA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Linha de Pesquisa: Interpretação da Tradição Cristã no Horizonte Atual

Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão

BELO HORIZONTE  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2023

#### FICHA CATALOGRÁFICA

	Gomes, Eliseu Donisete de Paiva
G633d	O discipulado em perspectiva de gestação: uma contribuição teológico-pastoral para a ação evangelizadora no Brasil / Eliseu Donisete de Paiva Gomes. - Belo Horizonte, 2023. 126 p. Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.  1. Teologia Pastoral. 2. Pastoral da Gestação. 3. Discipulado (Cristianismo). 4. Igreja. 5. Evangelização. I. Adão, Francys Silvestrini. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título
	CDU 25

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

**Eliseu Donisete de Paiva Gomes**

**O DISCIPULADO EM PERSPECTIVA DE GESTAÇÃO**  
**UMA CONTRIBUIÇÃO TEOLÓGICO-PASTORAL PARA A AÇÃO**  
**EVANGELIZADORA NO BRASIL**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

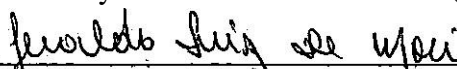
Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA:



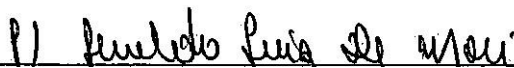
---

Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão / FAJE (Orientador)



---

Prof. Dr. Geraldo Luiz de Mori / FAJE



---

Profa. Dra. Alzirinha Roch de Souza PUC Minas (Visitante)

Ao meu pai José Guadalupe de Paiva (*in memoriam*) e minha mãe Maria das Graças Gomes de Paiva, que não mediram esforços para que eu e meus irmãos pudéssemos trilhar com êxito o caminho da vida acadêmica.

Dedico também a Dom Geraldo Lyrio Rocha (*in memoriam*), Arcebispo emérito de Mariana, pela presença fraterna e paternal em minha vida e no ministério presbiteral.

A todas as vítimas da Covid-19, e aos profissionais da saúde, heróis que bravamente deram tudo de si na luta contra esse vírus.

## AGRADECIMENTOS

À Trindade, plenitude da comunhão de amor, que continuamente gesta homens e mulheres em todos os tempos.

À minha família, pelo dom da vida, do cuidado e amor, e sobretudo por estar ao meu lado em todas as circunstâncias.

A meus amigos e amigas, padres e leigos, que me incentivaram a buscar e acreditar na concretização dos meus sonhos.

À Arquidiocese de Mariana pelo incentivo ao estudo.

Ao Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão, que com sua amizade, orientação competente e paciência me ajudou a percorrer e chegar ao final da gestação dessa pesquisa.

A todos os professores, professoras e funcionários da FAJE, que com sabedoria e paciência compartilham seu conhecimento, buscando cumprir com competência a missão de formar pensadores para o mundo.

A Dom Luciano Mendes de Almeida (*in memoriam*), pelo testemunho profético, cheio de profunda mística e humanidade, que tanto me ensinou a amar e servir a todos.

À Arquidiocese de Belo Horizonte, especialmente as comunidades, os cristãos leigos e padres das paróquias: São João Evangelista (bairro Serra) e Nossa Senhora da Paz (bairro Cachoeirinha), que me acolheram com todo carinho, apoio físico, pastoral e financeiro, a fim de que toda essa caminhada acadêmica fosse viável.

À querida Bia Gross, pela leitura atenta e pela revisão gramatical.

A todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram com a realização deste trabalho.

Enfim, agradeço aos desafios que se fizeram tão presentes nesta caminhada, a começar pela decisão de retornar ao mundo acadêmico, após longos anos de atuação no campo pastoral; a distância da família, dos amigos e das minhas raízes; os momentos fortes de solidão, mas que se transformaram em combustível e motivação para não desanimar e ir até o final.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

A presente dissertação foi desenvolvida com o intuito de entrar em diálogo com a proposta da *Pastoral de Geração*, um novo paradigma pastoral que pode enriquecer a ação evangelizadora da Igreja católica no Brasil. Tal proposta é bastante pertinente para o momento atual, em que a sociedade vem experimentando tantos momentos de crise, e estes, sem dúvida, refletem na Igreja e no seu trabalho evangelizador. O objetivo da pesquisa, inicialmente, é descrever alguns dos principais paradigmas pastorais que marcaram a evangelização na história da Igreja, destacando seus alcances e limitações. Em seguida, apresentar este novo paradigma pastoral com os seus fundamentos e suas novidades em relação aos paradigmas anteriores. Por fim, descrever algumas experiências pastorais no espírito da *Pastoral de Geração*, explicitando como elas podem inspirar a Igreja católica no Brasil na concretização de suas atuais e futuras Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora. Conclui-se esta dissertação com a convicção de que o cenário atual, embora com toda a sua complexidade, é favorável para o anúncio e a acolhida do Evangelho, e que a proposta da *Pastoral de Geração* proporciona à Igreja um caminho evangelizador mais adequado e congruente com o tempo presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paradigmas Pastorais. Pastoral de Geração. Evangelho. Igreja. Ação Evangelizadora.

## ABSTRACT

This dissertation was developed with the aim of entering into dialogue with the proposal of *Pastorale d'Engendrement*, a new pastoral paradigm that can enrich the evangelizing action of the Catholic Church in Brazil. This proposal is very pertinent to the current moment, in which society has been experiencing so many moments of crisis, and these undoubtedly reflect on the Church and its evangelizing work. Our aim, initially, is to describe some of the main pastoral paradigms that have marked evangelization in the history of the Church, highlighting their scope and limitations. Then, to present this new pastoral paradigm with its foundations and its novelties in relation to previous paradigms. Finally, to describe some pastoral experiences in the spirit of *Pastorale d'Engendrement*, explaining how they can inspire the Catholic Church in Brazil in the implementation of its current and future General Guidelines for Evangelizing Action. We conclude this dissertation with the conviction that the current scenario, despite all its complexity, is favorable for the proclamation and acceptance of the Gospel, and that the proposal of the *Pastorale d'Engendrement* provides the Church with a more appropriate evangelizing path that is congruent with the present time.

**KEY-WORDS:** Pastoral Paradigms. Pastorale d'Engendrement. Gospel. Church. Evangelizing Action.



## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AD** – Decreto *Ad Gentes*

**AL** – Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*

**CELAM** – Conselho Episcopal Latino-americano

**CNBB** – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

**CPE** – Células Paroquiais de Evangelização

**CV II** – Concílio Vaticano II

**DAp** – Documento de Aparecida

**DCE** – Encíclica *Deus Caritas Est*

**DGAE** – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2023

**DM** – Documento de Medellín

**DV** – Constituição Dogmática *Dei Verbum*

**EG** – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

**EN** – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

**GS** – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

**LG** – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

**NA** – Declaração *Nostra Aetate*

**NMI** – Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*

**RICA** – Rito de Iniciação à Vida Cristã

**RM** – Encíclica *Redemptoris Missio*

**UR** – Decreto *Unitatis Redintegratio*

**VD** – Exortação Apostólica *Verbum Domini*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 A AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA: ALGUNS PARADIGMAS PASTORAIS</b>	<b>14</b>
1.1 Paradigmas pastorais anteriores ao CV II	15
1.1.1 Paradigma pastoral apostólico	15
1.1.2 Paradigma pastoral catecumenal	17
1.1.3 Paradigma pastoral de cristandade	19
1.1.4 Paradigma pastoral de nova cristandade	23
1.2 Paradigma pastoral do CV II	25
1.3 Paradigmas pastorais pós-CV II	28
1.3.1 Paradigma pastoral missionário	28
1.3.2 Paradigma pastoral de nova evangelização	30
1.4 Paradigmas pastorais transversais na América Latina	31
1.4.1 Paradigma pastoral popular-libertador	31
1.4.2 Paradigma pastoral carismático-pentecostal	34
1.4.3 Paradigma de conversão pastoral	36
1.5 Conclusão do capítulo 1	38
<b>2 OS FUNDAMENTOS DA PASTORAL DE GESTAÇÃO: DEIXAR-SE GERAR POR DEUS</b>	<b>42</b>
2.1 Um mundo se vai e outro nasce	42
2.2 Para um novo contexto, um novo paradigma evangelizador, a <i>Pastoral de Geração</i> ?	45
2.2.1 O significado da expressão <i>Pastorale d'Engendrement</i>	47
2.2.2 Duas imagens para ilustrar a proposta da <i>Pastoral de Geração</i>	48
2.3 O Evangelho de Deus para todos: da imposição à proposta	51
2.3.1 A bondade radical do Evangelho na vida humana	53
2.4 Jesus Cristo: <i>passeur</i> , <i>pasteur</i> e credível	55
2.5 O Evangelho a serviço do nascimento da “fé” na vida e da fé cristã	60
2.5.1 Uma fé completamente humana	61
2.5.2 Uma fé discipular	62
2.5.3 Uma fé apostólica	64
2.6 Atitudes que favorecem a evangelização em perspectiva de geração	65

2.6.1	Maravilhar-se com a imprevisibilidade do Espírito	66
2.6.2	Ancorar-se na vida espiritual	67
2.6.3	Promover a vida	70
2.6.4	Promover o desenvolvimento do potencial de todos	71
2.6.5	Desenvolver redes de relacionamento	71
2.6.6	Propor o tesouro espiritual da Igreja	72
2.7	Conclusão do capítulo 2	74
<b>3</b>	<b>A PASTORAL DE GESTAÇÃO EM AÇÃO: UM DIÁLOGO COM AS DGAE</b>	<b>77</b>
3.1	A evangelização em gestação	77
3.2	A ação evangelizadora em âmbito espiritual-existencial: a autobiografia e os projetos de vida	81
3.2.1	Autobiografia	81
3.2.2	Projetos de vida	83
3.2.2.1	Associação Roche Colombe	84
3.2.2.2	Projetos de vida para as juventudes	86
3.2.3	Contribuições da <i>Pastoral de Gestação</i> para o pilar da Palavra	88
3.3	Ação evangelizadora em âmbito eclesial: espaços de (re)descoberta da fé e diálogo pastoral	90
3.3.1	Alphalive	91
3.3.2	Pastoral dos reiniciantes	93
3.3.3	Contribuições da <i>Pastoral de Gestação</i> para o pilar do Pão	95
3.3.4	Células Paroquiais de Evangelização	97
3.3.5	Diálogo pastoral	99
3.3.6	Contribuições da <i>Pastoral de Gestação</i> para o pilar da Ação Missionária	102
3.4	Ação evangelizadora em âmbito social: comunidades solidárias e de esperança para todos	104
3.4.1	Diaconia	105
3.4.2	Contribuições da <i>Pastoral de Gestação</i> para o pilar da Caridade	112
3.4.3	Conclusão do capítulo 3	114
	<b>CONCLUSÃO GERAL</b>	<b>117</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

A Igreja, em sua história bimilenar, sempre teve que lidar com desafios, incompreensões, perseguições e crises em sua missão de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. E mesmo assim, foi adiante, embora em alguns momentos da sua história não tenha conseguido alcançar o êxito pretendido em sua ação evangelizadora. No cenário atual, em que as sociedades ocidentais, tradicionalmente católicas, vêm passando por profundas transformações socioculturais e religiosas, faz-se necessário questionar: o Evangelho ainda tem espaço e acolhida nessa sociedade? A proposta da fé cristã consegue trazer algo de sentido e razoabilidade para o homem e a mulher de hoje? Como continuar a evangelizar e transmitir a fé em lugares que já se dizem pós-cristãos? Essas e tantas outras perguntas têm questionado a práxis evangelizadora da Igreja nas últimas décadas.

É a partir de questionamentos como esses que nasceu a presente pesquisa intitulada: “*O discipulado em perspectiva de gestação: uma contribuição teológico-pastoral para a ação evangelizadora no Brasil*”. Tal pesquisa aponta para a urgência de um novo paradigma pastoral para a ação evangelizadora da Igreja católica, que tenha como foco o discipulado. Pois ele é o destinatário da Boa Notícia, ou seja, a pessoa em processo de gestação para a vida de Deus. Com essa perspectiva, pretende-se colocar no centro do processo evangelizador a própria pessoa em seu encontro pessoal e transformador com Jesus Cristo.

O nome dado ao novo paradigma é *Pastoral de Gestação* (em francês, *Pastorale d'Engendrement*). A perspectiva desse paradigma não é ser mais uma pastoral no meio de tantas outras, mas suscitar na Igreja e nos seus membros um estilo de vida evangélico. O olhar da *Pastoral de Gestação* para este mundo marcado pelas crises e fraturas não é depressivo ou defensivo, mas vê nele aberturas e oportunidades para um *kairós* precioso, que favorece o anúncio do Evangelho – porém, de modo novo, isto é, indo “à fonte, deixando-se transformar por ela. [...] Trata-se de renascer, de acolher o imprevisível do Espírito e de se deixar levar por Ele, aceitando não saber até onde Ele conduzirá (cf. Jo 3,8)”<sup>1</sup>.

Nesse novo mundo que se apresenta, as comunidades cristãs precisam de um novo paradigma pastoral que seja mais adequado e congruente com o contexto atual. Esse paradigma exigirá que a Igreja repense conceitos, aprimore seus novos métodos de evangelização, reveja sua linguagem e invista em ações pastorais que efetivamente possam responder à altura os

---

<sup>1</sup> MATTEO, Marie Agnes de; AMHERDT, François Xavier. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Gestação. Trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Prior Velho: Paulinas, 2016, p. 17.

enormes desafios deste tempo tão complexo. E, assim, a novidade do Evangelho de Jesus Cristo, que sempre ressoou em tantos lugares e culturas, também com os seus desafios e crises, poderá continuar a ser acolhida pelos homens e mulheres da contemporaneidade, com toda a sua beleza, vitalidade e força de transformação.

Sabe-se que a realidade brasileira, embora não esteja num quadro de profunda secularização, e nem de declínio ou falência das religiões, apresenta sinais que revelam que a Igreja católica tem experimentado muitos desafios no campo da transmissão da fé. Embora se fale muito de Deus no Brasil, vê-se com alguma frequência pessoas que orientam suas vidas sem diretamente professar a fé nele. É possível encontrar pessoas que se dizem sem religião. Como também constatar famílias cristãs católicas cujos filhos adotaram um estilo de vida antirreligioso, ainda que com valores evangélicos. Na catequese, quantos catequizandos, ao final da recepção do sacramento da crisma, ao invés de um engajamento eclesial, acabam por abandonar as comunidades eclesiais! Em alguns ambientes e lugares da vida pública, os símbolos religiosos já não são bem-vindos e nem necessários. Nesse sentido, as reflexões e intuições dessa nova proposta de evangelização – embora tenha nascido em terras europeias, mais precisamente em países francófonos – têm muito a contribuir e enriquecer a ação evangelizadora da Igreja católica no Brasil, como poderemos comprovar ao longo dessa pesquisa.

Nossa pesquisa se desenvolve em três momentos, correspondentes aos três capítulos desta dissertação. O primeiro capítulo tem a finalidade de ajudar o leitor a percorrer um breve panorama histórico sobre os principais paradigmas pastorais que marcaram a evangelização na história e na vida da Igreja. Ao vislumbrar esses paradigmas, deseja-se constatar, de um lado, a riqueza e a contribuição dos que ajudaram a alimentar a fé de inúmeras gerações cristãs ao longo de séculos. De outro lado, é preciso detectar os seus limites e impasses, que trouxeram muitos obstáculos no caminho evangelizador da Igreja. Iremos tomar como referência, nesse percurso, as reflexões e contribuições do teólogo português Tiago Miguel Fialho Neto e de dois teólogos brasileiros, Antônio José de Almeida e Agenor Brighenti.

O capítulo central da dissertação é o segundo, que descreve a *Pastoral de Geração* com os seus fundamentos e sua novidade em relação aos paradigmas pastorais apresentados no capítulo primeiro. Busca-se também evidenciar como esse novo paradigma pode contribuir para que as comunidades eclesiais, frente aos desafios e crises do tempo presente, encontrem na perspectiva da geração um novo horizonte para a sua missão evangelizadora. Neste capítulo, iremos nos ater às obras e textos dos principais teólogos que refletiram sobre a *Pastoral de Geração*, a saber: Christoph Theobald, Philippe Bacq e André Fossion.

No último capítulo, o interesse central será apresentar alguns exemplos de experiências pastorais que bebem na proposta de uma evangelização em perspectiva de gestação, e como elas podem enriquecer as atuais e inspirar as futuras Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja católica no Brasil (DGAE), por meio dos seus quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Missão.

Espera-se que esta pesquisa, em primeiro lugar, seja uma contribuição para fortalecer a caminhada evangelizadora da Igreja católica no Brasil; em segundo lugar, que desperte, nas lideranças, nos animadores e animadoras pastorais, a coragem de dar passos para rever uma práxis pastoral ancorada em paradigmas do passado; em terceiro lugar, que a proposta da *Pastoral de Gestação*, enquanto uma modalidade nova de evangelização, aberta às surpresas do Espírito, voltada para a gratuidade e a hospitalidade, ajude a gestar novos cristãos e cristãs capazes de Deus, de profunda intimidade com Jesus Cristo, tendo suas vidas impregnadas pelo estilo e sabor do Evangelho.

Enfim, que os leitores se sintam motivados a darem passos na busca de um caminho de gestação, que os transforme em *passeurs* (passadores) do estilo evangélico de viver a fé cristã. E, desse modo, ajudem os homens e as mulheres de hoje, mesmo em meio a tantos desafios, a se abrirem à escuta da Boa Notícia do Evangelho, que continua a transmitir a vida, em busca de plenitude.

## 1 A AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA: ALGUNS PARADIGMAS PASTORAIS

*E disse Jesus: Ide, pois, e fazei  
discípulos todos os povos*

Mt 28,19

A Igreja, ao longo da sua história, foi experimentando vários paradigmas pastorais<sup>2</sup> que pudessem ajudá-la em sua missão de evangelizar, transmitir a fé cristã e fazer discípulos. Tais paradigmas, cada um a seu modo e no seu contexto, cumpriram, com maior ou menor êxito, essa função. Classificar e analisá-los não é uma novidade, visto que alguns teólogos<sup>3</sup> já o fizeram com grande profundidade. Por isso, o que se pretende, neste primeiro capítulo, não é fazer um longo e metucioso percurso histórico, mas acenar de forma pontual para aqueles paradigmas que influenciaram o jeito de evangelizar da Igreja em cada época.

No caminho a ser feito neste primeiro capítulo, escolhemos dialogar com três principais teólogos: Agenor Brighenti e José Antônio de Almeida, pela autoridade no campo da reflexão pastoral no Brasil e América Latina e, ainda, o português Tiago Miguel Fialho Neto, que tem sido, nos últimos anos, um grande pesquisador e entusiasta da *Pastoral de Geração*.

No desenrolar do capítulo, optamos por analisar cada paradigma a partir dos seguintes critérios: gênese histórica, as principais perspectivas eclesiológicas, as contribuições para a evangelização e os possíveis limites. Sendo assim, organizamos este capítulo em três seções, a saber: na primeira seção serão apresentados os paradigmas pastorais anteriores ao Concílio Vaticano II (CV II); na segunda iremos nos ater ao paradigma pastoral do próprio CV II, bem como aqueles que nasceram deste grande divisor de águas na vida da Igreja católica; e por fim, na terceira e última sessão, faremos referência aos paradigmas pastorais transversais na América Latina. Ao final do capítulo, realizaremos uma conclusão parcial, recuperando de forma sintética a contribuição e os limites de cada paradigma.

---

<sup>2</sup> Ao longo desta pesquisa, optamos por usar a expressão paradigma pastoral por duas razões: a) em primeiro lugar, para ser mais fiel às reflexões da proposta da Pastoral de Geração; b) em segundo lugar, essa expressão ajuda a classificar, analisar e sistematizar com maior clareza os diferentes modelos evangelizadores que marcaram a Igreja ao longo de sua história.

<sup>3</sup> Indico como leitura complementar a obra do teólogo mexicano ARROYO, Francisco Merlos. *Teología Contemporánea del Ministerio Pastoral*. México: Palabra Ediciones, 2012, especialmente o capítulo I, em que o autor apresenta um percurso histórico da ação pastoral da Igreja, desde as comunidades primitivas até os desdobramentos pós-Concílio Vaticano II; p. 53-142.

## 1.1 Paradigmas pastorais anteriores ao Concílio Vaticano II

Nesta primeira seção, o escopo é se deter somente nos paradigmas pastorais que antecederam a realização do CV II, a saber: o *apostólico*, o *catecumenal*, a *cristandade* e a *nova cristandade*.

### 1.1.1 Paradigma pastoral apostólico

O primeiro paradigma pastoral que marcou o processo de evangelização da Igreja foi o apostólico. O teólogo português, Tiago Fialho, assim se refere a ele: “Ele teve seu início com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, por volta do ano 30 d.C., tendo como protagonistas os apóstolos e a primeira geração de cristãos”<sup>4</sup>. O acesso a esse paradigma pastoral se dá através dos textos neotestamentários, nos quais se verifica um grande e intenso trabalho missionário realizado pelos apóstolos, juntamente com a comunidade cristã.

O objetivo desse paradigma pastoral é dar continuidade ao trabalho de evangelização iniciado por Jesus. A metodologia adotada está intimamente ligada a dois pilares principais: o *kerigma* e o Reino de Deus. Em primeiro lugar, a evangelização apostólica prioriza o anúncio querigmático centrado em Jesus Cristo ressuscitado, como se pode observar, por exemplo, no longo discurso de Pedro aos judeus após a vinda do Espírito Santo, que resultou num grande número de novos cristãos (At 2,22-41). O aspecto fundamental do *kerigma* é levar o novo cristão a uma autêntica experiência, a um encontro com a pessoa de Jesus Cristo, e não simplesmente a uma mera apresentação de doutrina, com o seu conjunto de ideias e valores morais. Em segundo lugar, o paradigma apostólico proclama a boa notícia do Reino de Deus, como uma consequência da adesão a Jesus Cristo. O novo discípulo deverá pautar sua vida nos valores e ensinamentos desse Reino.

Neste paradigma, embora dentro de um contexto sociocultural bastante desafiador, marcado por conflitos e carências, os cristãos não se intimidavam. Ao contrário, levavam adiante um processo fecundo de evangelização, em que o testemunho informal e a alegria eram suficientes para despertar e atrair novos cristãos e discípulos para Cristo, e o ingresso na vida eclesial.

Para melhor conhecer este paradigma pastoral, faz-se necessário destacar as principais características que foram responsáveis por tal processo evangelizador, que obteve tamanha

---

<sup>4</sup> FIALHO NETO, Tiago Miguel. *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2016, p. 68.



fecundidade e sucesso no anúncio do Evangelho em seu contexto-histórico. A primeira característica passa pela capacidade e força de suscitar nos novos cristãos o espírito de amor fraterno e solidariedade. Diante de uma realidade social marcada pela pobreza e exclusão, os primeiros cristãos pregavam, à luz do Evangelho, uma mensagem não apenas de salvação “das almas”, mas também um novo estilo de vida<sup>5</sup>. Sem dúvida, essa proposta proporcionava aos pobres e excluídos uma saída da situação de miséria e opressão para uma vida comunitária em que a partilha do pão, a fraternidade, a oração, os ensinamentos dos apóstolos (At 2,42-47) e o amor mútuo (1Cor 13) eram as marcas mais singulares de um novo *modus vivendi* e de evangelização das primeiras gerações cristãs.

Uma segunda característica do paradigma apostólico é a obediência ao Espírito Santo. A ação evangelizadora da Igreja primitiva tem o agir do Espírito como o seu principal protagonista. Embora os apóstolos tenham a sua participação e colaboração no anúncio da Boa Nova, é o Espírito que guia e ilumina a missão. Isso é bastante perceptível em vários trechos do livro dos Atos dos Apóstolos, como, por exemplo, a escolha de Estevão e o grupo dos Sete (At 6, 3-6); os relatos das pregações de Pedro, nos quais o autor se refere a ele como “pleno do Espírito Santo” (At 4,8); o mesmo acontece com Saulo, que no caminho da sua conversão, ao se encontrar com Ananias, escuta dele o seguinte: “O Senhor Jesus, que te apareceu quando vinhas pela estrada, mandou-me aqui para que recobres a vista e fiques cheio do Espírito Santo” (At 9,17). Tudo isso evidencia o quanto a evangelização da Igreja primitiva estava sempre atenta à escuta e aos apelos do Espírito Santo na história.

A terceira característica deste paradigma é a valorização do contato pessoal no processo evangelizador. Embora possamos verificar em textos do Novo Testamento discursos para as multidões, inclusive o próprio Jesus usou deles em muitas ocasiões, como no sermão das bem-aventuranças (Mt 5,1-12), havia sempre um cuidado de que a evangelização não se restringisse a um evento de massa, mas que fosse dada ênfase ao trabalho junto dos pequenos grupos. Paulo é quem mais aposta nessa perspectiva. Basta tomar como referência as suas várias cartas, em especial a carta aos Romanos, a partir do capítulo 16, em que se pode verificar que o cerne da evangelização passa necessariamente pelo contato pessoal. Por mais exigente e desafiador que seja esse processo, ele é sem dúvida o que alcança mais frutos. Não existe evangelização mais

---

<sup>5</sup> OPORTO, Santiago Guijarro. *La primera evangelización*. Reflexiones sobre la primera misión cristiana. In: Salmanticensis, Salamanca, v. 59, n. 2, p. 193-214, 2012. p. 207. Disponível em: <https://www.origenesdelcristianismo.com/descargas/santiagoguijarro/articulos espanol/Guijarro%202012a.pdf>. Acesso em: 9 ago 2022.

profícua do que aquela que nasce do encontro *tête a tête*, de ir ao contexto vital de cada pessoa e poder estabelecer vínculos afetivos, fraternos e de proximidade.

A última característica desse paradigma evangelizador é a sua organização a partir das casas. A casa, pequena Igreja doméstica, foi o espaço específico para as reuniões das primeiras gerações cristãs. Além das reuniões, as casas funcionavam como “lugar de vivência comunitária e plataforma missionária, para acolher pregadores itinerantes e servir como ponto de apoio econômico ao Cristianismo nascente”<sup>6</sup>. Conforme assevera o teólogo brasileiro, Antônio Almeida, a casa era um elemento estratégico importantíssimo para a evangelização e a conversão:

O cristianismo firmando-se e afirmando-se socialmente não num espaço sagrado, mas em comunidades pequenas, em torno de 30 a 40 pessoas, e em estreita relação com a estrutura social básica, que era a “casa” [...], em sua estratégia missionária, Paulo procurava levar à conversão, o mais cedo possível, em cada localidade, um chefe de família, que colocasse à disposição uma casa adequada para os encontros da comunidade e que serviria igualmente como plataforma missionária.<sup>7</sup>

Em síntese, esse primeiro paradigma pastoral encontra-se em continuidade com a missão de Jesus, tendo a preocupação de um anúncio querigmático que pudesse chegar a todos, principalmente aos pobres e excluídos, sempre atento aos apelos do Espírito Santo e priorizando a evangelização de proximidade, que gerou comunidades fraternas, solidárias, hospitaleiras e missionárias. Esta ação pastoral levou inevitavelmente os primeiros cristãos e cristãs a inúmeras perseguições, prisões e mortes, pagando um alto preço por permanecerem fiéis ao seguimento de Jesus Cristo<sup>8</sup>. Mas esse paradigma não teve que se confrontar com o desafio de uma comunidade cristã composta, cada vez mais, por multidões de fiéis advindos de uma pertença institucional a uma religião tornada oficial pelo Império.

### 1.1.2 Paradigma pastoral catecumenal

Outro paradigma que se destacou na evangelização da Igreja foi o catecumenal. Pode-se dizer que esse paradigma já estava substancialmente presente no apostólico, no entanto, a sua estrutura e organização não estavam desenvolvidas completamente. Não há uma data exata que marca o nascimento propriamente dito do catecumenato. Segundo Tiago Fialho, o que temos de referência sobre o começo da estrutura e funcionamento do catecumenato vem de

<sup>6</sup> ALMEIDA, Antônio José de. *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 32.

<sup>7</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 32.

<sup>8</sup> ARROYO, *Teología Contemporánea del Ministerio Pastoral*, p. 60.

alguns escritos da Igreja primitiva, tais como: a *Didaché* (séc. I), a *Apologia* de Justino (séc. II), o *Pastor de Hermas* (metade do séc. II), a *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma (séc. III). Clemente de Alexandria (séc. III) foi o primeiro a utilizar o termo catecúmeno<sup>9</sup>.

A sistematização do catecumenato em suas grandes linhas se dá a partir do século III. Na obra *Tradição Apostólica* (215), de Hipólito de Roma, é possível distinguir duas etapas: “a primeira é a preparação remota, que consiste na entrada e permanência no catecumenato por três anos, e a preparação próxima, que se inicia com a admissão ao batismo, onde os candidatos passam a ser eleitos, escolhidos”<sup>10</sup>. Mas é no século IV que se dá a sua consolidação<sup>11</sup>, com uma estrutura extremamente organizada, que proporciona iniciar, acompanhar e preparar grande número de pessoas que desejavam receber o batismo com o objetivo de se tornarem cristãos. Já no século V, todo esse processo de evangelização e catequese entra em declínio e tem a sua derrocada definitiva nos séculos VI e VII. O principal motivo desencadeador do fim do catecumenato está diretamente ligado ao início da era da cristandade. Nesse período, se cultivou uma ideia equivocada de que todos já eram cristãos, e por isso era dispensável a evangelização querigmática. Como consequência, a preocupação com o processo de inserção na vida comunitária foi abandonada, a evangelização se tornou muito mais focada na doutrina e nos sacramentos, deixando de lado aquilo que era vital em todo o catecumenato: “uma iniciação de discípulos que descubrem um caminho, e desejam adquirir um modo de ser e de viver consoante ao de Jesus”<sup>12</sup>.

O catecumenato – retomado recentemente na prática eclesial – é um processo de iniciação à vida cristã desenvolvido em quatro importantes tempos<sup>13</sup>: a) o pré-catecumenato, que se preocupa com o querigma, realiza o primeiro anúncio da fé para suscitar no candidato o desejo de entrar em relação e conhecer Cristo. É preciso uma verdadeira metanoia, isto é, mudança de mentalidade, de ser e agir a partir da nova fé professada; b) o segundo tempo, o catecumenato propriamente dito, durando em média três ou mais anos. Nessa etapa, o catecúmeno é acolhido na Igreja e inicia um percurso formativo sobre os principais conteúdos da fé cristã; c) a iluminação ou purificação, constitui o terceiro tempo do catecumenato, e é vivido dentro do tempo quaresmal. Tal etapa contribui para que o catecúmeno, através dos exorcismos e escrutínios, da prática do jejum, da oração e da caridade, adquira uma vida interior

<sup>9</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação, p. 72.

<sup>10</sup> HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. n. 21. Disponível em: [http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/tradicao\\_apostolica\\_hipolito\\_roma.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/tradicao_apostolica_hipolito_roma.html) Acesso em: 12 set 2022.

<sup>11</sup> LELO, Antônio Francisco. *A iniciação cristã*. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 29.

<sup>12</sup> LELO, *A iniciação cristã*. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho, p. 50.

<sup>13</sup> Ritual da Iniciação Cristã de Adultos. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 33.

e um profundo sentido de Cristo e da Igreja. A conclusão da iluminação se dá na celebração da vigília pascal, em que o catecúmeno recebe de uma só vez os três sacramentos da iniciação cristã: batismo, crisma e eucaristia. O catecúmeno passa a se chamar neófito (planta nova, nova criatura (Gl 3,27)); d) e por fim, a mistagogia que se realiza durante o tempo pascal, por meio das catequese mistagógicas, com o objetivo de levar o neófito a inserir-se mais profundamente na comunidade e também a experimentar diariamente um tempo de configuração a Cristo.

De forma sintética, o paradigma catecumenal, nos oferece três importantes elementos para a evangelização. O primeiro é a presença da comunidade, que participa de todo esse itinerário, por meio da acolhida, das orações, da motivação e sobretudo dando testemunho de fé junto aos catecúmenos. Há aqui uma preocupação louvável: toda a comunidade se sente corresponsável pela evangelização que conduz os novos membros ao mistério de Deus. O segundo é a vida litúrgica, isto é, os catecúmenos, através dos ritos que marcam as quatro etapas do caminho, são gradativamente inseridos na vida litúrgica da Igreja. Não se separa catequese de liturgia e vice-versa nesse paradigma pastoral. O último ponto é o discipulado. Os catecúmenos não entravam neste processo evangelizador simplesmente para receber os sacramentos ou aprender a doutrina, como se fosse uma espécie de curso. Ao contrário, o grande objetivo era crescer no seguimento e na configuração a Jesus Cristo, alcançando a condição de um autêntico discípulo missionário, capaz de pensar, sentir e agir como Cristo no mundo (Fl 2,5).

### 1.1.3 Paradigma pastoral de cristandade

Alguns séculos após o reconhecimento oficial do Cristianismo como religião lícita em 313 d.C. (Edito de Milão) por Constantino, e depois em 381 d.C. como religião oficial pelo imperador Teodósio, coube a Carlos Magno integrar a Igreja à monarquia. Desse modo, “Igreja e Estado formariam a *Cristandade* sob direção imperial”<sup>14</sup>. Este casamento levou a Igreja a adotar um novo paradigma pastoral de evangelização, muito distinto dos dois paradigmas anteriores. Tiago Fialho faz uma observação interessante sobre esse novo modelo, ressaltando que não é possível classificá-lo em um dado momento histórico, justamente porque ele “engloba diversos períodos históricos em que o Cristianismo é determinante para a configuração da vida das sociedades e nas quais os modelos evangelizadores influem de forma decisiva na formação

---

<sup>14</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 65.

das mentalidades”<sup>15</sup>. A partir desse novo paradigma, mudanças profundas passaram a acontecer no modo de evangelizar da Igreja.

A Cristandade devia ser mais do que uma carteira de identidade; não bastava que fosse uma fé professada pelos dirigentes, uma moral proclamada, uma infinidade de lugares de culto e de peregrinação. A Cristandade só tinha sentido enquanto expressão de uma extensa fé coletiva e de um comportamento geral fiel ao Evangelho: o que era formalmente prescrito devia ser materialmente vivido! A questão é saber se, e em que medida, este programa efetivamente se realizou.<sup>16</sup>

Em uma sociedade em que ser cristão dava *status* social, em que se podia ter benefícios e privilégios vindos do Império, houve uma grande conversão da maioria da população ao Cristianismo. Essa conversão em massa foi na contramão do que a Igreja experimentou nos primeiros séculos. Primeiramente, deixando de ser perseguida para tornar-se aliada do Estado, que adotou o Cristianismo como religião oficial. Em segundo lugar, a Igreja que sempre teve um cuidado com a evangelização de proximidade, embora não tenha deixado de falar às multidões, necessitou abrir mão dessa metodologia. Afinal, a demanda de pessoas que desejavam aderir ao Cristianismo aumentava mais e mais. Como consequência, as etapas e a duração do catecumenato, que já estavam em crise, foram pouco a pouco sendo encurtadas e empobrecidas. Desse modo, o itinerário de evangelização ficou cada vez mais comprometido, e as conversões, em grande parte, não eram autênticas, mas sim por conveniências. Assim, multiplicava-se a quantidade de cristãos, mas nem sempre de cristãos convictos. Em terceiro lugar, a Igreja, que procurava ser fiel às orientações de Jesus Cristo na vivência de uma vida despojada, sóbria e de desapego aos bens materiais, estava agora em contradição com o próprio Evangelho, uma vez que ela, enquanto instituição, foi se tornando cada vez mais rica, poderosa e hierarquizada.

Neste modelo prevaleceu uma evangelização de *enquadramento*<sup>17</sup>, isto é, a fé é recebida como herança, transmitida de geração em geração, quase que por osmose. Em outras palavras, pode-se dizer que:

As pessoas tornavam-se cristãs adotando simplesmente as maneiras de pensar, os comportamentos e as práticas do meio crente ao qual pertenciam. As coisas da fé

<sup>15</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação, p. 76.

<sup>16</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 66-67.

<sup>17</sup> Expressão utilizada por alguns teólogos, como Christoph Theobald e Philippe Bacq, para caracterizar uma proposta de transmissão de fé que vai desde o nascimento até a morte do crente, fundada em dois pilares: a administração dos sacramentos e a pessoa do pároco.

desenrolavam-se naturalmente, identificando-se com a prática: ser cristão era ser batizado e praticante.<sup>18</sup>

Neste contexto de uma evangelização que tinha a preocupação de enquadrar a vida dos fiéis, a noção de espaço era fundamental. Tanto que é justamente nesse período que surgem as paróquias e a figura do pároco, que se encaixam perfeitamente nessa nova modalidade pastoral. A paróquia, com os seus limites territoriais, torna-se para a cristandade o único lugar de evangelização e contato entre os fiéis. Ao passo que o pároco, que fundamenta a unidade da paróquia, tem a missão de evangelizar sozinho todos os seus paroquianos. Ele é o grande protagonista, que “reúne os fiéis e celebra para eles a liturgia; ensina-os e vela por que respeitem as normas canônicas da Igreja, que garante, em grande parte, a unidade do corpo eclesial”<sup>19</sup>.

O teólogo Antônio José de Almeida sintetiza esse modelo pastoral a partir de quatro pilares: a preocupação sacramental, a piedade popular, o institucionalismo e a centralidade clerical<sup>20</sup>. A práxis mais importante nesse paradigma é a sacramental. E tem no pároco o seu grande protagonista, afinal, ele é quem tem o poder de administrar aos fiéis os sacramentos, com exceção da ordem. Tudo gira em torno das celebrações dos sacramentos que acompanham a vida do fiel, a começar pelo nascimento com a recepção do batismo e crisma, depois ainda na infância a confissão e eucaristia, entre a juventude e a idade adulta o matrimônio e a ordem, e por fim, no leito de morte, a extrema unção para os enfermos. Não há uma preocupação com processos de iniciação cristã ou catequese permanente, pois o mais importante em toda a práxis pastoral e evangelizadora desse contexto reside em receber os sacramentos e assistir às missas.

A piedade popular ganha força nesse cenário, pois ao contrário da experiência da Igreja primitiva, que rezava a liturgia nas casas e para pequenos grupos, torna-se uma liturgia de massa<sup>21</sup>. Isso provoca a perda da dimensão criativa e de proximidade que marcava o culto dos primeiros cristãos. A liturgia torna-se um mero ritualismo que distancia não só física, mas linguisticamente o presidente da celebração dos fiéis. Como consequência, ganha força a devoção popular, pois o povo não consegue entender e entrar no mistério celebrado, restando a ele uma prática devocional, baseada no culto aos santos, nas recitações dos terços, ladainhas, novenas, enquanto a centralidade da pessoa de Jesus Cristo no culto eclesial, vai ficando cada vez mais distante.

---

<sup>18</sup> BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 8.

<sup>19</sup> BACQ; THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação, p. 9.

<sup>20</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 68.

<sup>21</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 94.

Neste período, é visível que existe uma desigualdade entre os clérigos e leigos na Igreja, nem todos têm os mesmos direitos. O topo da hierarquia é quem detém o poder e dá as ordens de como deve ser a evangelização, sem ouvir os leigos, que devem acatar de forma passiva e obediente as orientações dos clérigos. Toda a evangelização estava centrada nas mãos da liderança hierárquica.

A centralidade na figura do padre é uma marca forte desse paradigma. E o ofício de pároco é aquele que mais explicita essa característica. A começar pelos direitos e deveres que o sacerdote recebe da Igreja, por meio do tríplice múnus de governar, santificar e pastorear. Isso faz dele o responsável maior pela vida de uma comunidade eclesial, que vai desde a administração de uma paróquia até o cuidado das almas dos fiéis.

É importante destacar que, durante a vigência desse paradigma, que teve muitos limites como já mencionado anteriormente, a Igreja também colheu bonitas experiências pastorais. Basta recordar a força de evangelização dos mosteiros, que também contribuíram para o desenvolvimento da cultura, das artes, da música, da educação – as escolas monásticas que mais tarde deram origem às universidades – na sociedade ocidental. Vale destacar também o surgimento das várias ordens religiosas, entre elas os Franciscanos (São Francisco de Assis), os Dominicanos (São Domingos de Gusmão), os Jesuítas (Inácio de Loyola), que tanto contribuíram para a assistência junto aos pobres e a difusão do Evangelho para lugares mais distantes. No campo das reflexões filosóficas e teológicas, evidencia-se o contributo de grandes pensadores, como Alberto Magno, Agostinho, Tomás de Aquino, Boaventura, entre outros. E sem esquecer que, neste período, a Igreja contou com o testemunho de santidade de muitos homens e mulheres, tanto os anônimos quanto os canonizados e elevados aos altares dos templos.

Em síntese, o paradigma de cristandade é de matriz doutrinal e traz consigo uma visão eclesiológica de que “o único lugar de salvação é a Igreja pela sua identidade com o Reino, e constitui o mundo, como o universo cristão”<sup>22</sup>. E por isso, para garantir essa mentalidade, a Igreja priorizou uma postura apologética, através do uso do catecismo com perguntas e respostas, de forma que a doutrina fosse conservada e protegida a todo e qualquer custo.

#### **1.1.4 Paradigma pastoral de nova cristandade**

---

<sup>22</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação, p. 83.

O paradigma pastoral, que emerge logo após o de cristandade, pode ser denominado de nova cristandade<sup>23</sup>. Ele teve o seu auge no século XIX e surgiu como uma resposta da Igreja frente aos desafios da modernidade. Basicamente, o objetivo desse modelo pastoral foi o de buscar por meio de uma renovação da chamada filosofia cristã, conhecida também por neoescolástica, uma nova configuração da Igreja perante a sociedade civil. Nas palavras de Antônio Almeida, nasce nesse contexto um novo perfil interno eclesial:

Hierarquia e laicato são vistos como duas estruturas originárias – porque fundadas sacramentalmente, respectivamente na [ordenação e no batismo] – da comunidade eclesial, ocupando-se a hierarquia da vida interna da Igreja e (ad)ministrando os meios de salvação, e os leigos, graças ao seu Batismo e à incorporação a Cristo e à Igreja, da presença da Igreja na sociedade e da [sua] renovação [...]<sup>24</sup>

Este novo paradigma, embora com muitos resquícios da mentalidade de cristandade, conseguiu fazer pequenos avanços na evangelização e transmissão da fé. Isso pode ser visto na catequese, no culto e nas atividades de evangelização desse paradigma pastoral.

A pregação da palavra passa a ter um lugar de maior destaque nas celebrações e catequese. Os ministros ordenados até se esforçam para fazer uma homilia mais bíblica, porém, o conteúdo continua sendo “dogmático e moralizante, longe de uma boa fundamentação crítica e científica”<sup>25</sup>. A pregação é muito mais para tentar alcançar aqueles que deixaram a Igreja a fim de que retornem do que um verdadeiro testemunho da Boa Nova de Jesus Cristo.

A liturgia permanece ainda refém de um ritualismo que a impede de dar passos em sua renovação. Verifica-se, de modo muito tímido, algum sacerdote que lê o Evangelho na língua vernácula<sup>26</sup>. A missa, ainda em latim, não proporciona a participação consciente do povo, que precisa se virar para tentar acompanhar e entender o seu rito, necessitando sempre de um intérprete. Em relação à música nas celebrações, predomina o cantochão e o gregoriano, e algumas raras vezes escuta-se algum canto no estilo mais pastoral<sup>27</sup>.

A evangelização ainda é muito tímida, visa apenas ao interior da Igreja, destacam-se as “Congregações Marianas, Cruzadas Eucarísticas, Apostolado da Oração”<sup>28</sup>. Mas surgem algumas iniciativas *ad extra*, como a Ação Católica<sup>29</sup>. Este modelo visava à formação de pequenos grupos, nos ambientes escolares, de trabalho, nas comunidades eclesiais, dando aos

<sup>23</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 96.

<sup>24</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 97.

<sup>25</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 97.

<sup>26</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 98.

<sup>27</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 98.

<sup>28</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 98.

<sup>29</sup> Modelo de organização de leigos em diversos países, focado sobretudo na juventude.



jovens as condições para transformar o seu meio, à luz dos valores da fé cristã. Há também, por parte de alguns ministros ordenados, iniciativas de deixar um pouco mais as sacristias das igrejas para evangelizar aqueles que estão fora do ambiente eclesial<sup>30</sup>, enquanto os leigos tentam dar passos para viver sua vocação e missão no mundo. No fundo, a Igreja, com este paradigma pastoral, acredita que pode recuperar o paraíso perdido da cristandade.

O teólogo Brighenti chama o paradigma da nova cristandade de apologista<sup>31</sup>, pois afirma que o seu objetivo primeiro é colocar a Igreja numa atitude defensiva contra a modernidade. A hierarquia da Igreja católica empenha-se na luta contra o que julga serem as heresias trazidas pela modernidade, e que influenciaram de forma negativa a sociedade. Por isso, é preciso excomungar tudo o que é moderno. Nesse sentido, os movimentos que surgem nesse período atuam como verdadeiras milícias cristãs, que vão atrás daqueles que abandonaram a Igreja católica a fim de serem reinseridos no redil<sup>32</sup>. Trata-se de um paradigma pastoral com um viés apologético e proselitista, cuja tendência é fechar-se a qualquer possibilidade de diálogo com a modernidade.

Numa atitude hostil frente ao mundo, cria seu próprio mundo, uma espécie de “subcultura eclesial”, no seio da qual pouco a pouco se sentirá a necessidade de vestir-se diferente, morar diferente, evitar os diferentes, conviver entre iguais, em típica mentalidade de seita ou gueto. A redogmatização da religião e o entrenchamento identitário acabam sendo sua marca, apoiados na racionalidade pré-moderna agostiniana e tomista.<sup>33</sup>

Em síntese, esse paradigma pastoral, apesar de apresentar alguns pequenos avanços na evangelização, permaneceu ligado ao modelo do período da cristandade. Ao invés de conduzir a práxis pastoral da Igreja a se abrir a um diálogo respeitoso, crítico e frutuoso com a modernidade, optou em permanecer na defensiva, rejeitando as novidades do tempo moderno. No fundo, esse tipo de ação pastoral tinha o desejo, quem sabe um dia, de recuperar o regime de cristandade.

## 1.2 Paradigma pastoral do Concílio Vaticano II

<sup>30</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 99.

<sup>31</sup> BRIGHENTI, Agenor. Por uma evangelização realmente nova. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 45, n. 125, p. 83-106, jan/abr 2013. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2832/2983>. Acesso em: 12 set 2022.

<sup>32</sup> BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral*. A inteligência reflexa da ação evangelizadora. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 73. Coleção Iniciação à Teologia.

<sup>33</sup> BRIGHENTI, Por uma evangelização realmente nova, p. 92.

Em 25 de janeiro de 1959, com apenas três meses de pontificado, o papa João XXIII, na Basílica de São Paulo Extramuros, em Consistório com 20 cardeais, expressou o desejo de convocar um concílio. E após uma longa fase de preparação, no dia 11 de outubro de 1962, iniciava-se o maior concílio da Igreja católica, que contou com quase 2000 padres conciliares. Foi um período de muita reflexão, debates, orações que durou três anos. O papa João XXIII veio a falecer em 3 de junho de 1963, antes da conclusão do concílio, e por isso houve a eleição do novo pontífice. O escolhido foi o cardeal e arcebispo de Milão, Giovanni Battista Montini, que escolheu o nome de Paulo VI, em referência ao apóstolo São Paulo. O novo pontífice conduziu os trabalhos até o término do concílio, em 8 de dezembro de 1965.

A realização do CV II foi, sem dúvida, um sopro do Espírito para o tão sonhado *aggiornamento* na vida da Igreja católica. Como era o desejo do “papa bom”, a Igreja deveria trilhar um caminho não só de renovação, mas também de reconciliação com o mundo, abandonando uma postura hostil e feroz contra a modernidade para abrir-se a um novo horizonte de diálogo e reconhecimento de aspectos positivos da era moderna<sup>34</sup>.

No discurso de abertura do CV II, o papa João XXIII pedia uma Igreja atenta aos sinais dos tempos, aberta à ação do Espírito, e que a doutrina não fosse algo apenas repetido, mas que fosse apresentada com um caráter pastoral<sup>35</sup>, indo ao encontro e ao modo de pensar dos homens e mulheres de seu tempo. Parafraseando o filósofo Kant, o CV II foi uma grande revolução copernicana na Igreja católica. Sem dúvida, um grande salto qualitativo que propiciou não só um novo rosto para a Igreja, mas imprimiu um jeito de ser, de caminhar e evangelizar mais congruente com as exigências do tempo presente.

O paradigma pastoral conciliar trouxe consigo algumas características que passaram a determinar o horizonte da missão evangelizadora da Igreja na segunda metade do século XX. O teólogo Antônio Almeida sintetizou essas características a partir de cinco dimensões, a saber: a centralidade da Palavra, a renovação litúrgica, a Igreja compreendida como povo de Deus, uma Igreja voltada para o mundo em permanente diálogo e uma Igreja mistério-trinitário a serviço do Reino<sup>36</sup>.

A primeira dimensão, a centralidade da Palavra, levou a Igreja a alimentar-se da Sagrada Escritura não apenas nas celebrações, mas em toda ação pastoral. A Bíblia vai para as mãos do povo por meio dos grupos bíblicos e de reflexão. Há um resgate da leitura orante da Bíblia. Na

---

<sup>34</sup> JOÃO XXIII. *Gaudet Mater Ecclesia*. Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II. 1962. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html). Acesso em: 15 fev 2023.

<sup>35</sup> JOÃO XXIII, GME, V, 1.

<sup>36</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 101-104.

catequese renovada, a Escritura ganha um lugar de destaque, ela torna-se a fonte mais importante para o aprofundamento da fé e da vivência cristã.

Em relação à renovação litúrgica, a sua maior visibilidade está na celebração da missa. O sacerdote, que era o único celebrante e, ficava na posição *versus Deum* e *ad orientem*, ou seja, de frente para o altar e em direção ao Oriente (Jerusalém), passava agora para a posição *versus populum*, isto é, de frente para o povo. A mudança não é apenas posicional, mas sim com o intuito de recuperar o modo de celebrar da Igreja nos primeiros séculos. Além disso, a ação litúrgica voltada para a assembleia, que é o “povo sacerdotal” (1Pd 2,9), deixa de centralizar-se na pessoa do “sacerdote celebrante” (SC, n. 33). O padre é aquele que preside a missa, e juntamente com toda a assembleia litúrgica celebra o mistério pascal de Cristo. Outra mudança significativa foi o uso da língua vernácula nas missas. Os fiéis, que antes assistiam às missas, poderiam participar com mais consciência e ativamente da ação litúrgica, inclusive podendo exercer algum ministério através da proclamação das leituras, preces e cantos.

A terceira dimensão, a eclesiologia do povo de Deus, evidencia uma nova concepção de Igreja. Na eclesiologia imediatamente anterior ao CV II vigorava uma Igreja “estritamente hierárquica (*societas perfecta*), triunfalista, centrada no papa e na Cúria Romana, em que os leigos eram mais objetos passivos da iniciativa concentrada no vértice do que sujeitos ativos da dinâmica eclesial”<sup>37</sup>. A partir da eclesiologia da Igreja Povo de Deus, presente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), pela graça batismal, todos os fiéis passam a ter uma mesma dignidade (LG, n. 32). Essa nova imagem recupera não só a cidadania de cada cristão na Igreja, mas também a dimensão missionária de seu batismo, bem como de toda comunidade eclesial<sup>38</sup>. Cada fiel torna-se partícipe do tríplice múnus de Cristo: sacerdote, profeta e rei, passando a ser também protagonista na ação missionária e evangelizadora da Igreja.

Na quarta dimensão, em uma Igreja voltada para o mundo, dá-se um passo muito significativo para o diálogo e a reconciliação com a sociedade moderna. A Igreja, embora não seja deste mundo, vive nele e para ele. E por isso, na sua missão evangelizadora, não pode ficar indiferente às realidades terrenas e às tarefas temporais do homem e da mulher neste mundo. Isso está explícito logo no início da Constituição *Gaudium et Spes* (GS):

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito

<sup>37</sup> ALMEIDA, Antônio José de. *Lumen gentium*. A transição necessária. São Paulo: Paulus, 2005, p. 79.

<sup>38</sup> MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 40.

Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história. (GS, n. 1)

Sendo assim, a Igreja passa a assumir uma postura de maior sensibilidade perante os novos problemas da humanidade, abrindo-se para as questões sociais, políticas e econômicas do mundo. Há uma transição de uma Igreja presa nas sacristias e nos templos para uma Igreja que começa a sair para as ruas, as praças, e ouvir as vozes dos pobres, dos sofredores e de tantos necessitados. Em sua missão evangelizadora, a Igreja, principalmente em contexto latino-americano, passa a ter uma postura de atenção preferencial pelos pobres, excluídos e marginalizados – estando com eles, lutando por uma sociedade com mais justiça, paz, igualdade e fraternidade.

Nesta perspectiva de abertura da Igreja, não se pode deixar de lado o ecumenismo, com o objetivo de suscitar um apelo constante pela tão sonhada unidade entre as Igrejas Cristãs. É o convite expresso no Decreto *Unitatis Redintegratio* (UR) do CV II, que diz: “Tudo o que é verdadeiramente cristão jamais se opõe aos bens genuínos da fé” (UR, n. 4), reforçando que, no diálogo ecumênico, deve-se buscar mais os elementos que geram unidade do que aquilo que divide. Neste sentido, deu-se também outro passo importante, o estabelecimento do diálogo com as religiões não cristãs. O discurso de superioridade de uma religião sobre as demais deve dar lugar ao reconhecimento da legitimidade das outras religiões e seus valores. É essa nova mentalidade que impulsionou a Igreja a expressar com mais ênfase gestos de respeito, de fraternidade, pedidos de perdão e, sobretudo, evitando toda espécie de discriminação e discurso contra as religiões. É como recorda a Declaração *Nostra Aetate* (NA): “Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à sua imagem” (NA, n. 5).

Por fim, na última dimensão, destaca-se o mistério da Igreja, que se origina em Deus e tem na Trindade o fundamento de sua comunhão. Essa realidade foi recuperada na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* “em que a Igreja é [...] em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, n. 1). Essa visão esclarece melhor a natureza de mistério da Igreja, bem como sua missão no mundo, isto é, ela não existe para si mesma, mas deve ser instrumento de Deus para congregar as pessoas para ele, e preparar o momento em que “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15,28). Até que se chegue à plenitude do final dos tempos, a Igreja deve colocar-se a serviço do Reino e, na força do Espírito Santo, tornar esse Reino presente no mundo.

### 1.3 Paradigmas pastorais pós-Concílio Vaticano II

Com a virada radical na práxis evangelizadora da Igreja, impulsionada pelo paradigma do CV II, surgem novos estilos de fazer pastoral. A mudança se verifica no uso de uma linguagem mais acessível à realidade dos fiéis, como também no uso de metodologias com a contribuição de diversas ciências, a fim de que se aproxime mais do contexto moderno, para perceber com maior clareza os seus desafios, mas também enxergar os seus valores.

Iremos elencar, agora, os principais paradigmas pastorais que surgiram após o CV II, a saber: o missionário e a nova evangelização. Eles tiveram a árdua missão não só de fazer chegar às dioceses, paróquias e comunidades toda riqueza e as reformas apregoadas pelo paradigma do CV II, como também impulsionaram uma nova evangelização, voltada para um diálogo mais aberto, respeitoso e sadio com a modernidade.

#### 1.3.1 Paradigma pastoral missionário

Com o forte impulso das propostas pastorais do Vaticano II, que modificaram a maneira, o jeito de evangelizar da Igreja, surge o paradigma missionário que, de acordo com Tiago Fialho, teve a sua origem a partir das intuições de três importantes documentos do Magistério: a Exortação Apostólica do papa Paulo VI *Evangelii Nuntiandi* (EN) em 1975, o *Documento de Medellín* (DM) emanado das reflexões do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) na sua segunda assembleia realizada na Colômbia em 1968, e, por fim, a Encíclica *Redemptoris Missio* (RM) do papa João Paulo II promulgada no ano de 1990<sup>39</sup>.

O paradigma pastoral missionário centra a sua ação em três pilares fundamentais:

O primeiro está voltado para o anúncio e a vinda definitiva do Reino; o segundo pilar aponta para a necessidade de uma evangelização que parta da leitura e interpretação dos sinais dos tempos; e no último pilar, o processo evangelizador deve evidenciar a mediação de Cristo, como o único capaz de conduzir à comunhão com Deus.<sup>40</sup>

A evangelização, a partir do viés desse paradigma, coloca o Reino de Deus como a meta prioritária da missão da Igreja. Ela deve atuar como instrumento de anúncio e promoção do Reino pregado por Jesus Cristo: “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo mais vos será acrescentado” (Mt 6,33). Deve, portanto, ser porta-voz, lutar e criar condições para

<sup>39</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação, p. 87.

<sup>40</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação, p. 88-89.

que este Reino se instaure neste mundo, mesmo tendo a consciência de que ele não é deste mundo.

Neste novo horizonte de evangelização, iluminado pela categoria dos sinais dos tempos do CV II, os agentes de pastoral passam a ter uma atenção e maior sensibilidade para as manifestações que o Espírito Santo diz ao mundo e à Igreja. A Igreja, no contexto latino-americano, irá usar o tão consagrado método ver-julgar-agir<sup>41</sup> como instrumento para ler e interpretar esses sinais. Esta metodologia parte da análise da realidade social de um povo, em que se verificam os principais sinais de morte, sofrimento e exclusão, mas também as expressões de vida, justiça e fraternidade. Em seguida, é feita uma reflexão teológica por meio da Sagrada Escritura e da própria Tradição da Igreja para iluminar aquela realidade. E por fim, são propostos gestos concretos, como respostas aos problemas e desafios. A ação evangelizadora da Igreja não se reduz apenas a transmitir a fé, mas deve também, à luz do Evangelho, comprometer-se a transformar o mundo numa realidade social com mais justiça, igualdade, fraternidade e paz.

Em síntese, a partir destes pilares, a missão da Igreja vai enfatizar o objetivo central da evangelização: proclamar Jesus Cristo como o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6), que conduz e leva à comunhão com Deus. Tal paradigma missionário, nas palavras do papa João Paulo II, passará a desenvolver a ação da Igreja com base na verdade de fé em que “Cristo é o único Salvador da humanidade, o único capaz de revelar e de conduzir a Deus” (RM, n. 5). É preciso, porém, fazer uma consideração que, em alguns lugares, tal paradigma acabou sendo atrelado também à colonização. Isso gerou grande desrespeito e destruição de muitas tradições religiosas e culturais dos povos evangelizados. Inclusive, esta tem sido uma preocupação recorrente no ministério do papa Francisco. Como, por exemplo, na Exortação Apostólica Querida Amazônia, (2020), em que ele afirma:

O objetivo é promover a Amazônia; isto, porém, não implica colonizá-la culturalmente, mas fazer de modo que ela própria tire fora o melhor de si mesma. Tal é o sentido da melhor obra educativa: cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir. Assim como há potencialidades na natureza que se poderiam perder para sempre, o mesmo pode acontecer com culturas portadoras duma mensagem ainda não escutada e que estão ameaçadas hoje mais do que nunca. (QA, n. 28)

### 1.3.2 Paradigma pastoral de nova evangelização

---

<sup>41</sup> O Método de Revisão de Vida, Ver-Julgar-Agir, foi criado pelo cardeal belga Joseph Cadin, fundador movimento Juventude Operária Católica (JOC).

A expressão “nova evangelização” foi usada pelo papa João Paulo II, pela primeira vez, no Santuário de Santa Cruz em Mogila, na Polônia, no dia 9 de junho de 1979. Segundo Tiago Fialho, o pontífice volta a utilizar esta expressão no discurso feito aos bispos do CELAM, no ano de 1983 em Porto Príncipe (Haiti)<sup>42</sup>, com mais clareza para significar o que seria esse termo, isto é, “uma evangelização nova no seu ardor, nos seus métodos, nas suas expressões”<sup>43</sup>.

Tal paradigma é na verdade um desdobramento do missionário. Ele tem como intuito primeiro reevangelizar aqueles continentes que durante muito tempo tiveram uma forte presença do Cristianismo. No entanto, com o passar dos séculos, devido às profundas transformações sociais e culturais, passaram a experimentar o fenômeno da descristianização.

Nesse paradigma, há, sem dúvida, uma grave preocupação da Igreja em questionar e rever seu modo e métodos de evangelizar, mas também se vê claramente a exigência de um anúncio do Evangelho mais inculturado às diversas realidades dos continentes, países e comunidades. Deve-se ter atenção ao surgimento de sinais que vislumbram um mundo marcado pela fragmentação da vida, pelo enfraquecimento do espírito de solidariedade e partilha, por uma antropologia que coloca o ser humano no centro e deixa Deus e Cristo de lado, enfim, uma realidade nada favorável à proclamação dos valores do Evangelho.

O principal escopo desse paradigma é fundamentalmente: buscar meios, estratégias que possibilitem escutar e dialogar com “os fiéis batizados que, por diversos fatores, se afastaram da vida eclesial, e que, portanto, necessitam de uma nova evangelização” (RM, n. 33).

Em síntese, este modelo impulsionou a Igreja não só a rever seu modo de evangelizar como também a buscar respostas frente aos desafios de um cenário tão complexo. Ao invés de ficar apenas numa postura defensiva, passou a enxergar valores neste mundo, os quais foram importantes para que o Evangelho pudesse continuar a ser proclamado. A Igreja católica começou a dar passos para superar a mera transmissão automática da fé, de pai para filho, e se enveredou pelo caminho da transmissão da fé que se dá sobretudo pelo testemunho, diálogo e respeito com as pessoas dessa nova realidade cultural. Este paradigma, caso a sua proposta não seja bem entendida, corre o risco de desconsiderar tudo o que foi feito de evangelização pela Igreja em muitos lugares no passado. Não se trata de desprezar a primeira evangelização, mas sim aprimorar os métodos e estratégias para comunicar, de modo novo, o mesmo conteúdo da fé cristã, porém, num contexto histórico com seus novos desafios.

---

<sup>42</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação, p. 91.

<sup>43</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso de abertura da XIX Assembleia Ordinária da CELAM em Porto Príncipe, Haiti*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830309\\_assemblea-celam.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html). Acesso em: 4 out 2022.

## 1.4 Paradigmas pastorais transversais na América Latina

Chegamos à última seção do capítulo primeiro, em que iremos abordar mais um grupo de paradigmas pastorais: popular-libertador, carismático-pentecostal e de conversão. Embora todos tenham, direta ou indiretamente, suas inspirações no paradigma do CV II, por motivos didáticos, e também para enfatizar a inserção de cada um deles na sua realidade local, resolvemos agrupá-los num único bloco. A marca desses paradigmas é justamente desenvolver uma evangelização inculturada, que respeita, valoriza e reconhece os sinais de Deus já presentes na cultura de cada povo. Esses paradigmas pastorais se estabelecem primeiramente pelo testemunho, e depois, pela proposição do Evangelho com delicadeza e amor, a fim de que cada pessoa ou comunidade, numa livre adesão, possa encarná-los em sua cultura.

### 1.4.1 Paradigma pastoral popular-libertador

No contexto da América Latina, pouco após o CV II, surge o paradigma pastoral popular libertador<sup>44</sup>. A sua novidade consiste em fazer de toda ação pastoral e evangelizadora um forte movimento voltado para a construção de uma sociedade radicalmente nova. Essa sociedade tem como referência os valores do Reino de Deus, isto é, um reino de justiça e verdade, de amor e paz, de vida e liberdade. Há uma grande preocupação em promover a libertação de tudo aquilo que escraviza, fere e mata o ser humano, em particular, os pobres.

Este paradigma proporciona à Igreja um processo de evangelização marcado por cinco importantes características: a Palavra de Deus que gera libertação e leva aos pobres a esperança de um novo mundo; a liturgia como celebração da fé e da vida do povo; a valorização das comunidades eclesiais de base; a construção de uma sociedade solidária e justa; a força da ministerialidade eclesial<sup>45</sup>.

Em relação à primeira característica desse paradigma, tem-se a proclamação da Palavra como fonte de libertação e geradora de esperança para os excluídos e marginalizados da sociedade. Ela age como força profética de denúncia contra tudo aquilo que se encontra na contramão do programa do Reino. Palavra que chega ao coração dos pobres, excluídos e marginalizados, “fazendo deles destinatários importantes da revelação de Deus e da evangelização”<sup>46</sup>. As iniciativas e projetos pastorais são desenvolvidos com o auxílio do método

---

<sup>44</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 109.

<sup>45</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 109-111.

<sup>46</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 110.



ver-julgar-agir, buscando na Palavra, no Magistério e na Tradição luzes e soluções que possam ajudar a sanar e minimizar a dor e o sofrimento dos mais vulneráveis da sociedade.

A liturgia como lugar não apenas da celebração dos mistérios pascais, mas também da celebração da vida e da festa dos pobres<sup>47</sup>. Há uma proposta de liturgia que busca integrar a fé e a vida, tornando as celebrações mais simples, sóbrias, afetivas e familiares, capazes de trazer para o altar não só as alegrias, mas também as dores do povo. A religiosidade popular ganha força neste paradigma, no entanto, com um viés de libertação e serviço aos pobres. As celebrações têm sempre uma preocupação de suscitar nos fiéis um compromisso com a justiça, a paz, a fraternidade e a transformação social da realidade.

Nesse paradigma, há ainda o florescimento das chamadas comunidades eclesiais de base. Elas se desenvolvem em pequenos grupos, capazes de agir com mais coesão, força e vitalidade na luta contra os sistemas que geram exclusão e sofrimento aos pobres. A preocupação primeira não é o poder, mas sim o serviço generoso aos pequenos, pobres e mais necessitados: “As relações nas comunidades de base são democráticas, visando a participação e a colaboração de todos nas decisões, na realização de assembleias, na escolha das lideranças dos conselhos e grupos”<sup>48</sup>.

A evangelização traz consigo a dimensão social. A caridade e a promoção da dignidade da pessoa humana são marcas irrenunciáveis nesse paradigma. Não se pode pensar numa Igreja distante ou indiferente aos problemas sociais do mundo. Por isso, surgem muitas ações, projetos, pastorais que prestam um serviço solidário aos mais carentes e necessitados, como presença da Igreja junto ao povo na busca de justiça. O anúncio do Evangelho de Jesus não é apenas para salvar as almas, mas salvar e libertar a pessoa na sua integridade, como dito no Evangelho segundo João: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

A ministerialidade é outra característica deste paradigma. Uma Igreja menos hierárquica e mais servicial. Os ministros ordenados tornam-se verdadeiros servidores da comunidade, em especial no cuidado e atenção com os pobres<sup>49</sup>. Os cristãos leigos (as), pela graça do sacerdócio batismal, assumem ministérios e carismas para edificar as comunidades e atender as necessidades do povo. É, sem dúvida, uma experiência muito próxima do ideal das comunidades primitivas, em que se verifica o cuidado e atenção às necessidades dos mais

---

<sup>47</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 110.

<sup>48</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 110.

<sup>49</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 111.

pobres, a vida de oração alimentada pela Bíblia, a generosidade na partilha e fração do pão, e a comunhão pela vida fraterna (At 2,42-45).

Em síntese, este paradigma foi um importante passo e resposta da ação evangelizadora da Igreja católica na América Latina. A evangelização inserida, e em diálogo com a cultura dos mais pobres e excluídos, ocasionou uma inversão significativa, ou seja, quem vai inculturar o Evangelho não é o evangelizador, mas sim as pessoas que dentro de sua cultura vão assimilar os elementos evangélicos e exprimi-los de modo cultural totalmente novo. Para Brighenti, esse novo paradigma “procura formar a consciência cidadã, para que os próprios excluídos, organizados como cidadãos, sejam protagonistas, no seio da sociedade civil, de um mundo solidário e inclusivo de todos”<sup>50</sup>.

Tal paradigma, também apresentou seus limites. As críticas da hierarquia da Igreja católica viram nele: risco de proximidade com o marxismo, desenvolvendo uma teologia de luta de classes; a forte ênfase na dimensão social, deixando em segundo plano a dimensão espiritual; uma releitura essencialmente política da Escritura; inversão dos símbolos no domínio dos sacramentos; um messianismo apenas temporal, esquecendo também da sua dimensão escatológica; a substituição da ortodoxia pela ortopraxis como critério da verdade<sup>51</sup>. Apesar dos limites, que são próprios de cada paradigma, não se pode deixar de lado, os seus benefícios e bons frutos.

#### **1.4.2 Paradigma pastoral carismático-pentecostal**

O paradigma pastoral, chamado aqui de carismático-pentecostal, nasce nos Estados Unidos, na segunda metade dos anos 60, e se difunde rapidamente em todos os continentes. No Brasil, ele chega a partir de 1969, e vai aos poucos, crescendo e se estruturando entre os anos 70 e 80, até que chega ao seu auge nos anos 90. A adesão por este paradigma nas dioceses e paróquias é grande, tendo a simpatia não só de leigos, mas também de muitos padres, religiosos e seminaristas. No Brasil a maior expressão de tal paradigma pastoral é a Renovação Carismática Católica (RCC). Tal movimento foi se fortalecendo com o passar dos anos,

---

<sup>50</sup> BRIGHENTI, *Teologia Pastoral*. A inteligência reflexa da ação evangelizadora, p. 76.

<sup>51</sup> CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19840806\\_theology-liberation\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html). Acesso em: 5 out 2022.

sobretudo, através dos milhares de grupos de oração, dispersos pelo mundo em mais de cento e quarenta países<sup>52</sup>.

Ao contrário do paradigma pastoral popular-libertador, esse paradigma assume uma evangelização bastante eclética e difusa, que experimenta muitas vezes uma fé mais emocional e menos racional, assumindo uma preocupação mais estética do que ética. O uso da Palavra tende mais para um discurso de autoajuda do que profético. Verifica-se nos fiéis, de modo geral, uma busca pelos textos bíblicos, mas por meio de uma interpretação literal e desconectada do seu contexto. O que se busca no fundo é o desejo de ouvir de Deus respostas prontas, como num toque de mágica, relativas a problemas emocionais, financeiros, amorosos e de cura para as doenças.

Em se tratando da liturgia, há um foco maior na adoração do que propriamente na celebração da eucaristia. Alguns preferem tocar na hóstia a se alimentar dela. O sacrário e o ostensório são mais importantes que o altar<sup>53</sup>. Existe um viés bastante emocional nas celebrações, por causa de músicas intimistas, de excesso de gestos, de aconselhamentos psicológicos, orações de cura e libertação, que muitas vezes chegam a provocar nos fiéis um verdadeiro transe espiritual.

A espiritualidade de cunho neopentecostal é muito forte nesse paradigma. Há a proliferação das chamadas novas comunidades, novos grupos, movimentos, imbuídos da ação do Espírito Santo<sup>54</sup>. A centralidade desta evangelização é o anúncio querigmático, mas transformado em celebrações e espetáculos, com fortes momentos de avivamentos, que nem sempre provocam uma verdadeira transformação na vida dos fiéis. Em tal paradigma, as questões e as pautas sociais ficam em segundo plano, pois transformar o mundo “não é tarefa nossa”, mas daqueles que estão no mundo. Há uma grande tendência de demonização do mundo, o qual se deve evitar e, sobretudo, dele fugir.

O clero tem um novo perfil neste paradigma. Ele utiliza uma linguagem mais existencial e familiar na homilia e recebe do povo *status* de sacerdotes ungidos e divinizados<sup>55</sup>. É verdade que os padres se esforçam para estar mais junto do povo, cumprir com as obrigações de pastor, no entanto, nem sempre conseguem levar a comunidade a um verdadeiro engajamento e comprometimento com o Reino. Nesse sentido, há também um certo distanciamento do clero com os problemas sociais. Nas palavras de Antônio Almeida, “há um retorno das batinas, de

---

<sup>52</sup> RUBENS, Pedro. *O rosto plural da fé*. Da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer. São Paulo: Loyola, 2009, p. 104.

<sup>53</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 114.

<sup>54</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 115.

<sup>55</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 116.

algumas missas celebradas em latim, uma visão angelical e divinal do sacerdote, enquanto a profecia, o sangue dos mártires, parece não importar tanto para essa nova geração”<sup>56</sup>. De acordo com Brighenti, tal perspectiva apenas reforça “a velha prática providencialista e milagreira, que mereceu a crítica por parte dos filósofos da práxis, da ‘religião como alienação’, escapismo da concretude da história ou de transferência a Deus de nossas próprias responsabilidades”<sup>57</sup>.

Apesar dos limites apresentados nesse paradigma, não se pode deixar de reconhecer alguns bonitos frutos, como por exemplo:

a experiência de conversão pessoal, expressa concretamente em uma transformação moral individual, familiar e profissional; a redescoberta do Espírito Santo como acesso à fé trinitária; a valorização do aspecto experiencial da fé; um gosto renovado pela oração pessoal e comunitária; uma participação muito ampla dos leigos na vida da Igreja; o engajamento na missão apostólica não só para batizar os convertidos, mas também para converter os batizados, entre outros<sup>58</sup>.

Enfim, a seu modo, esse paradigma tentar responder aos desafios da evangelização na contemporaneidade: pastoral urbana e pastoral de massas, pastoral junto aos mais abastados e classes médias, forte presença nos meios de comunicação social, o recrutamento de jovens envolvidos nas drogas, em conflitos familiares, e em situação de depressão, de perda do sentido da vida<sup>59</sup>.

#### 1.4.3 Paradigma de conversão pastoral

O último paradigma pastoral a ser apresentado é o de conversão, fruto dos desdobramentos da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho realizada em Aparecida, Brasil, no ano de 2007. A grande marca desse paradigma é promover uma evangelização a serviço da vida em plenitude para cada pessoa e para todos os povos, criando condições para que sejam capazes de assumir o protagonismo de seu próprio desenvolvimento (DAp, n. 399). E para isso, a Igreja deve voltar-se para um estado permanente de missão, que implica uma atitude de conversão de toda sua ação pastoral (DAp, n. 365). Há aqui um cuidado em rever as estruturas eclesiais e pastorais que se tornaram caducas e que já não respondem mais aos desafios do tempo presente. Por isso, se for o caso, deverão ser

<sup>56</sup> ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, p. 117.

<sup>57</sup> BRIGHENTI, Modelos de pastoral e eclesiológicos, em torno à renovação do Vaticano II, p. 298.

<sup>58</sup> RUBENS, *O rosto plural da fé*, p. 123.

<sup>59</sup> BOFF, Clodovis. *Carismáticos e libertadores na Igreja*. REB 60(237), 36-53.

abandonadas (DAp, n. 366). A exigência fundamental é fazer com que a chamada pastoral de conservação se torne uma pastoral decididamente missionária (DAp, n. 370).

Toda a ação evangelizadora do paradigma de conversão pastoral está fundamentada em quatro pilares ou eixos, a saber: a experiência pessoal do encontro com Jesus Cristo (DAp, n. 243), a comunhão na Igreja (DAp, n. 226b), a formação do discípulo de Jesus (DAp, n. 276), e por fim, o compromisso missionário de toda a comunidade (DAp, n. 226d). São estes pilares que vão dar a dinâmica e o horizonte pastoral de toda a caminhada da Igreja católica na América Latina nos anos seguintes.

No primeiro eixo, que pode ser denominado de cristológico, a evangelização deve partir sempre de Jesus Cristo e conduzir o cristão a uma forte e bonita experiência de encontro pessoal com o mestre. Não se pode passar à condição de discípulo sem essa experiência. Por isso, o encontro deve provocar na pessoa uma autêntica mudança de vida, que a leve a dar um passo para a vida discipular. Alguns elementos são indispensáveis para essa experiência pessoal: a catequese de inspiração catecumenal, que conduz o fiel a um processo de autêntica iniciação à vida cristã; a Sagrada Escritura (DAp, n. 247), que ocupa lugar central em toda ação pastoral; a oração pessoal e comunitária (DAp, n. 255), que auxilia os fiéis no cultivo da espiritualidade cristã; a comunidade, enquanto lugar de encontro com o Cristo nos irmãos e irmãs, sobretudo nos pobres e mais vulneráveis (DAp, n. 257), torna-se ambiente de fraternidade, fé e amor. A vida litúrgica (DAp, n. 250), especialmente a eucaristia, bem celebrada e participada, torna-se um lugar de importante encontro com o Cristo, como também as celebrações da Palavra realizadas pelos cristãos leigos e leigas nas comunidades. Na dimensão cristológica desse paradigma, há um destaque para a religiosidade popular (DAp, n. 258), enquanto cumpre o seu papel de ajudar o fiel a viver de maneira legítima a fé, e um modo de sentir-se parte da Igreja (DAp, n. 264).

No segundo eixo, o eclesiológico, todos são chamados a viver a experiência de uma Igreja comunhão. Isso implica uma evangelização que preze pela acolhida fraterna, a valorização de cada membro da comunidade, onde ninguém se sinta excluído. É importante deixar claro que não há discípulo sem comunidade, e nem cristão sem Igreja (DAp, n. 156). Existe, neste paradigma, um desejo de despertar nos cristãos batizados a corresponsabilidade de todos no processo evangelizador da Igreja, desde o leigo até o papa. Além disso, há uma grave preocupação em buscar uma convivência mais harmoniosa e fecunda com cristãos de outras denominações, e também com pessoas de outras religiões. O movimento para estabelecer o diálogo e o respeito com o diferente ganha muita força neste paradigma, sobretudo, colaborando para superar tantas formas de intolerância entre as religiões. A criação de pequenas

comunidades e a descentralização das atividades pastorais, a fim de evitar que tudo se concentre apenas na matriz de uma paróquia, é uma diretriz importante assumida por tal paradigma.

A formação do discípulo é o terceiro eixo do paradigma de conversão pastoral. O aprofundamento no conhecimento da Palavra, bem como nos conteúdos da fé, proporciona uma formação mais sólida e consistente para que o discípulo no mundo seja capaz de dar as razões da sua fé. No entanto, a formação não se reduz somente à dimensão intelectual, mas a todas as dimensões da pessoa, ou seja, humana e comunitária, espiritual, pastoral e missionária (DAP, n. 280). Tal paradigma adota a formação integral e a catequese permanente (DAP, n. 286) como instrumentos indispensáveis na transmissão da fé, que eduque realmente o discípulo na fé, na vivência de sua vocação, identidade e missão de ser sal e luz (Mt 5,13-14) e fermento (Mt 13,33) na sociedade. Os lugares principais para formar o discípulo de Cristo são: a família (DAP, n. 302), pois nela o discípulo tem a sua primeira experiência de comunidade; logo em seguida, vem a paróquia (DAP, n. 304), distribuída em pequenas comunidades (DAP, n. 307), onde se torna possível o crescimento e o amadurecimento do discípulo no contato e convivência com uma variedade de situações, idades e tarefas; no caso daqueles que são chamados ao ministério ordenado e à vida consagrada, a formação nos seminários e nos conventos (DAP, n. 314) ganha papel importante, isto é, garantir aos candidatos um processo formativo integral, a fim de que cheguem ao final deste percurso com um projeto de vida estável e definitivo<sup>60</sup>.

O último eixo é consequência dos anteriores, ou seja, a comunidade é conduzida a assumir de modo permanente a missionariedade (DAP, n. 370). A comunidade revigora-se internamente em toda sua ação pastoral, saindo daquele modelo de pastoral de conservação e passando para o nível de uma evangelização que tem a missão como um grande serviço a todas as pessoas. A proposta desse paradigma é que a missão não se resuma apenas à vida *ad intra* comunitária, mas esteja para além das estruturas eclesiais e alcance os diversos setores da sociedade: família, trabalho, educação, saúde, cultura, a ecologia etc. O discípulo missionário de Jesus Cristo deve transitar tanto na realidade eclesial quanto na social, levando o Evangelho para dentro do mundo e o mundo para dentro da vida da Igreja.

Embora este paradigma apresente muitas vantagens, como foi visto anteriormente, há sempre o risco de sonhar com uma realidade na teoria, mas no campo da práxis deparar-se com elementos que dificultam a sua concretização. Tal paradigma, inclusive, terá uma forte incidência na elaboração das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja católica no Brasil, que serão abordadas no terceiro capítulo desta pesquisa. O grande desafio de tal

---

<sup>60</sup> BRIGHENTI, Agenor. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 52.

paradigma é: provocar em cada fiel um autêntico processo de conversão pessoal, e se isso não acontece, dificilmente esta perspectiva alcançará os frutos pretendidos. Abandonar as estruturas pastorais que vigoraram durante séculos é algo extremamente desafiador, pois, requer desinstalar-se do comodismo, dos resquícios da cristandade e tibieza em que a Igreja se encontra. Mas como reza o dito popular, quanto maior o desafio, maior será a vitória.

## **1.5 Conclusão do capítulo 1**

O objetivo central do primeiro capítulo foi traçar um panorama dos paradigmas pastorais de evangelização que marcaram a ação da Igreja. Assim, pudemos observar as marcas importantes de cada um deles na evangelização. Nesta conclusão parcial, queremos fazer uma recordação do caminho feito até o presente momento, dando destaque para os aspectos mais significativos de cada paradigma.

O paradigma apostólico teve seu início com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, tendo os apóstolos e a primeira geração de cristãos como os grandes protagonistas. Esse modelo priorizou uma evangelização em continuidade com os ensinamentos de Jesus, focada no anúncio querigmático, na proclamação do Reino, no testemunho pessoal, no acompanhamento de proximidade e na formação de comunidades fraternas, solidárias, orantes e missionárias.

O paradigma catecumenal foi um desdobramento do apostólico, embora com uma evolução bastante qualitativa em relação ao primeiro. Na verdade, o modelo catecumenal é um aperfeiçoamento do apostólico. As características mais elementares deste paradigma são: a comunidade como corresponsável no processo de evangelização dos novos membros; uma liturgia bem evoluída em relação ao paradigma anterior, estabelecendo a unidade entre catequese, os ritos celebrados e a vida; e por fim, a marca do discipulado como fruto de toda evangelização catecumenal.

No período da cristandade, o paradigma pastoral que se estabeleceu provocou uma ruptura significativa com os anteriores. A metodologia de evangelização se deu a partir da proposta de enquadramento, transmitindo a fé como uma herança recebida. A evangelização aconteceu sem maiores problemas, pois havia um ambiente homogêneo e praticamente todo institucionalmente cristão. Neste contexto, dizer-se cristão era motivo de orgulho, além de trazer, para alguns, *status* e poder. A Igreja, em sua ação evangelizadora, colocava todo o seu foco na transmissão da doutrina, na moral, na administração dos sacramentos e na disciplina canônica.

O último paradigma pré-conciliar, denominado de nova cristandade, foi uma tentativa de prolongar na Igreja o regime de cristandade. Este paradigma foi bastante influenciado pela mentalidade de uma pastoral de enquadramento, no entanto, o cenário era completamente distinto do período de cristandade. Se antes o ambiente era praticamente cristão, agora a Igreja teria que lidar com uma sociedade moderna, bastante influenciada pelo Racionalismo, Empirismo e particularmente pelo Iluminismo. Isso trouxe vários embates e questionamentos sobre a fé e a doutrina cristãs, o que levou a Igreja a adotar, nesse período, uma posição mais apologética e de luta contra o mundo moderno e suas heresias.

Com a realização do Concílio Vaticano II, novos ares surgiram na Igreja, e consequentemente um novo paradigma se estabeleceu, o conciliar. Ele deu à evangelização um caráter predominantemente pastoral. Esse modelo foi um divisor de águas na ação evangelizadora, pois, trouxe um novo jeito de caminhar, olhar para os problemas e desafios internos da Igreja católica tanto quanto os do mundo moderno. Houve a passagem de uma postura apologética para uma postura de diálogo e reconciliação com a modernidade. As marcas desse modelo estão expressas na centralidade e valorização da Palavra de Deus, com o foco especial para a Bíblia; a renovação litúrgica, que configurou a maior reforma do CV II; o conceito de Igreja que passou a ser compreendido com a noção da categoria Povo de Deus; uma Igreja que deixa a sua clausura e passa a dialogar e abrir-se para o mundo; e por fim, uma Igreja que tem a sua origem no mistério da Trindade colocando-se como instrumento a serviço do Reino. A partir desse novo horizonte, a ação evangelizadora da Igreja deu passos ousados e qualitativos, com o intuito de propor uma nova evangelização mais congruente com os sinais dos tempos.

Na esteira do paradigma conciliar, foram surgindo outras iniciativas pastorais com a finalidade de fazer eco dos ensinamentos e de toda a riqueza do Vaticano II, e ao mesmo tempo, estabelecendo uma evangelização mais próxima da realidade dos homens e mulheres deste tempo. Neste sentido, destacamos o paradigma missionário, que fez com que a Igreja, atenta aos apelos dos sinais dos tempos, desenvolvesse uma evangelização não apenas voltada para a transmissão da fé e da doutrina, mas também comprometida com a transformação social da realidade. Em consonância com modelo missionário, tivemos o paradigma de nova evangelização, cuja preocupação central foi reevangelizar os continentes e países, que experimentaram fortemente o processo de secularização.

Para encerrar o capítulo, destacamos os paradigmas pastorais transversais na América Latina, com o escopo de gestar uma evangelização inculturada, prezando pelo respeito e valorização dos elementos culturais de cada povo. Neste sentido, falamos sobre o paradigma



popular libertador, desenvolvido na América Latina, a partir da opção preferencial pelos pobres. A evangelização, nesta perspectiva, à luz da Palavra de Deus, promoveu um processo de luta contra as estruturas que escravizam e marginalizam a pessoa humana, em especial os mais vulneráveis da sociedade. O paradigma pastoral carismático-pentecostal, influenciou de forma bastante significativa na vida e no jeito de evangelizar das comunidades eclesiais católicas. Este paradigma proporcionou uma evangelização eclética, como forma de tentar dialogar e buscar respostas para os desafios da pós-modernidade. E por fim, apresentamos o paradigma de conversão pastoral. Nele a Igreja buscou evangelizar a partir do princípio da missionariedade, da unidade, do encontro pessoal com Jesus Cristo, da formação do discípulo e da corresponsabilidade de toda a comunidade como protagonista da evangelização. O grande marco foi iniciar processos de ruptura com as estruturas de uma pastoral de mera conservação para uma ação pastoral em permanente estado de missão.

No próximo capítulo, tendo construído esta base histórico-teológica, daremos um novo passo para apresentar a proposta de evangelização à luz da *Pastoral de Geração*. Iremos abordar o seu contexto, a gênese deste novo paradigma, elencar as suas principais características e também apresentar as novidades desse em relação aos paradigmas anteriores. Este caminho será feito a partir das reflexões e dos escritos dos expoentes dessa abordagem pastoral, com um destaque especial para os teólogos jesuítas Philippe Bacq, Christoph Theobald e André Fossion.

## 2 OS FUNDAMENTOS DA PASTORAL DE GESTAÇÃO: DEIXAR-SE GERAR POR DEUS

*Um homem chamado Nicodemos [...] à noite veio encontrar Jesus e lhe disse: “Rabi, sabemos que vens da parte de Deus como um mestre, pois ninguém pode fazer os sinais que fazes, se Deus não estiver com ele”. Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer do alto não pode ver o Reino de Deus”.*

Jo 3, 1-3

Neste segundo capítulo, propomos apresentar a *Pastoral de Geração* com os seus fundamentos, sua novidade em relação aos paradigmas pastorais apresentados no capítulo primeiro, e como ela se propõe a responder aos desafios e crises ocasionados pelas mudanças socioculturais de nosso tempo. Esta abordagem pastoral deseja enriquecer e ajudar a Igreja católica na sua missão de evangelizar, num contexto social e cultural muito complexo, mas que se torna favorável como uma nova oportunidade ao Evangelho.

Iremos desenvolver este capítulo em quatro seções. Na primeira seção, apresentaremos um pequeno panorama das consequências do processo de secularização do Cristianismo, na realidade de muitos países da Europa, especialmente os francófonos. Na segunda seção, faremos a exposição da gênese da proposta da *Pastoral de Geração*, fazendo alusão ao uso de algumas imagens que nos ajudam a ilustrar melhor o objetivo desse paradigma. Já na terceira seção, o objetivo será explanar sobre os pilares que fundamentam a reflexão e a práxis desta nova atitude pastoral. Na última seção, iremos apresentar as principais atitudes que contribuem para uma evangelização em perspectiva de geração com o foco no discipulado. Ao final desse capítulo, realizaremos uma conclusão parcial, recuperando, de forma sintética, as principais novidades do paradigma pastoral de geração.

### 2.1 Um mundo se vai e outro nasce

Há muitas décadas, as sociedades tradicionalmente católicas, que antes estavam impregnadas pela presença do Evangelho, passaram a experimentar um forte processo de secularização. Este fenômeno pode ser compreendido como “um movimento de emancipação em relação ao Catolicismo e uma saída da humanidade da influência religiosa”<sup>61</sup>. Nas palavras

---

<sup>61</sup> DONEGANI, Jean-Marie. *Inculturação e geração do crer*. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.) *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de geração. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 38.

da socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger, “a secularização na Europa ocidental gerou uma ‘exculturação do Cristianismo’”<sup>62</sup>, isto é, uma expulsão de um conjunto de referências cristãs para fora daquela cultura. Isso, sem dúvida, trouxe rupturas e crises na transmissão da fé e dos valores do Cristianismo às novas gerações.

A “secularização não é fim das religiões, nem do Cristianismo”<sup>63</sup>, como explica o teólogo belga André Fossion, mas é com certeza o fim da hegemonia de uma religião sobre as outras. Neste novo cenário de pluralismo religioso, todas as religiões e crenças devem ser respeitadas, valorizadas, e é essencial que entre elas haja uma convivência pacífica e harmônica. Numa sociedade secularizada, a religião não é mais imposta, mas deve ser uma proposta, de forma que o indivíduo tenha a liberdade de escolher e professar a sua crença, seja ela qual for. E até mesmo, não ter religião alguma. É sem dúvida um novo cenário que já afeta muitos países europeus, e que vai chegando também a outros continentes, como por exemplo a própria América Latina, onde já é possível ver sinais desse fenômeno que parece ser irreversível.

A sociedade moderna ocidental, sobretudo em países como a França, Canadá, Bélgica, Holanda, Alemanha, já experimenta fortemente a secularização. Nesses países, a religião e o sentido de Deus vão desaparecendo cada vez mais da consciência pública. O papa Bento XVI, em vários de seus pronunciamentos, referia-se ao processo de secularização como o “eclipse do sentido de Deus”<sup>64</sup>. Esse cenário também se verifica na América Latina, embora não com tanta força como na Europa. De acordo com dados e estatísticas do pesquisador José Eustáquio Diniz<sup>65</sup>, é possível ver sinais evidentes da secularização em países como o Uruguai, onde 31% da população se declara sem religião e apenas 38% se considera católica. Temos também o Chile, que nas últimas décadas ultrapassou o Uruguai em número de pessoas que se declaram sem religião, ou seja, 35% da sua população, herdando, assim, o título de país mais secularizado da América Latina. Segundo esse mesmo pesquisador, o Brasil, embora ainda seja o maior país católico do mundo, já tem 14% de sua população que se considera sem religião, enquanto a porcentagem de católicos é de 53%.

---

<sup>62</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catholicisme, la fin d'un monde*. Paris: Bayard, 2003, p. 288. No original: “La sécularisation en Europe occidentale a généré une “exculturation du Christianisme””. Esclarecemos, para efeitos metodológicos, que os textos em língua estrangeira serão citados em tradução nossa, com reprodução do texto na língua original do autor em nota de rodapé.

<sup>63</sup> FOSSION, André. *O Deus desejável*. Proposição da fé e iniciação. São Paulo: Loyola, 2015, p. 40.

<sup>64</sup> BENTO XVI. Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da República Federal da Alemanha em visita ad limina Apostolorum. 2006. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20061110\\_ad-limina-germany.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061110_ad-limina-germany.html). Acesso em: 5 ago 2022.

<sup>65</sup> ALVES, José Eustáquio Diniz. A transição católica e o crescimento da secularização na América Latina. *IHU On-line*. 25 jan 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/575532-a-transicao-catolica-e-o-crescimento-da-secularizacao-na-america-latina>. Acesso em: 8 ago 2022.

Esses dados ajudam a olhar para um cenário bastante complexo e plural. Já alertava o Documento de Aparecida (DAp), com grande lucidez:

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus [...]. Surge hoje, com grande força, uma sobrevalorização da subjetividade individual. Independentemente de sua forma, a liberdade e a dignidade da pessoa são reconhecidas. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários [...]. Os fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos estão na base da profunda vivência do tempo, o qual se concebe fixado no próprio presente, trazendo concepções de inconsistência e instabilidade. O bem comum dá lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade, da família, das enfermidades e da morte. (DAp, n. 44)

Uma nova época trouxe consigo profundas mutações estruturais nos âmbitos sociais, culturais e religiosos, que geraram um novo mundo. Todas estas transformações levaram a questionamentos e crises para a vida eclesial. Nas palavras do teólogo espanhol José Antônio Pagola, pode-se enxergar com maior clareza algumas das mudanças no âmbito religioso:

Já não estamos mais naquela sociedade em que praticamente todos eram batizados, em que a maioria era cristã praticante, e quase todos se submetiam docilmente ao magistério da Igreja. Hoje podemos observar diferentes formas de fé, de indiferença e de descrença. Podemos topar com fiéis piedosos e gente totalmente desinteressada do religioso; com ateus convictos e pessoas céticas de atitude agnóstica; com adeptos de novas religiões ou movimentos e pessoas que desejam crer sem saber o caminho (...); com gente que crê em Deus sem amá-lo; com pessoas que rezam sem saber muito bem para quem; com gente que acredita em quem fala de Deus.<sup>66</sup>

Na esteira de alguns especialistas, a partir da realidade de muitos países europeus, chega-se a afirmar que entramos numa era pós-cristã, e que a cada dia aumenta o número dos que “ignoram o fato cristão, inclusive como fenômeno histórico e cultural”<sup>67</sup>. Em se tratando da realidade latino-americana, mais precisamente no Brasil, não se pode falar numa era pós-cristã, mas podemos sinalizar para uma fase pós-católica, tendo em vista o grande crescimento das igrejas de tradição protestante e pentecostal no país. Inclusive, a partir de estudos do pesquisador José Eustáquio Alves, estima-se que no Brasil, a partir de 2032, os protestantes sejam maioria em relação aos católicos<sup>68</sup>.

Perante este contexto, ficam algumas indagações: será que o mandato missionário de Jesus à Igreja de ir às nações e fazer discípulos (Mt 27,19) ainda continua válido? O que fazer

<sup>66</sup> PAGOLA, José Antônio. *Anunciar Deus hoje como boa notícia*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 23.

<sup>67</sup> PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 19.

<sup>68</sup> ALVES, A transição católica e o crescimento da secularização na América Latina.

para que a Igreja, que recebeu essa missão do Cristo, possa continuar a realizar o anúncio da Boa Nova aos homens e mulheres de hoje? Como pensar e transmitir a fé nesse contexto? Como estabelecer um diálogo sobre a mensagem cristã com o homem e a mulher imersos na cultura pós-moderna? Será que os paradigmas pastorais que vigoraram na Igreja ao longo de milênios, como vimos no capítulo anterior, continuam com força e condições para cumprir a missão de evangelizar num cenário tão desafiador do tempo presente?

É neste novo mundo, apesar de tantos desafios e crises, que nasce a proposta da *Pastoral de Geração*, que vê neste cenário um tempo favorável “de graça e criatividade aberta às novidades do Espírito”<sup>69</sup>.

## **2.2 Para um novo contexto, um novo paradigma evangelizador, a *Pastoral de Geração***

No ano de 1996, a Conferência dos Bispos Franceses, após estudos e análises da realidade social e cultural da França, deparou-se com um diagnóstico um tanto preocupante: a decadência do Cristianismo, no sentido da diminuição da sua força de impactar a vida das pessoas, mesmo entre os que são ditos cristãos. Nesse diagnóstico, verificou-se uma “sociedade pluralista, individualista e relativista em que, para muitos, a vida cristã já é algo ultrapassado e sem pertinência”<sup>70</sup>. Também veio a constatação de que a Igreja católica foi considerada por boa parte dos franceses como “uma instituição antiquada que defende muito mais um corpo de doutrina e um conjunto de preceitos morais rigoristas do que um caminho de sabedoria e de procura espiritual que conduz à felicidade”<sup>71</sup>.

Essa complexa realidade sociocultural não começou agora. Aliás, ela é fruto de um processo que, segundo Danièle Hervieu-Léger, se deu em duas fases: a primeira a partir do final do século XVIII, em que “a sociedade se libertou do domínio religioso e eclesial”<sup>72</sup>, e a segunda fase, com “a secularização da própria vida privada, através de um distanciamento às práticas e crenças herdadas do Cristianismo, tidas como ilegíveis e sem relação com a realidade presente”<sup>73</sup>. Como já mencionado anteriormente, de acordo com a visão da socióloga, na Europa Ocidental, pode-se falar de um fenômeno de *exculturação* do Cristianismo: “No tempo da

---

<sup>69</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 11.

<sup>70</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 10.

<sup>71</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 10.

<sup>72</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 11.

<sup>73</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 11.

ultramodernidade, a sociedade ‘saída da religião’ elimina até as marcas que esta deixou na cultura”<sup>74</sup>.

Todo este cenário provocou uma grave crise na transmissão da fé cristã. Se antes, no regime de Cristandade, a transmissão acontecia praticamente por herança, aos moldes de uma reprodução automática, no contexto da modernidade, essa transmissão encontra sérias dificuldades, pois para o sujeito moderno, crer e transmitir não é mais algo obrigatório, isto é, essas duas atitudes, que “pareciam implicar-se mutuamente nas formas tradicionais, aparecem cada vez mais desligadas”<sup>75</sup>. Perante esta nova situação, restava aos bispos franceses duas saídas: permanecer indiferentes, sem fazer nada e decretar a falência dessa instituição milenar; ou então adotar uma postura de abertura e diálogo com esse mundo em crise, mas vendo nele uma “possibilidade de um *kairós* de graça e criatividade aberta às novidades do Espírito”<sup>76</sup>. Os bispos decidiram abraçar a segunda saída, conscientes de que essa era a opção mais difícil, porém, aquela que poderia ser capaz de responder com mais congruência aos desafios deste novo mundo.

A época atual não nos oferecerá a oportunidade de apresentar o Cristianismo mais como um caminho de liberdade, de felicidade e de plenitude do que como um código de obrigações? Por outras palavras, não deveríamos apresentar a fé cristã mais como uma mística do que como uma moral? Não será o tempo favorável para pôr à disposição do maior número de pessoas as riquezas de que dispomos e que, durante tanto tempo, reservamos para as pessoas consagradas? [...] Não será o tempo oportuno para tomarmos consciência de que só o Espírito Santo é suscetível de nos dar o impulso necessário para vivermos uma autêntica espiritualidade de comunhão e de evangelização?<sup>77</sup>

A fim de dar respostas a esses complexos desafios, e ao mesmo tempo olhar para esse cenário não como algo estritamente negativo, mas com esperança e a convicção de que o tempo presente continua também oportuno para o anúncio do Evangelho, surge a proposta da *Pastoral de Geração*. Ela deseja ser uma atitude pastoral mais adequada e congruente com o cenário atual, que “ajuda a fazer jorrar o novo nos momentos de crise, ou seja, a momentos de suspensão ou de corte que apelam a um tempo de discernimento, de decisão e de invenção”<sup>78</sup>.

A compreensão do sentido enunciado na *Pastoral de Geração* está unida a uma leitura teológica das evoluções culturais contemporâneas feita por alguns pensadores ligados à

<sup>74</sup> HERVIEU-LÉGER, *Catholicisme, la fin d'un monde*, p. 228. No original: “A l'époque de l'ultra-modernité, la société "sortant de la religion" élimine même les marques que la religion a laissées sur la culture”.

<sup>75</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de geração, p. 25.

<sup>76</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 11.

<sup>77</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 12-13.

<sup>78</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 173.

espiritualidade inaciana, mais concretamente através do Instituto *Lumen Vitae*, localizado em Namur, na Bélgica. Este trabalho teve seu começo no início do novo milênio, em meados do ano de 2004, quando os dois padres jesuítas que são os principais expoentes desta atitude pastoral, o belga Philippe Bacq, falecido em 2016, e o franco-alemão Christoph Theobald, professor emérito do *Centre Sèvres* de Paris, organizaram dois livros, sendo o primeiro com o título *Une nouvelle chance pour l'Évangile* (2004), e o segundo, *Passeurs d'Évangile* (2008).

A partir de tais livros, pode-se encontrar toda a fundamentação da *Pastoral de Geração*. No primeiro livro, os autores traçam um panorama geral sobre esta nova perspectiva pastoral, e o que ela traz de novidade em relação aos paradigmas pastorais vigentes na ação evangelizadora da Igreja. Já a segunda obra tem como escopo aplicar os conceitos da *Pastoral de Geração* aos diversos âmbitos pastorais da vida da Igreja.

Além dos dois principais expoentes à origem desta perspectiva pastoral, fazem parte também outros colaboradores: o jesuíta belga André Fossion, professor emérito do Centro Internacional *Lumen Vitae* de Namur, o francês Jean-Marie Donegani, professor emérito de ciência política e da religião, e por fim, a religiosa francesa Odile Ribadeau Dumas, da Congregação do Sagrado Coração.

## 2.2.1 O significado da expressão *Pastorale d'Engendrement*<sup>79</sup> (*Pastoral de Geração*)

O termo geração, nos dicionários, basicamente é entendido como um estágio intermediário entre a concepção e o nascimento de alguém. Na língua francesa, a palavra *engendrement*, vem do verbo *engendrer*, que significa gerar, fazer nascer, mas com a ideia de que o que nasce inscreve-se em uma linhagem. A palavra *engendrement* traz, assim, uma dupla noção, a primeira ligada à transmissão de algo, e a segunda evoca a noção de novidade, ambas fazendo referência à vida. Os teólogos Philippe Bacq e Christoph Theobald adaptaram o sentido da palavra *engendrement* para o campo teológico-pastoral, para dizer que a *Pastoral de Geração*, em primeiro lugar, pretende desencadear um estilo de vida e ação inspirado na

---

<sup>79</sup> Tiago Miguel Fialho Neto, doutor em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), no seu livro *Hora de mudança na transmissão da fé*, optou por traduzir *Pastorale d'Engendrement* por *Pastoral de Geração*, compreendendo-a enquanto um “conjunto de atitudes que permitem viver num estado de transição, entre a derrocada de um conjunto de formas de existência cristãs herdadas e a inventividade das surpresas com que Deus constantemente nos brinda” (p. 14). No Brasil, Anne Claude Marie Genolini, pertencente à Congregação das Irmãs Auxiliares do Sacerdócio, em sua dissertação de mestrado pela Unicap com o título *Pensar a Fé e sua transmissão em um mundo que nunca mais será cristão: uma leitura da teologia de Christoph Theobald* (2018), também fez a opção em traduzir *Pastorale d'Engendrement* por *Pastoral de Geração*, entendida como “algo que cria as condições para que a fé surja de forma inesperada, como um evento” (p.19).

centralidade do Evangelho<sup>80</sup>, capaz de gestar novos cristãos marcados pela capacidade de relações de proximidade, de criatividade, liberdade, hospitalidade e também de “animar todos os modelos pastorais existentes”<sup>81</sup>.

A *Pastoral de Geração* não determina um modelo pastoral, uma estrutura ou método, mas um modo de remontar à atitude pastoral de Jesus e dos seus discípulos. Nas palavras do teólogo Tiago Fialho, essa nova perspectiva “assume-se como uma forma de dar corpo às iniciativas pastorais surgidas num tempo de profunda mutação da configuração do Cristianismo”<sup>82</sup>.

O espírito da *Pastoral de Geração* apresenta-se como uma Boa Nova para a Igreja, que mesmo diante de um cenário de profundas crises consegue olhar para tudo isso como um *kairós* precioso. Aliás, este é um tempo oportuno para rever práticas evangelizadoras e pastorais que já não respondem mais aos desafios deste novo mundo. É necessário propor novas maneiras de apresentar o Evangelho aos homens e mulheres deste tempo de mudanças, no qual um “mundo está a ir-se embora e outro surge”<sup>83</sup>, mas que continua com muitas possibilidades de escuta e acolhida dessa Boa Nova.

### 2.2.2 Duas imagens para ilustrar a proposta da *Pastoral de Geração*

Na reflexão de Philippe Bacq, o termo geração remete à imagem do âmbito conjugal e familiar, no qual se dá o encontro, a união de amor entre o homem e a mulher para gerar a vida. Segundo este teólogo, essa experiência humana é a “mais poderosa e mais frágil, mais comovente, mais alegre e, por vezes, mais dolorosa que existe”<sup>84</sup>. O processo de geração, aqui enunciado, não se resume apenas ao que corresponde ao período da gravidez da mulher, que normalmente leva nove meses. Mas está dividido em etapas, que vão desde a geração, o nascimento da criança, até atingir a idade adulta. Por isso, falar em geração requer pensar em fases, que são singulares e progressivas, que exigem paciência e respeito, a fim de evitar que

<sup>80</sup> BACQ, Phillipe. La pastorale d'engendrement: qu'est-ce à dire? *Revue Lumen Vitae*, Louvain, v. 63, n.132, p. 299-318, jul/ago/set 2008, p. 300. Disponível em: <https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=fr&u=https://www.cairn.info/revue-lumen-vitae-2008-3-page-299.html&prev=search&pto=aue>. Acesso em: 25 nov 2022.

<sup>81</sup> BACQ, La pastorale d'engendrement: qu'est-ce à dire?, p. 300. No original : “Elle est de l'ordre d'un état d'esprit qui peut animer tous les modèles pastoraux existants”.

<sup>82</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de geração, p. 145.

<sup>83</sup> FOSSION, A. Évangéliser de manière évangélique. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Dirs.). *Passeurs d'Évangile*. Autour d'une pastorale d'engendrement. Montreal: Novalis-Lumen Vitae-Atelier, 2008, p. 57. No original: “Un monde s'en va et un autre vient [...] entre ce qui meurt et ce qui naît”.

<sup>84</sup> BACQ, Philippe. Para uma pastoral de geração. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.) *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de geração. Prior Velho: Paulinas, 2013, p.19.



sejam queimadas. E ao final do processo de gestação, que essa criança possa se tornar um adulto “livre, autônomo e pronto para transmitir à sociedade toda a riqueza da sua novidade”<sup>85</sup>.

A palavra gestação traz consigo uma grande riqueza de conotações que Philippe Bacq faz questão de enumerar. Essa palavra remete também à ideia de:

dom da vida, complementaridade do masculino e do feminino, a reciprocidade das trocas, o nascimento para uma nova identidade; uma atitude de acolhimento e de dom, de prazer, de alegria e também de sofrimento, aceitando o luto, a travessia do desconhecido e a surpresa frente ao imprevisível da vida<sup>86</sup>.

A primeira imagem aplicada de forma analógica ao campo da *Pastoral de Gestação* evoca que a vida é sempre uma surpresa. Mesmo que ela possa ser gerada biologicamente, por meio de um homem e uma mulher, eles não são a sua origem, nem se pode ter o controle sobre todos os processos dessa vida. Assim acontece com o espírito da *Pastoral de Gestação*, que demonstra que não se pode estar na origem da vida e nem da fé das pessoas, mas que a atitude evangelizadora da Igreja deve ser, antes de tudo, colocar-se a serviço das possibilidades e condições que contribuem para o nascimento da fé<sup>87</sup>.

Uma segunda constatação é que gerar uma vida é sempre fazer surgir algo novo e distinto. Um filho é sempre diferente dos seus pais, mesmo trazendo consigo o patrimônio genético dos genitores. O filho não é um clone dos seus pais, mas é um novo ser, com personalidade e identidade próprias. Por isso, a noção de transmissão da fé a partir da ótica da *Pastoral de Gestação* não é da ordem da reprodução, da clonagem, pois ninguém tem o poder de comunicar a fé em si mesma. Pode parecer estranha essa afirmação, mas a fé entendida no seu “sentido elementar de confiar, acreditar na vida, é de fato intransmissível, pois ela já está presente em todo ser humano”<sup>88</sup>.

Uma terceira observação, ao se falar de gerar, é que isso não deve ser compreendido no seu sentido físico ou material, ou seja, ninguém tem o poder de gerar um cristão. Embora o ser humano seja capaz de Deus, é incapaz de produzir a fé em alguém. Portanto, todas as vezes que a expressão gerar for utilizada nessa pesquisa deverá ser entendida como uma atitude de colocar-se ao serviço daquilo que nasce, acolhendo e acompanhando a vida e a fé nascentes. A noção de evangelizar, a partir da inspiração da *Pastoral de Gestação*, estará sempre ligada a velar e criar condições que podem tornar possível a fé. Como diz André Fossion:

---

<sup>85</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p.19.

<sup>86</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p.19-20.

<sup>87</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação, p. 151-152.

<sup>88</sup> GENOLINI, Anne Claude Marie. *Pensar a Fé e sua transmissão em um mundo que nunca mais será cristão: uma leitura da teologia de Christoph Theobald*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2018, p. 57.

Não se fabricam novos cristãos como se fabricam pequenos pães ou pneus Michelin. A fé de um novo cristão será sempre uma surpresa, e não fruto dos nossos esforços, resultado de um empreendimento. Estamos certos de que a fé não se transmite sem nós, mas nós não temos a capacidade de a comunicar. O nosso dever é velar pelas condições que a tornam possível, compreensível, praticável, desejável. A pastoral trabalha estas condições. O resto é assunto de graça e de liberdade.<sup>89</sup>

A segunda imagem para falar da proposta da *Pastoral de Geração* vem dos desastres provocados pelo furacão Lothar na Europa no final do ano de 1999, que destruiu milhões de árvores ao leste da França, na Suíça, Alemanha e Áustria. André Fossion fez uma releitura deste acontecimento, aplicando-a àquilo que é o cerne dessa perspectiva pastoral.

Após a grande devastação do furacão Lothar, alguns engenheiros ambientais foram convocados pelos órgãos competentes para a elaboração de um projeto de reflorestamento das áreas atingidas da floresta. A equipe, ao elaborar este projeto, tinha em mente que seria possível deixar a floresta tal qual ela era antes do furacão. Quando o projeto ficou pronto, após alguns anos, os engenheiros voltaram à floresta para dar início ao processo de reflorestamento. No entanto, tiveram uma grande surpresa: a própria floresta havia se antecipado e realizado um processo de regeneração natural, muito superior ao projeto que eles tinham idealizado. A equipe de engenheiros estava diante de uma nova biodiversidade muito mais rica do que aquela que foi pensada e elaborada no gabinete por eles. Como consequência, eles deixaram de lado o projeto que haviam elaborado e adotaram uma postura de intervir o mínimo possível na nova configuração da floresta, apenas acompanhando de forma atenta e vigilante um processo de regeneração que se deu de forma natural<sup>90</sup>.

A partir da imagem do furacão Lothar, pode-se conceber dois importantes ensinamentos sobre a situação da Igreja. O primeiro é que o desastre causado por esse furacão nos remete aos desafios pelos quais a Igreja vem passando nas últimas décadas, não só do ponto de vista da evangelização, mas também com problemas internos, que vão desde as brigas entre progressistas e conservadores até escândalos morais, financeiros e de corrupção, que contribuem para o seu enfraquecimento e descrédito perante a sociedade. A floresta devastada pelo furacão remete a um Cristianismo com uma paisagem bastante desfigurada, mas que se torna também oportunidade para “reconhecer que a catástrofe não é uma ‘catástrofe’ para toda

---

<sup>89</sup> FOSSION, *Évangéliser de manière évangélique*, p. 62. No original : “On ne fabrique pas de nouveaux chrétiens comme on fabrique des petits pains ou des pneus Michelin. C’est pourquoi la foi d’un nouveau croyant sera toujours une surprise et non pas le fruit de nos efforts, le résultat d’une entreprise. Certes, la foi ne se transmet pas sans nous. Néanmoins, nous n’avons pas le pouvoir de la communiquer. Notre devoir est de veiller aux conditions qui la rendent possible, compréhensible, praticable et désirable. La pastorale travaille sur les conditions. Le reste est affaire de grâce et liberté”.

<sup>90</sup> FOSSION, *Évangéliser de manière évangélique*, p. 60.

gente, que muitos não desejam voltar à floresta antiga, e que o presente é portador de uma melhor biodiversidade eclesial em crescimento”<sup>91</sup>.

O segundo ensinamento está no fato de que, embora a Igreja tenha passado por crises, e continuará a experimentá-las em sua história, há sempre profundos aprendizados frente às tempestades. O momento pós- crise é oportunidade para enxergar coisas que antes não se viam; é tempo para recomeçar, levantar a cabeça e seguir adiante. Evidentemente, que não será do mesmo jeito, mas impelido por um novo horizonte que se descortinou com a tragédia. De uma catástrofe pode nascer algo muito melhor, algo inesperado, fora do controle e do domínio de planejamentos. Assim, mesmo em meio a um tempo marcado por tantas crises e mudanças profundas, a Igreja tem condições de levar adiante a sua missão. No entanto, seus líderes precisam de uma nova atitude: libertar-se do espírito de donos da verdade, da tendência a impor seus dogmas sobre o mundo, abrir mão de sua autorreferencialidade e de suas seguranças, e se deixar regenerar pela ação do Espírito de Deus. A Igreja deve “arriscar, abrir-se ao inesperado de Deus, inventar novos caminhos e alcançar os homens e as mulheres do nosso tempo”<sup>92</sup>.

Em síntese, essas duas imagens ilustram muito bem a proposta da *Pastoral de Geração*: por um lado a atenção, a acolhida e acompanhamento àquilo que nasce em meio a um tempo de amor ou crise, isto é, aproveitar das possibilidades decorrentes de uma união ou de uma crise para vislumbrar um novo caminho de evangelização; de outro lado, colocar-se a serviço de Deus e de suas surpresas, a fim de que cada pessoa, no encontro com ele, possa ser gestada para uma vida nova, ao estilo do Evangelho<sup>93</sup>.

### 2.3 O Evangelho de Deus para todos: da imposição à proposta<sup>94</sup>

O Evangelho (*eu-aggelion*) é uma notícia de bondade radical que é absolutamente sempre nova. Ele já traz em si uma dupla força: humana e espiritual<sup>95</sup>, conforme assevera

---

<sup>91</sup> FOSSION, Évangéliser de manière évangélique, p. 62. No original: “Il s’agit aussi de reconnaître que la ‘catastrophe’ n’est pas une catastrophe pour tout le monde, que beaucoup ne voudraient pas revenir à la forêt ancienne et que le présent est porteur d’une meilleure bio-diversité ecclésiale en croissance”.

<sup>92</sup> BACQ, Philippe. Ouverture. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Dirs.). *Passeurs d’Évangile. Autour d’une pastorale d’engendrement*. Montreal: Novalis-Lumen Vitae-Atelier, 2008, p. 12. No original: “Risquer l’ouverture à l’inattendu de Dieu, inventer de nouveaux chemins et rejoindre les hommes et les femmes de notre temps”.

<sup>93</sup> BACQ, Para uma pastoral de geração, p. 33.

<sup>94</sup> Neste tópico, optamos por seguir a proposta de análise de alguns princípios fundamentais da *Pastoral de Geração*, a partir da dissertação de mestrado de Guy Lebel, defendida em 2013, na Universidade de Laval, no Canadá. Disponível em: <https://www.collectionscanada.gc.ca/obj/thesescanada/vol2/QQLA/TC-QQLA-29747.pdf>. Acesso em: 7 dez 2022.

<sup>95</sup> THEOBALD, Christoph. L’Évangile et l’Église. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Dirs.). *Passeurs d’Évangile. Autour d’une pastorale d’engendrement*. Montreal: Novalis-Lumen Vitae-Atelier, 2008, p. 20.

Theobald. Esta bondade radical só pode ser garantida por Deus, pois ele é *ev-angelho*, isto é, nova de bondade<sup>96</sup>. Em outras palavras, o Evangelho é sempre uma boa notícia quando é proclamado, independentemente do momento, do lugar e de quem o escuta. Ele “não é um conhecimento ou informação adicional que deve ser captada”<sup>97</sup>, como afirma Theobald, ou seja, uma vez recebida a notícia, ela perderia seu caráter de novidade. Ao contrário, a sua bondade radical sempre ressoou em muitas épocas na história da humanidade desde o seu início, como dizem as Escrituras, em suas primeiras páginas: “Então Deus viu que tudo quanto havia feito era muito bom” (Gn 1,31). E essa bondade continuou seduzindo corações e despertando, nos momentos de crise, as novidades do Espírito.

Neste sentido, o pilar fundamental da *Pastoral de Geração* é o Evangelho, que deve ser proposto de modo mais amplo possível, não apenas aos que já são cristãos, mas a toda pessoa, independentemente de crença, religião, raça ou sexo. A ideia é partir dos relatos evangélicos, tendo a pessoa de Jesus Cristo como núcleo, vendo neles o modo de agir do Nazareno perante tantas pessoas que se encontravam com ele, inclusive os seus discípulos. E dessa maneira, atualizar os gestos e a mensagem do Cristo para o tempo presente, de forma que tudo isso continue a ressoar como uma boa notícia aos homens e mulheres de hoje. É importante “abrir a eles o caminho da Palavra, oferecendo uma nova oportunidade de se deixarem gerar por Deus para a sua própria vida”<sup>98</sup>.

A proposta, e não a imposição do Evangelho, é o caminho adotado pela *Pastoral de Geração* para se afastar dos paradigmas pastorais que durante séculos enquadraram a vida dos fiéis. A perspectiva de propor é diferente de transmitir algo. Na proposta, a Igreja assume não só a iniciativa de anunciar publicamente a Boa Nova numa sociedade plural e diversificada, mas deve colocar-se também na postura de total respeito à liberdade do sujeito em aceitar ou rejeitar tal proposta. É claro que não se pode esquecer que a proposta é um caminho de mão dupla, isto é, quem propõe deve estar aberto a também escutar, dialogar e acolher do outro suas contribuições, partilhas e sugestões. Nas palavras de André Fossion, propor a fé deve ser entendido como “uma obra de caridade, que, como todo ato de caridade, é um fim em si mesmo, independente da reação do outro, quer ele escute ou não, quer ele aceite ou não”<sup>99</sup>.

<sup>96</sup> THEOBALD, L'Évangile et l'Église, p. 20.

<sup>97</sup> THEOBALD, Christoph. *La pastorale d'engendrement*. A l'école du Christ initiateur. In: SESSION PASTORALE DIOCESAINE – Lausanne, Suíça, 2010. Disponível em: [https://diocese-lgf.ch/wp-content/uploads/2019/09/planif\\_pasto\\_conference\\_Theobald.pdf](https://diocese-lgf.ch/wp-content/uploads/2019/09/planif_pasto_conference_Theobald.pdf). Acesso em: 10 jan 2023.

<sup>98</sup> BACQ, Para uma pastoral de geração, p. 27.

<sup>99</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 36.

Uma vez que o Evangelho é para todos e deve ser proposto o mais amplamente possível, Philippe Bacq sinaliza que o primeiro passo é que ele seja “lido em conjunto, em pequenos grupos, de forma que os leitores estejam ao alcance da voz uns dos outros, se deixem trabalhar por ele, nisso reside um aspecto muito importante da *Pastoral de Geração*”<sup>100</sup>. É fundamental que o Evangelho possa voltar a cada pessoa, a fim de que a sua novidade esteja para além das interpretações tradicionais, mas que possa aproximar os ouvintes dos seus relatos, não como uma única visão, mas com uma diversidade de olhares e impressões que se complementam.

É importante fazer uma observação a respeito dessa leitura do Evangelho. Em se tratando de Brasil, essa experiência de grupos bíblicos já existe por aqui pelo menos há quase 60 anos. Um dos grandes incentivadores dessa iniciativa, frei Carlos Mesters, apostou no método de leitura popular da Bíblia. Por meio dela, o povo mais simples, reunido em pequenos grupos, pôde ler e interpretar os textos da Palavra de Deus à luz da sua própria realidade vital. Nessa metodologia, o povo se torna sujeito da interpretação do texto bíblico, fazendo valer o princípio teológico do *sensus ecclesiae*.

O que há de diferente na leitura do Evangelho, sob a ótica da *Pastoral de Geração*, é que seus interlocutores não são apenas pessoas simples, nem somente cristãos, mas há também a presença de não cristãos, com conhecimentos existenciais e acadêmicos em diferentes áreas, tornando a leitura compartilhada do Evangelho mais complexa, com um belo potencial de fecundidade.

### **2.3.1 A bondade radical do Evangelho na vida humana**

A consideração do Evangelho enquanto bondade radical, na reflexão de Theobald, envolve três aspectos fundamentais que, por sua vez, são muito importantes para o propósito da *Pastoral de Geração*. Em primeiro lugar, está a não evidência desta bondade radical na vida humana. A causa disso é a presença do mal na vida pessoal e na história comum. Porém, Theobald, nesse primeiro aspecto, chama a atenção para olhar o mundo e descobrir nele a presença escondida desta novidade de bondade, que reside simplesmente no fato de que todo ser humano, em qualquer parte do planeta Terra, porque vive, acredita<sup>101</sup>. A crença na vida é já um ato de fé antropológico, “de forma que para viver não há outro caminho a não ser dar crédito”<sup>102</sup>. Assim, antes de fazer um anúncio explícito do Evangelho, é preciso dar-se conta de

<sup>100</sup> BACQ, Para uma pastoral de geração, p. 27.

<sup>101</sup> THEOBALD, L'Évangile et l'Église, p. 20.

<sup>102</sup> THEOBALD, Christoph. *Transmitir um Evangelho de liberdade*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 18.

que já existe em cada pessoa a convicção desta bondade radical: a vida vale a pena ser vivida, apesar das suas sombras, da obscuridade e da morte:

O Evangelho de Deus ou Deus como evangelho quer alcançar o homem no seu íntimo, no lugar onde ele se acha a braços com o desafio fundamental que é o simples fato de existir. Quer tornar nele possível a fé na bondade profunda da vida e desta forma suscitar a coragem de enfrentar a aventura única da sua existência. No limite, pouco importa que o homem perceba todas as dimensões deste combate. Basta-lhe fazer a experiência de uma presença gratuita e radicalmente boa ao seu lado capaz de convencê-lo da bondade da vida.<sup>103</sup>

Por isso, um dos princípios da *Pastoral de Geração* é suscitar a vida em cada pessoa a partir de todas as suas dimensões, e não apenas a dimensão espiritual cristã. Como diz Philippe Bacq, o sinal distintivo primeiro de uma evangelização para o tempo de hoje não pode ser outro que o de “estar presente nos lugares onde a vida é precária ou está ameaçada; estar perto daquelas e daqueles que sofrem ou que são marginalizados ou excluídos pela história e suscitar à volta deles uma dinâmica de solidariedade”<sup>104</sup>.

A bondade radical do “Evangelho da vida” pode ser ocultada pela presença de tantas formas do mal no mundo. Isso faz com que acreditar na vida não seja um processo tão fácil. Acontecimentos trágicos como as guerras, o triste cenário da pobreza, miséria e desigualdade no mundo, ou mesmo crianças inocentes afetadas por doenças incuráveis, bem como milhares de pessoas que morrem todos os dias pela falta de alimento, tudo isso parece contradizer a existência desta bondade radical na vida humana. No entanto, é justamente neste contexto, onde a vida está ameaçada e sofrida, que essa bondade se impõe, com a missão de libertar, curar, suscitar a vida e a dignidade daqueles que têm “todas as razões do mundo para estarem desesperados, para os quais a fé é um ato difícil, impossível até”<sup>105</sup>. O único que pode garantir e ofertar a fé nesta bondade é o próprio Deus, e isso se dá sempre de forma surpreendente e extraordinária.

Um segundo aspecto mencionado por Theobald é sobre a universalidade da bondade radical do Evangelho<sup>106</sup>. Não é preciso que todos acreditem em Deus, ou, mais precisamente, nas definições e conceitos que são formulados sobre ele. O simples fato da convicção de se viver a vida na gratuidade e na bondade já é suficiente para que isso se torne uma novidade absoluta e alcance todos.

<sup>103</sup> THEOBALD, *Transmitir um Evangelho de liberdade*, p. 23-24.

<sup>104</sup> BACQ, Para uma pastoral de geração, p. 20.

<sup>105</sup> THEOBALD, *Transmitir um Evangelho de liberdade*, p. 19.

<sup>106</sup> THEOBALD, *L'Évangile et l'Église*, p. 20.

O terceiro aspecto, segundo o teólogo franco-alemão, reside no fato de que “não existe vida humana sem fé elementar”<sup>107</sup>. Isto quer dizer que “a confiança presente na vida de cada ser humano que o faz buscar os seus sonhos e vencer os seus medos, e passar o limiar desta fé humana, é um ato absolutamente necessário para viver e no qual ninguém pode ser substituído”<sup>108</sup>. Aqui entra outro propósito importante da *Pastoral de Gestação*, que é se oferecer como instrumento para ajudar a despertar esta fé na vida, criando as condições necessárias para um processo de gestação, e colocando cada pessoa em contato com Jesus, o “passador” da Galileia:

Em definitivo, viver e crer na bondade da vida são uma e mesma coisa. A transmissão ou a gestação da vida é o sinal mais manifesto desta *fé*, e gerar uma vida implica suscitar nela o *crédito* feito à vida, que em si mesmo permanece intransmissível. [...]: a vida é relação significativa, mas sua gestação está sempre à espera de um *evento* imprevisível, a saber, o nascimento da *fé* e da capacidade absolutamente única de cada um ter confiança na vida, confiando em si e no outro.<sup>109</sup>

## 2.4 Jesus Cristo: *passeur*, *pasteur* e credível

No centro dos relatos evangélicos, está a pessoa de Jesus de Cristo, tido como *passeur*<sup>110</sup>. Essa palavra francesa pode ser literalmente traduzida por “passador”, ou “aquele que ajuda a fazer a travessia”. O sentido dado a ela por Theobald é uma analogia com o barqueiro de Hades, que, na mitologia grega, conduz as pessoas de uma margem do “rio” até a outra: do mundo dos vivos ao mundo dos mortos. Mas ele relê este termo a partir da dinâmica pascal própria da fé cristã, ou seja, a passagem da vida elementar, comum a toda pessoa, à vida de Deus em nós, mediante a travessia da morte. E quem ajuda nessa passagem, atuando como o verdadeiro Barqueiro, é o próprio Jesus Cristo. Ele coloca as pessoas que encontra ao longo do caminho, em contato com o nascimento da fé na força da vida. Nas palavras do próprio Theobald, eis o sentido pastoral aplicado à palavra *passeur*:

<sup>107</sup> THEOBALD, L'Évangile et l'Église, p. 21. No pensamento de Theobald, a fé elementar não é a fé religiosa, mas sim uma fé antropológica, no sentido de confiança na vida.

<sup>108</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação, p. 164.

<sup>109</sup> THEOBALD, L'Évangile et l'Église, p. 20. No original: “En définitive, vivre et croire en la bonté de la vie sont une seule et même chose. La transmission ou l'engendrement de la vie est le signe le plus manifeste de cette ‘foi’, et engendrer une nouvelle vie implique qu’on suscite, en elle aussi, le ‘crédit’ fait à la vie qui, en lui-même, reste intransmissible.[...] : la vie est relation significative ; mais son engendrement reste à jamais suspendu à un *événement* imprévisible, à savoir la naissance de la ‘foi’ et de la capacité absolument unique de chacun de lui faire confiance en ‘se fiant’ à soi et à autrui”.

<sup>110</sup> Ao longo do trabalho, iremos manter o uso da palavra francesa para destacar o uso técnico do termo no pensamento de Christoph Theobald.

Descobri [...] um parentesco notável entre aquele que procura abrir os ouvidos aos outros, e o animador de um grupo evangélico, que, como bom *passeur*, quer ajudar este grupo a entrar, por si e com os seus próprios meios, numa compreensão ao mesmo tempo rigorosa e interior do texto bíblico, sem ser imediatamente apanhado nas convenções de uma leitura propriamente religiosa.<sup>111</sup>

Nos relatos evangélicos, em vários encontros de Jesus com as pessoas de sua época, a sua forma de atuar era como um exímio *passeur*, despertando a fé elementar na vida. Basta olhar, por exemplo, o texto da mulher que sofria com hemorragia (Lc 8,43-48). Nesta cena, Jesus, no meio da multidão, sente que alguém tocou em suas vestes. No entanto, quem poderia ser, em meio a tanta gente? Uma mulher, que sofria com uma doença de sangramento há doze anos, que já tinha procurado vários médicos, sem solução para o seu problema. Ela resolve ir ao encontro de Jesus, acreditando que poderia ser curada, se ao menos pudesse tocar na sua roupa. Porém, o que acontece na realidade é algo bastante paradoxal. Mesmo em meio a tanta gente, a hemorroíssa consegue tocar na veste de Jesus e depois se esconde. Jesus pergunta aos discípulos quem o teria tocado, pois alguém o tocou com tanta confiança que as energias da vida brotaram dele. Então a mulher se apresenta a Jesus e conta sua história. Ele diz apenas o seguinte: “Minha filha, a tua fé te salvou. Vai em paz” (Lc 8,48). O agir de Jesus revela que a cura da mulher não foi realizada por ele, mas sim pelo ato de fé dela. E que fé? A mulher não faz uma profissão de fé religiosa ou cristã sobre a identidade de Jesus. Sua fé foi fruto de uma confiança elementar nele. O que Jesus faz é simplesmente despertar livremente naquela mulher essa fé que já estava em seu interior.

Na proposta da *Pastoral de Geração*, a função primeira do *passeur* é ajudar a pessoa a realizar a passagem, do limiar do medo e do desconhecido para a coragem de ser e viver. Ninguém consegue fazer essa travessia sozinho, por isso, é importante a presença de passadores, que, a exemplo de Jesus, o *passeur* por excelência, sejam capazes “de suscitar a fé ou de ressuscitá-la no outro”<sup>112</sup>. Este serviço de despertar a fé na vida requer do *passeur*, além da paciência, um acompanhamento personalizado, uma presença ativa e afetiva junto ao seu acompanhado.

Os passadores são chamados a desempenhar uma função “paternal e maternal simbólica, que ajuda o outro a sair de si e a descobrir a relação entre a geração da vida humana e a geração

<sup>111</sup> THEOBALD, Christoph. Mon itinéraire au pays de la théologie. *Laval théologique et philosophique*, Laval. v. 68, n. 2, p. 319-333, 2012. Disponível em: [https://www-erudit-org.translate.goog/fr/revues/ltp/2012-v68-n2-ltp0394/1013424ar/?\\_x\\_tr\\_sl=fr&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www-erudit-org.translate.goog/fr/revues/ltp/2012-v68-n2-ltp0394/1013424ar/?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 21 dez 2022.

<sup>112</sup> THEOBALD, *Transmitir um Evangelho de liberdade*, p. 18.



da fé, a partir das realidades concretas da sua existência”<sup>113</sup>. Porém, não se pode jamais esquecer que todo esse processo só poderá acontecer mediante o livre consentimento da pessoa, isto é, a responsabilidade, a decisão de acreditar ou não, de fazer ou não a travessia para outro limiar é sempre do acompanhado, e não do *passeur*. Nas palavras de Theobald: “somos realmente feitos para ter confiança, por outros que têm confiança em nós, sem que, todavia, possa ser-nos tirada a responsabilidade de nossa decisão de crer ou não”<sup>114</sup>.

Além de *passeur*, Jesus é também *pasteur*<sup>115</sup> (pastor). A missão do pastor na vida da Igreja, com o decorrer do tempo, passou a ser identificada como pastoral, isto é, como um “conjunto de atividades baseadas em programas específicos e desenvolvidos pelos bispos ou sacerdotes ou pelo conjunto dos cristãos guiados por eles”<sup>116</sup>. No entanto, é importante salientar que a primeira função do *pasteur*, à luz dos textos neotestamentários, está diretamente ligada à dimensão relacional<sup>117</sup>: o *pasteur*, em primeiro lugar, é um ser de relações fraternas, harmoniosas e solidárias. Outro aspecto interessante é que, no Novo Testamento, nenhum outro líder eclesial recebeu o título de *pasteur*, a não ser Jesus<sup>118</sup>. Isso se deve a uma preocupação dos primeiros cristãos em não permitir que ninguém tomasse o lugar de Cristo, que é o “único *pasteur* e guardião das almas” (1Pd 2,25). Jesus não apenas recebe esse título, mas age o tempo todo como o bom pastor: aquele que conhece, cuida, ama e chama as ovelhas pelo nome e dá também a vida por elas (Jo 10,1-15); aquele que tem compaixão pelos que sofrem, os que passam fome (Jo 6,5); aquele que se angustia e é solidário com a multidão que se encontra como ovelhas sem pastor (Mt 9,32). Aliás, ele é o grande e único pastor, que ensina o sentido do agir pastoral.

O estilo de pastorear do Nazareno inspira profundamente a atitude da *Pastoral de Geração*. O *pasteur* Jesus, além de tudo o que implica esse ofício, como visto anteriormente, traz uma marca muito significativa, isto é, a capacidade de estar sempre interessado pela pessoa que o procura ou que ele encontra pelo caminho. Os encontros de Jesus revelam essa dinâmica, de maneira que eles acontecem de modo improvisado, marcados por grande espontaneidade e

---

<sup>113</sup> FIALHO NETO, Tiago Miguel. *O catequista, discípulo que acompanha*, p. 22. Disponível em: [https://www.academia.edu/40577287/O\\_CATEQUISTA\\_DISC%C3%84PULO\\_QUE\\_ACOMPANHA](https://www.academia.edu/40577287/O_CATEQUISTA_DISC%C3%84PULO_QUE_ACOMPANHA). Acesso em: 4 fev 2023.

<sup>114</sup> THEOBALD, *Transmitir um Evangelho de liberdade*, p. 18.

<sup>115</sup> A exemplo do que explicamos anteriormente em relação à palavra francesa *passeur*, iremos também manter a palavra *pasteur* em francês, para ajudar a perceber a relação fonética que existe entre elas, sendo assim fiéis às escolhas conceituais de Theobald.

<sup>116</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de geração, p. 169.

<sup>117</sup> BACQ, La pastorale d’engendrement: qu’est-ce à dire?, p. 311.

<sup>118</sup> DUMAS, Odile Ribadeau; BACQ, Philippe. L’Évangile en pastorale. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Dir.) *Passeurs d’Évangile*. Autour d’une pastorale d’engendrement. Montreal: Novalis-Lumen Vitae-Atelier, 2008, p. 44.

liberdade, não existindo uma preocupação de Jesus com agendas ou cronogramas. Estes acontecem no meio da rua, nas casas, nos casamentos, na sinagoga, nos velórios etc., de forma que Jesus possa “estar simplesmente presente a si mesmo e ao outro no que se revela da trama vital de sua existência”<sup>119</sup>. Por isso, a pessoa no espírito da *Pastoral de Geração* deve estar atenta para que, em seus encontros, a exemplo do Nazareno, possa estar inteira, totalmente interessada em quem está diante dela, seja quem for, a fim de que o encontro seja fecundo e libertador. Enfim, é preciso olhar para o *pasteur* Jesus e aprender dele “sua capacidade de se tornar presente aos outros, de estar com eles e entre eles”<sup>120</sup>.

Por fim, Jesus é também credível. Este atributo é essencial em sua missão enquanto *passeur* e *pasteur*, afinal, tudo o que é transmitido ao outro só poderá ser acolhido se houver credibilidade de quem ensina. Theobald chama a atenção para três aspectos da credibilidade de Jesus<sup>121</sup>. O primeiro está ligado à autoridade do Nazareno. Alguns relatos dos Evangelhos deixam isso bastante explícito, quando as pessoas veem em Jesus alguém cheio de autoridade: “O povo se assombrava com seu ensinamento, pois os ensinava com autoridade, não como os letrados” (Mc 1,22). O segredo da credibilidade de Jesus está na sua fonte, isto é, ela vem do Pai: “Como o Pai me enviou, eu vos envio” (Jo 20, 21). Em nenhum momento, Jesus diz que ele é a origem da sua própria autoridade.

O segundo aspecto remete à simplicidade de Jesus, que o torna acessível a todos. Ele tem uma pedagogia singular que permite se comunicar com qualquer pessoa que se apresenta em seu caminho. Ele é acessível às crianças, pedindo que elas não sejam proibidas de se aproximarem dele, pois delas é o Reino dos céus (Mt 19,14); aos leprosos que vão atrás dele para serem curados (Mt 8,1-4; Lc 17,11-19); aos cobradores de impostos que o convidam para fazer refeição com eles (Mt 9,9-13; Lc 19,1-9); à viúva de Naim que, conduzindo o filho para ser sepultado, recebe do Nazareno compaixão, e assim a volta de seu filho à vida (Lc 7,11-17). Há tantos outros exemplos que poderiam ser citados nos quais Jesus dá abertura para que qualquer um se aproxime dele. Essa acessibilidade também é fruto da sua coerência de vida, pois não há dicotomia entre o que ele ensina e vive. Como reforça Theobald, em Jesus há uma profunda “unidade entre o que ele diz, pensa e faz”<sup>122</sup>.

---

<sup>119</sup> THEOBALD, *Transmitir um Evangelho de liberdade*, p. 25.

<sup>120</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de geração, p. 170.

<sup>121</sup> THEOBALD, *L'Évangile et l'Église*, p. 23-24.

<sup>122</sup> THEOBALD, *Transmitir um Evangelho de liberdade*, p. 25.

E por fim, um terceiro aspecto: a credibilidade evoca a hospitalidade<sup>123</sup>. Para Theobald, a hospitalidade é a maneira do Nazareno de ser em sua relação com qualquer pessoa. As imagens de Jesus nos Evangelhos o mostram sempre numa atitude de hospitalidade. Aliás, seu ministério é itinerante, ele não tem morada fixa (Mt 8,20), e por isso, tantas vezes, esteve na condição de hóspede (Lc 10,38-42), mas também de anfitrião (Jo 13). A hospitalidade implica três dimensões, segundo o teólogo jesuíta<sup>124</sup>, a saber: a primeira, o risco de acolher o outro em sua casa, afinal não se sabe quem é o hóspede que passa a habitar a nossa casa. Ele pode ser alguém do bem ou pode ser até um inimigo; a segunda dimensão evidencia a confiança mútua que deve existir entre o anfitrião e o hóspede, caso contrário, a convivência poderá ser colocada em risco, gerando mal-estar e até violência; e por fim, na terceira dimensão, o caráter provisório da hospitalidade, ou seja, a permanência do hóspede é por um tempo limitado, até que ele tenha condições de fazer o seu próprio caminho para a sua casa. Na prática da hospitalidade, Jesus soube acolher incondicionalmente todos, sem discriminação, com humildade e profunda gratuidade – os doentes, as prostitutas e publicanos, mas também escribas e chefes de sinagogas. Deixando, assim, bem claro que o Nazareno, em momento algum, definia *a priori* o campo de suas relações.

A pessoa que assume o estilo da *Pastoral de Geração* precisa estar em sintonia com as palavras e os gestos de Jesus. Isso se efetiva, sobretudo, por meio de um testemunho coerente de vida, evitando a separação entre aquilo que prega e vive. É preciso também se colocar o mais acessível possível a todas as pessoas, sem distinção de cor, raça, sexo, religião ou classe social. Com interesse nos dramas, nas dores e desafios de tantas pessoas que se encontram ao longo do caminho. Nem sempre será possível resolver todos os problemas, mas não pode faltar, da parte de um animador pastoral em perspectiva de geração, uma presença que seja plena, inteira, de quem sabe hospedar, escutar, respeitar a pessoa e toda sua história de vida.

Em síntese, todas estas características aplicadas ao estilo da *Pastoral de Geração* vão evidenciando que a sua proposta visa, em primeiro lugar, a dar um sentido à vida das pessoas. Não há aqui uma preocupação imediata em oferecer um corpo doutrinal ou uma prática sacramental, mas, sim, criar condições para que a pessoa dê crédito à sua vida. Que ela busque

---

<sup>123</sup> A intenção aqui não é fazer uma análise aprofundada sobre o tema da hospitalidade, que é tão cara ao teólogo franco-alemão. Por isso, nos limitamos apenas a indicar alguma referência, caso o leitor queira aprofundar. Temos *Le christianisme comme style*. Paris: Les Editions du Cerf, 2007b, e o artigo *Hospitalidad y santidad – una pluralidad de estilos*. A propósito del giro estético y pneumatológico de la Teología en la postmodernidad, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/8457/1/hospitalidad-santidad-pluralidad-estilos.pdf> Acesso em: 23 mai 2023. Essas referências permitem mergulhar com mais profundidade sobre o tema da hospitalidade no pensamento de Theobald.

<sup>124</sup> THEOBALD, *Hospitalidad y santidad – una pluralidad de estilos*, p. 4-8.

descobrir a sua própria identidade, com coragem de fazer as travessias necessárias para quem sabe, um dia, alcançar uma fé religiosa. Tudo isso dentro de um itinerário que leve sempre em conta a liberdade, a consciência e a responsabilidade da pessoa. A *Pastoral de Gestação* “reconhece que cada pessoa é única e visa promovê-la naquilo que ela tem de mais pessoal”<sup>125</sup>, justamente como forma de corrigir um dos grandes limites dos modelos pastorais que marcaram a vida da Igreja no decorrer dos séculos, isto é: focaram muito “no objeto a transmitir, e deixaram na sombra a experiência do acolhimento de Deus, que se comunica a si próprio como um amigo e que convida os seres humanos a partilharem a sua própria vida”<sup>126</sup>.

## 2.5 O Evangelho a serviço do nascimento da “fé” na vida e da fé cristã

O núcleo do Evangelho é proporcionar que cada pessoa possa partilhar a vida de Deus por meio de um diálogo de amizade com ele. Essa constatação foi retomada pelo Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV):

Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2 Pd 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1 Tm 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15,14-15) e convive com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. (DV, n. 2)

É importante salientar, a partir da consideração acima, que Deus está sempre em um relacionamento de proximidade, diálogo e amizade com o ser humano. Devido ao seu amor excessivo, alcança todos com a sua graça, que “gera e salva de uma maneira que nós não podemos limitar, nem temos o direito de fazê-lo”<sup>127</sup>. Nessa perspectiva, o Evangelho, que é o anúncio da bondade de Deus e da sua graça transbordante, torna-se um instrumento singular, para ajudar cada pessoa a ser gestada não só na sua fé cristã, mas também em sua fé elementar em relação à vida. É neste ponto que a *Pastoral de Gestação* oferece uma grande contribuição para a evangelização do tempo presente, isto é, ela se coloca como servidora da gênese da humanidade em toda sua riqueza e diversidade<sup>128</sup>. Mas, também, criando condições que levem a humanidade à (re)descoberta dos valores evangélicos e da fé cristã, que proporcionam à

<sup>125</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p. 25.

<sup>126</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p. 25.

<sup>127</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 17.

<sup>128</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 17.

existência de qualquer pessoa um *plus*, um tesouro que “alegra o coração, abre perspectivas sobre uma vida, que nunca ter-se-ia podido imaginar”<sup>129</sup>.

Com base nesta convicção, e a partir dos encontros de Jesus com as pessoas do seu tempo, Theobald fala sobre três limiares em que o Evangelho está ao serviço do nascimento da fé<sup>130</sup>. No primeiro limiar, temos a fé completamente humana, que conduz a pessoa a acreditar na bondade da vida. O segundo limiar é a fé dos discípulos, em que acontece a passagem da fé elementar para a fé cristã, e que resulta no desejo de identificação com a pessoa de Jesus de Nazaré. E o terceiro limiar conduz à identidade do apóstolo, uma fé que o leva a fazer da relação com o Cristo o eixo de toda sua existência. De maneira mais detalhada, passemos a olhar esses três limiares ou passagens que estruturam a dinâmica do encontro com Jesus.

### 2.5.1 Uma fé completamente humana

Nas narrativas evangélicas, os encontros de Jesus com os homens e a mulheres do seu tempo possibilitaram o acesso à própria humanidade de cada um, no entanto, “sem que isso implicasse tornar-se seu discípulo”<sup>131</sup>. Jesus despertou e chamou cada pessoa, em primeiro lugar, para uma fé completamente humana, isto é, marcada pela confiança na bondade da vida, e, nessa fé, traçar seu próprio caminho da existência. Pode-se tomar aqui como referência, por exemplo, o texto de Mc 2,1-12, o “paralítico de Cafarnaum”. Nesse relato, após o paralítico ser curado e perdoado por Jesus, ele é enviado para a casa, para sua vida cotidiana: “Levanta-te, pega tua maca e vai para tua casa” (Mc 2,11). Nada no texto diz que este homem tenha se tornado discípulo de Cristo. Ao contrário, Jesus pede a ele que volte à sua casa e vá viver a fé na vida. Daqui se pode tirar uma máxima muito interessante, de que “para viver é preciso crer, mas não é preciso tornar-se um cristão para viver”<sup>132</sup>.

Neste primeiro limiar da fé completamente humana, encontra-se uma multidão de homens e mulheres que, mesmo não professando a fé cristã, nem fazendo parte da Igreja, são filhos e filhas de Deus e podem alcançar a salvação, simplesmente pelo seu modo de viver com os outros. É o que diz Fossion, fazendo referência ao número 1257 do Catecismo da Igreja Católica: “A graça de Deus é significativa e passa pelos sacramentos, mas esta graça operante

<sup>129</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 16.

<sup>130</sup> THEOBALD, Christoph. Hoje é o “tempo favorável”. Para um diagnóstico teológico do tempo presente. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 84-90.

<sup>131</sup> THEOBALD, Hoje é o “tempo favorável”. Para um diagnóstico teológico do tempo presente, p. 84.

<sup>132</sup> THEOBALD, L’Évangile et l’Église, p. 22. No original : “Il est nécessaire de croire pour vivre, mais il n’est pas nécessaire de devenir chrétien pour vivre”.

de Deus não está atrelada aos sacramentos. Ela os ultrapassa”<sup>133</sup>. No discurso de Jesus sobre as bem-aventuranças (Mt 5,1-12), há a confirmação dessa verdade, ou seja, os pobres de espírito, os mansos, os misericordiosos, os pacificadores, os que têm sede de justiça e promovem a paz já “levam uma vida que se poderia denominar por si só sacramental, isto é, significa e realiza, no cotidiano, o estilo de vida do próprio Deus”<sup>134</sup>. Nas palavras de Fossion: “Deus nos fez de tal modo que a vida sem a fé cristã e sem a Igreja pode ser conduzida à sua realização. Não há necessidade da fé cristã para viver uma vida feliz, sensata, generosa, engajada, plena de valores”<sup>135</sup>.

A fé dos homens e mulheres do Reino é completamente humana, e ao mesmo tempo, rica de Deus, pois suas ações estão permeadas de gestos evangélicos, que denotam a presença de Cristo, mesmo que não acreditem nele. Nos Evangelhos, o próprio Jesus, ao ser buscado por essas pessoas, não alimenta uma preocupação de que tenham uma fé (religiosa) explícita nele, nem age com proselitismo, tentando convencê-los a se tornarem seus discípulos. A grande maioria não vai confessá-lo como Filho de Deus, nem muito menos segui-lo na condição de discípulo.

A seu modo, o Concílio Vaticano II retoma e interpreta esse mesmo ensinamento antigo, afirmando na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) o seguinte: “os que vivem segundo a sua consciência, receberam, como cristãos, as primícias do Espírito que os tornam capazes de viver a Lei do Amor” (GS, n. 22). Esses homens e mulheres, que aparentemente se encontram fora da Igreja, longe dos sacramentos, ao viverem relações marcadas por gestos de paz, justiça, partilha, solidariedade, respeito e amor não podem ser descartados da dinâmica do Reino. É importante reconhecer que eles têm muito a ensinar, sobretudo despertando um olhar mais atento e evangélico sobre o que Deus tem gerado na vida deles, para além do meio eclesial.

Porventura a Igreja não é chamada também a reconhecer a fé que já os anima e a revelar-lhes de uma forma ou de outra, o “Felizes sois vós” que ressoa no Sermão da Montanha? E se suscitasse novas formas de celebrar a presença do Reino na vida dessas pessoas, sem por isso tentar integrá-las na comunidade cristã?<sup>136</sup>

## 2.5.2 Uma fé discipular

Todos são também chamados a fazer a experiência do discipulado, ou seja, a partir de uma fé completamente humana, dar um passo em direção ao encontro durável com a pessoa de

<sup>133</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 30.

<sup>134</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p. 28.

<sup>135</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 31.

<sup>136</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p. 31.

Jesus de Nazaré. O segundo limiar é a fé discipular, que convida as pessoas a entrarem na “escola do Nazareno, para um processo de maturação até se identificarem com Ele”<sup>137</sup>. Nesse limiar, dá-se propriamente a passagem da fé elementar para a fé cristã. A Igreja entende que a passagem para alcançar a fé discipular está atrelada à recepção dos sacramentos, em particular os de iniciação à vida cristã, que vão ajudar a pessoa a crescer, evoluir no seguimento e na configuração a Jesus Cristo.

Jesus de Nazaré convida alguns para se tornarem seus discípulos (Mc 1,16-20), acolhe outros que se apresentam espontaneamente, como Bartimeu (Mc 10,46-52), e algumas mulheres que o acompanham (Lc 8,1-3). Um convite, em primeiro lugar, para que os discípulos e discípulas estejam com ele (Mc 3,14), formem uma comunidade, pois é na vida comunitária que são gestados os autênticos discípulos do Nazareno. Em sua época, os discípulos não eram muitos, e no tempo presente, essa realidade tem se confirmado em muitos lugares. Basta olhar para a realidade da Europa Ocidental, em que boa parte dos países verifica uma diminuição progressiva da quantidade de cristãos. Já nos países latino-americanos, como o Brasil, embora as igrejas estejam cheias de fiéis, que se dizem discípulos do Nazareno, na prática, só alguns poucos é que efetivamente encarnam as propostas dele e são capazes de perseverar até o fim. Desse modo, chegar à condição de discípulo, e permanecer nesse estado, nunca será tarefa fácil, pois, como disse o próprio Jesus: é preciso contínua renúncia, desapego de si, tomar a cruz, saber enfrentar as incompreensões e críticas, estar preparado para sofrer, perder a vida por ele e seu Evangelho (Mc 8,34-35).

Ter acesso à fé discipular sempre será um grande desafio, porém, aquele que chega a esse limiar é porque foi capaz de se deixar tocar existencialmente no encontro com Jesus Cristo, e consentiu que na comunhão com ele toda a sua vida passasse a ter um sentido novo. Como discípulo, ele deve estar ciente de que nunca sabe tudo, mas está em constante aprendizado. O discípulo também deve crescer na proximidade e intimidade com o mestre de Nazaré, e deve estar aberto para assumir, em sua vida, o estilo, o jeito de viver de Jesus. Nas palavras de Tiago Fialho, discípulo é:

[...] aquele que procura a Deus no meio de uma situação religiosa plural; que vive unido ao Mestre na fé e no amor; arrisca com confiança, acendendo candeias de fé na noite escura; [...] ser discípulo significa participar da solidão de Deus neste mundo e oferecer-se para lhe fazer companhia na procura do homem, e oferecer-se a cada pessoa para lhe fazer companhia na procura de Deus.<sup>138</sup>

<sup>137</sup> THEOBALD, Hoje é o “tempo favorável”. Para um diagnóstico teológico do tempo presente, p. 87.

<sup>138</sup> FIALHO NETO, *O catequista, discípulo que acompanha*, p. 13.

### 2.5.3 Uma fé apostólica

Aquele que chega ao terceiro limiar da fé faz dele o eixo da sua existência: “Para mim, viver é Cristo” (Fl 1,21). Esse limiar está ligado ao núcleo fundamental do ser apóstolo, ou seja, “ele descobre-se responsável pela identidade messiânica de Jesus de Nazaré na nossa história e identifica-se plenamente com Ele”<sup>139</sup>. Theobald diz que o surgimento desta nova identidade é um acontecimento ou uma ultrapassagem do limiar da fé discipular<sup>140</sup>. É importante ressaltar que não são todos os discípulos que recebem a identidade de apóstolo como se pode observar nos relatos evangélicos. Jesus, entre tantos discípulos, escolhe doze para se tornarem apóstolos (Mc 3,13-19; Lc 6,12-19). A identidade apostólica não reside apenas no convite para estar com o Nazareno, como acontece no caso dos discípulos, mas vai além, o apóstolo é delegado para anunciar, pregar com poder e autoridade para expulsar demônios (Mc 3,14-15), dar testemunho do Evangelho de Jesus Cristo ao mundo (Lc 24,28). Esta é a marca do apóstolo.

No terceiro limiar da fé, dá-se um nível de intimidade tão grande entre o apóstolo e Jesus, que o primeiro torna-se também “pastor e passador de uma experiência realmente vivida, de uma fé radicalmente testemunhada”<sup>141</sup>. O apóstolo, ao chegar ao limiar dessa fé, não deixa de ser discípulo, mas ele adquire um *plus*, que permite ser enviado para “dar aos outros o gosto e o sabor do Evangelho”<sup>142</sup>. O apóstolo, a exemplo do mestre de Nazaré, adquiriu uma vida de credibilidade, capaz de ajudar a despertar nos homens e mulheres a fé na vida, a fim de que possam também chegar à fé cristã.

Diante do exposto, três observações são muito relevantes para a ação da *Pastoral de Geração*: primeiro, na passagem dos três limiares, não se pode prever, controlar o momento exato em que se passa de um limiar ao outro. É um processo de liberdade, aberto ao inesperado, ao que vai nascer, que foge sempre ao alcance dos planejamentos pastorais. Por isso, a atitude da *Pastoral de Geração* é, simplesmente, oferecer as condições necessárias para que os limiares sejam ultrapassados.

Uma segunda observação é que a *Pastoral de Geração* chama a atenção para que a Igreja trabalhe mais focada no limiar da fé elementar e na fé discipular. A crença na vida humana vem em primeiro lugar: se a pessoa não confia, não dá crédito à própria vida, ela não conseguirá ser despertada e movida a ter acesso à fé cristã. É preciso reforçar que Jesus se interessa, antes de tudo, por essa fé elementar, por isso, tantas vezes ele disse às pessoas: “Foi

<sup>139</sup> THEOBALD, Hoje é o “tempo favorável”. Para um diagnóstico teológico do tempo presente, p. 88.

<sup>140</sup> THEOBALD, Hoje é o “tempo favorável”. Para um diagnóstico teológico do tempo presente, p. 89.

<sup>141</sup> FIALHO NETO, *O catequista, discípulo que acompanha*, p. 13.

<sup>142</sup> BACQ, Para uma pastoral de geração, p. 33.



a tua fé que te salvou” (Mt 9,22). Em se tratando da fé discipular, a *Pastoral de Geração* aponta para a urgência do encontro individual de cada pessoa com Jesus Cristo e o seu Evangelho. Um encontro que ninguém pode fazer pelo outro. Tem que ser olho no olho, face a face, caso contrário, não se chega à condição de discípulo, nem a uma autêntica fé cristã.

Enfim, uma última observação. A evangelização a partir da atitude da *Pastoral de Geração* deve ser sempre além-fronteiras, aberta a todos, cristãos ou não cristãos, crentes ou não crentes, pois ela acredita que Deus, em cada época da história, sempre “gerou para si e conduziu ao Reino homens e mulheres que não o conheceram, que não creram nele ou estiveram em outras crenças”<sup>143</sup>. O estilo da *Pastoral de Geração*:

abandona a nostalgia de um período em que a fé cristã partia das evidências culturais. Ela não vê o mundo atual como um mundo que se descristianiza e ao qual é preciso resistir, mas como um mundo que se tornou plural e secularizado, no qual os desafios sociopolíticos, os recursos culturais e as aspirações espirituais dão novas chances ao Evangelho.<sup>144</sup>

## 2.6 Atitudes que favorecem a evangelização em perspectiva de geração

A *Pastoral de Geração* não deve ser entendida apenas na perspectiva de um novo modelo pastoral. Ela é mais do que isso: é uma atitude, uma maneira de ser, viver e enxergar a vida como presença do Evangelho. A sua inspiração remonta ao próprio princípio da pastoralidade<sup>145</sup> do CV II, ou seja, uma evangelização em que se deve levar em conta o contexto histórico, social e cultural dos interlocutores do Evangelho. O papa João XXIII, que convocou o Vaticano II, mesmo sem citar a expressão *Pastoral de Geração* – que ainda não existia – deixa entrever, nas entrelinhas do seu discurso inaugural, algumas características que marcam a prática de tal atitude pastoral. Ele se dirige aos padres conciliares com as seguintes palavras:

<sup>143</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 30.

<sup>144</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 177.

<sup>145</sup> Diferentemente dos concílios anteriores, que foram marcados por definições cristológicas, e o de Trento, pelo debate da controvérsia antiprotestante e o restabelecimento da disciplina eclesiástica, o Concílio Vaticano II caracterizou-se pela pastoralidade e pelo *aggiornamento*. Theobald retoma essa categoria pastoralidade em vários de seus escritos, para enfatizar três pontos importantes: a) a doutrina, ao invés de ser apenas repetida, deve ser reinterpretada, uma vez que constitui uma maneira, em situações culturais diferentes, de propor o depósito da fé; b) a pastoralidade remete à consideração do destinatário ou receptor no momento da elaboração do discurso, pois não há anúncio do Evangelho sem levar em conta o destinatário e sem acreditar que já está ativo nele aquilo que o anúncio traz, de modo que ele pode aderir a este com toda a liberdade; c) a pastoralidade, portanto, descentra a Igreja de duas maneiras complementares que se expressam através de duas escutas: a escuta do Evangelho e dos Sinais dos Tempos para reinterpretá-lo e transmiti-lo em um novo contexto cultural. Esta noção pode ser aproximada do apelo à “conversão pastoral da Igreja”, em Aparecida, e nos escritos do papa Francisco. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/13-artigo-2015/5956-resenha-gilles-routhier>. Acesso em: 4 fev 2023.

É necessário que essa doutrina autêntica seja estudada e exposta segundo os métodos de pesquisa e apresentação, utilizados pelo pensamento moderno. De fato, uma é a substância do depósito da fé, e outra, a formulação de que a mesma reveste; e há que ter em conta tal distinção, com a paciência necessária, medindo tudo segundo as formas e as proporções de um magistério de caráter sobretudo pastoral.<sup>146</sup>

No discurso do papa João XXIII, estão presentes algumas intuições que vão ao encontro do núcleo da *Pastoral de Geração*, que se orienta por uma evangelização que, em primeiro lugar, valoriza o contexto histórico e cultural daqueles que são hoje os interlocutores do Evangelho; em segundo lugar, salvaguardando a verdade do depósito da fé, mas tornando-o acessível a todas as pessoas. Desse modo, a *Pastoral de Geração* se propõe, à luz desses princípios, criar e favorecer as condições necessárias para que, mesmo num tempo intrincado como o de hoje, os homens e mulheres sejam tocados pela boa notícia do Evangelho. E como consequência, possam ser gestados novos cristãos, capazes de viver uma vida e fé cristãs, plenos de autonomia, liberdade, autores de sua existência, crescendo em humanidade e ao sabor do Evangelho. Sendo assim, os “teólogos e teólogas da *Geração*” propõem algumas atitudes que são basilares para que essa proposta pastoral alcance os seus objetivos.

### 2.6.1 Maravilhar-se com a imprevisibilidade do Espírito

A tarefa de evangelizar no cenário atual tem sido um grande desafio para a Igreja. E o primeiro é justamente a tentação de deixar o Espírito Santo fora do processo evangelizador. Há uma forte tendência em valorizar muito mais os métodos de gestão pastoral, técnicas de marketing e administração do que contar com o poder e ação do Espírito através do Evangelho. Isso, no entanto, é um grande equívoco, pois o próprio Senhor é quem faz a semente germinar e crescer sem que o agricultor saiba como (Mc 4,26-27). E mais, quem gera a fé no coração de cada pessoa é o Espírito Santo pela palavra (Rm 10,14), e não são esses instrumentais do mundo empresarial que vão garantir resultados evangélicos.

Neste sentido, a atitude da *Pastoral de Geração* auxilia a evangelização a se abrir à ação imprevisível do Espírito, pois ele age onde quer e como quer (Jo 3,8). O que se deseja com isso é recuperar o lugar primeiro do Espírito em todo e qualquer processo evangelizador. Todas as atividades e planejamentos pastorais, por mais bem elaborados que sejam, se não forem soprados pelo Espírito, perdem a sua razão de existir. Não se está querendo dizer que a evangelização deva acontecer de modo improvisado, sem o mínimo de organização. Claro que é importante que exista planejamento, no entanto, é preciso dar espaço para que o Espírito Santo

<sup>146</sup> JOAO XXIII, *Gaudet Mater Ecclesia*. Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II.

seja o principal protagonista da evangelização. Se não houver, por parte dos evangelizadores, uma abertura, “um abandono à vontade e ao querer de Deus, que leve a um caminho de aliança com Ele, e de entrega total ao Espírito”<sup>147</sup>, a evangelização não alcançará o seu fim.

O maravilhar-se com o inesperado do Espírito na *Pastoral de Geração* proporciona à evangelização um olhar para além do ambiente eclesial, isto é, nos próprios relatos evangélicos, pode-se perceber situações em que o Nazareno se surpreende com a fé de homens e mulheres, não pertencentes ao grupo dos discípulos. Personagens como: a mulher hemorroíssa (Mt 9,20-22, Mc 5,24-34, Lc 8,43-48), o centurião romano (Lc 7,1-10), a mulher siro-fenícia (Mt 15,21-28) são sinais do quanto o Espírito trabalha onde muitas vezes não se espera. Por isso, é preciso “nos colocar a serviço destes começos inesperados da fé, na humildade e na ausência de controle, para acompanhar estes recomeços quando eles acontecem”<sup>148</sup>.

A proposta da *Pastoral de Geração* ajuda a Igreja a tomar consciência de que ela é chamada a ter uma atitude de abertura contínua ao inesperado e às surpresas do Espírito na missão evangelizadora, pois:

Um novo crente, criança, jovem ou adulto, que começa na fé é sempre uma surpresa. Cabe-nos a nós, na nossa atitude pastoral, dar lugar à surpresa do Espírito e agarrar todas as oportunidades de fecundidade. Somos nós que temos de passar da eficácia-controle à fecundidade-descontrole.<sup>149</sup>

É urgente que os evangelizadores, à luz dessa nova atitude pastoral, recordem sempre que são apenas instrumentos, “servos inúteis” (Lc 17,10), e que a ação inesperada do Espírito é que deve sobressair.

## 2.6.2 Ancorar-se na vida espiritual

A ausência de uma espiritualidade leva a vários fracassos, desânimo e decepções nas atividades de evangelização e projetos pastorais. Com grande frequência, veem-se agentes pastorais, padres, religiosos num ritmo acelerado de fazer coisas, mas sem uma vida interior. Isso acaba inevitavelmente levando a um ativismo pastoral, que, por sua vez, pode gerar neles um esgotamento psíquico-emocional e uma aridez espiritual. A *Pastoral de Geração* aposta num caminho que ajuda o animador pastoral, seja ele padre, religioso, seja leigo, a buscar uma

<sup>147</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 49.

<sup>148</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 60.

<sup>149</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 49.

progressão na vida interior. Essa intimidade passa pelo desejo de “encontrar a si próprio, de se relacionar de modo autêntico com os outros, com o divino e com o cosmo”<sup>150</sup>.

A identidade cristã assenta essencialmente no encontro íntimo e vivo com Cristo. Ela é principalmente uma relação interpessoal (e mística) com aquele que é o caminho, a verdade e a vida, uma relação que se joga no mais íntimo do ser: “*interior intimo meo*”, dizia Santo Agostinho (...). Esse é o objetivo supremo da proposta da fé: que a pessoa se torne vitalmente ser-em-Cristo. (...) Noutros termos, o ápice da pastoral deverá visar o novo nascimento em Cristo, que constitui como que uma nova gestação<sup>151</sup>.

Desse modo, a *Pastoral de Gestação* propõe ao menos quatro passos que auxiliam a evangelização na busca de uma espiritualidade centrada na boa nova evangélica, são eles: dar valor à vida em si, a experiência de Deus nas realidades do cotidiano, relações de ternura e compaixão, e, por fim, o compromisso e a solidariedade com os mais necessitados deste mundo<sup>152</sup>.

O primeiro passo aponta para a necessidade de uma espiritualidade que fortaleça a identidade humana do animador pastoral em perspectiva de gestação. Antes de querer ajudar os outros a realizarem sua busca espiritual, ele precisa, primeiramente, “ser fiel à sua própria originalidade, isto é, ser agente do seu projeto de vida singular”<sup>153</sup>. Essa busca de autoconhecimento, de autenticidade e autorrealização está em sintonia com o projeto de Cristo evocado pelo Evangelho (Jo 1,16). O que se deseja, fundamentalmente, é que “o agente em atitude de pastoral de gestação mergulhe mais nas vivências do cotidiano do que no conhecimento de determinado saber”<sup>154</sup>. Ele deve se ocupar em apreender aquilo que é mais importante na experiência humana e cristã:

O desenvolver a própria interioridade implica uma abertura a apreender a sensação global, por vezes diáfana, emitida pelo próprio corpo, e que ajuda a tomar consciência daquilo se vive dentro do mesmo. Essa capacidade de contato consigo mesmo deixa emergir a novidade do ser e torna a pessoa permeável à profundidade de si própria. [...] Permanecer perto dessa experiência torna a pessoa presente a si própria e contribui para o processo de gestação.<sup>155</sup>

---

<sup>150</sup> DAVIAU, Pierrete. Espiritualidade de gestação e práxis pastoral. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, Portugal, 2013, p. 178.

<sup>151</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Gestação, p. 133.

<sup>152</sup> DAVIAU, Espiritualidade de gestação e práxis pastoral, p. 180-189.

<sup>153</sup> DAVIAU, Espiritualidade de gestação e práxis pastoral, p. 180.

<sup>154</sup> DAVIAU, Espiritualidade de gestação e práxis pastoral, p. 180.

<sup>155</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Gestação, p. 181.

A espiritualidade da *Pastoral de Gestação* passa também pela experiência de Deus nas realidades do cotidiano. No segundo passo, está o princípio inaciano que diz: “buscar Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus” (Inácio de Loyola)<sup>156</sup>. É o convite para contemplar e olhar de forma diferenciada para os acontecimentos do cotidiano, percebendo nele os sinais e manifestações do agir do Espírito de Deus. Essa contemplação possibilita encontrar “as próprias atitudes fundamentais, os próprios preconceitos, as próprias forças e limitações, com um espírito de discernimento”<sup>157</sup>. Tudo isso para dizer que a espiritualidade de gestação se constrói a partir da experiência humana, é nela que Deus fala e atua, sem a qual se torna impossível a comunicação de Deus com o humano e vice-versa.

Neste sentido, o contato com os Evangelhos é altamente benéfico para cultivar tal espiritualidade. Afinal, o cotidiano nos Evangelhos é elemento central. Basta olhar para os detalhes presentes nos relatos evangélicos para se ter uma ideia de que tudo toca o cotidiano de pessoas: “ele fala do corpo, dos sentidos... aí se encontram a boca, o nariz, os olhos, as mãos e, sobretudo, os pés. É sempre o visível que nos é apresentado e é através dele que, por vezes, passa o invisível, o sopro, o vento, o Espírito”<sup>158</sup>.

O terceiro passo diz respeito a outro aspecto significativo para a espiritualidade da *Pastoral de Gestação*: ela se baseia “na interdependência da espécie humana e insiste sobre o fato de ninguém se poder realizar pessoalmente em detrimento dos seus semelhantes”<sup>159</sup>. As relações humanas jamais podem ser da ordem da autossuficiência, pois o ser humano precisa do outro, inclusive para encontrar sua realização e felicidade; por outro lado, é importante eliminar toda espécie de competição, de domínio sobre o outro, substituindo por relações de ternura, compaixão e respeito, porque é no princípio da alteridade que se solidifica a espiritualidade de gestação.

O último passo evidencia que a espiritualidade de gestação conduz inevitavelmente ao compromisso e à solidariedade com os mais fracos, pobres e vulneráveis deste mundo. Uma espiritualidade que não toca o chão da realidade, que fecha os olhos para os problemas sociais, econômicos e políticos não é evangélica, e por isso, precisa urgentemente ser questionada e ressignificada. A espiritualidade de gestação leva a: “responsabilizar os homens e as mulheres para que eles possam viver com toda a dignidade, transformar os sistemas e os valores

---

<sup>156</sup> O sentido desta frase aparece em vários escritos de Santo Inácio, mas a frase mais próxima dessa formulação está nas Constituições da Companhia de Jesus, n. 288.

<sup>157</sup> DAVIAU, Espiritualidade de gestação e práxis pastoral, p. 183.

<sup>158</sup> DAVIAU, Espiritualidade de gestação e práxis pastoral, p. 184-185.

<sup>159</sup> DAVIAU, Espiritualidade de gestação e práxis pastoral, p. 186.

econômicos, políticos e culturais, e tornar a vida agradável, também isso será anúncio e testemunho de espiritualidade”<sup>160</sup>.

### 2.6.3 Promover a vida

O cuidado com a vida é central em toda a práxis da *Pastoral de Gestação*. Não se trata apenas do cultivo da vida cristã, mas de todas as suas dimensões, a saber: “espiritual, física, psíquica, social, emocional, intelectual, afetiva”<sup>161</sup>. Dentre essas dimensões, a que vem em primeiro lugar é a vida naquilo que ela tem de mais precioso, a sua dignidade. É um convite a uma evangelização que defenda, cuide e promova a vida, a exemplo do próprio Cristo, que veio a este mundo com a missão de que todos tenham vida plena e com dignidade (Jo 10,10).

Os animadores pastorais no espírito da *Pastoral de Gestação* precisam estar comprometidos com a vida o tempo todo. E não é só com a vida do ser humano, mas de todo ser vivo, afinal, em tempos de profundas crises e mudanças climáticas, cuidar da vida em nosso planeta Terra, nossa casa comum, é urgente, e isso também é evangelizar. Não é possível falar de uma evangelização apenas do humano, deixando de lado as questões sociais, e ambientais, pois tudo está em profunda interdependência. Sendo assim:

Suscitar a vida é resistir juntos e com todas as forças a tudo o que degrada o ser humano. O coração do Evangelho reside nisso. O Deus em que os cristãos acreditam cria os seres humanos à sua imagem, livres, autônomos, criadores da sua história. Não cessa de trabalhar com eles, no intuito de tornar o mundo mais humano. Hoje como ontem, esta atitude pastoral é prioritária.<sup>162</sup>

Propor a evangelização, à luz do cuidado primordial com a vida, é na verdade levar adiante o amor e o comprometimento de Jesus com a vida dos homens e mulheres que ele encontrou pelo caminho. Nos relatos evangélicos, vê-se com frequência que as relações do Nazareno com os leprosos, os doentes, as prostitutas, os excluídos e pobres, entre outros, são marcadas por gestos, palavras, toques que devolvem a vida a essas pessoas. Elas recebem a força, a coragem, a esperança para sair da situação de opressão, exclusão, indiferença e seguir para uma nova realidade. Jesus desperta, faz emergir a fé na vida que está dentro de cada pessoa, a exemplo de uma parteira. Portanto, o agir dos animadores pastorais em perspectiva de gestação deve caminhar neste estilo de Jesus, isto é, ajudar cada pessoa, através da hospitalidade, da proximidade, a despertar para a fé e promover a vida em toda sua plenitude.

<sup>160</sup> DAVIAU, Espiritualidade de gestação e práxis pastoral, p. 188.

<sup>161</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p. 20.

<sup>162</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p. 20.

#### 2.6.4 Promover o desenvolvimento do potencial de todos

A *Pastoral de Geração* prima pela identidade de cada pessoa. Afinal, cada ser humano é único, irrepetível, com uma história singular. Por isso, no processo de nascimento de novos cristãos, e consequente amadurecimento da fé, a preocupação primeira não é com a doutrina ou a vida sacramental. Em outras palavras, pode-se dizer que, antes da doutrinação, vem a humanização. E para isso, investe-se em processos com itinerários para que o novo cristão descubra a sua própria identidade. Ele precisa ter a consciência de quem ele é diante de Deus, perante o mundo, qual a sua missão, quais os seus dons, mas também perceber quais são as suas fragilidades. A perspectiva da *Pastoral de Geração* vai colaborando para que este novo cristão possa dar passos no desenvolvimento do seu potencial, sempre num caminho de liberdade. A pastoral: “é a arte de encontrar alguém à altura da sua consciência... de suscitar o outro, pela sua própria presença, naquilo que ele tem de mais singular... Poderíamos utilizar outra fórmula: a pastoral é a arte de gerar consciências”<sup>163</sup>.

A geração de um novo cristão e o desenvolvimento do seu potencial passam também pela valorização do feminino e do masculino<sup>164</sup>. É urgente tomar consciência de que uma evangelização em perspectiva de geração não se faz apenas com homens e nem só com mulheres, pois, analogicamente falando, não se pode gerar uma criança sem a colaboração de ambos. O mesmo se aplica para o nascimento de um novo cristão, isto é, sem o contributo dos dons e carismas da mulher e do homem na vida da Igreja, a geração de um novo cristão fica comprometida, pobre e deficiente. A *Pastoral de Geração* “implica uma maneira de relacionar o feminino e o masculino, feita de mútuo acolhimento e de dom que considere a especificidade de cada um e de cada uma”<sup>165</sup>, evitando assim a polarização ou a sobreposição de um sobre o outro. O que se deseja é que haja equilíbrio e harmonia, pois, assim, a Igreja e a evangelização só têm a ganhar.

#### 2.6.5 Desenvolver redes de relacionamento

A evangelização em perspectiva de geração pretende desenvolver, nas comunidades, relacionamentos de proximidade, que garantam uma convivência marcada pela amizade, partilha, justiça, fraternidade e hospitalidade, a exemplo da experiência das primeiras

---

<sup>163</sup> BACQ, Para uma pastoral de geração, p. 25.

<sup>164</sup> BACQ, Para uma pastoral de geração, p. 21.

<sup>165</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de geração, p. 176.

comunidades do Novo Testamento. A proposta de resgatar uma vivência evangélica torna-se hoje urgente, pois cada vez mais vê-se infiltrar nas comunidades “cristãos” que semeiam ódio, violência, competição, caminhando na contramão do Evangelho. Nesse horizonte, cada comunidade deve se esforçar ao máximo para tecer relações que efetivamente possam instaurar nos seus membros a mentalidade de que todos são irmãos e que, portanto, não há espaço para rivalidades, brigas e divisões. O convite do Evangelho é que, em Cristo, há um só corpo, embora com muitos membros (Rm 12,5), mas todos interligados, numa bonita rede de fraternidade.

Nos pequenos grupos, em comunidades menores, as pessoas se sentem mais à vontade, pois encontram, nesse ambiente, uma acolhida para conviver, conhecer uns aos outros, falar sobre temas diversos, inclusive aqueles que são de maior intimidade. Onde há relações autênticas de amizade, amor, perdão, acolhida, dá-se o nascimento de comunidades fraternas, que, fecundadas pelo Evangelho, são capazes de gestar novos cristãos comprometidos em estabelecer relacionamentos, que estejam a serviço de uma convivência harmoniosa. O intuito é que as redes de relacionamentos sejam tecidas a modo de um artesão, que vai costurando e juntando os pedaços de um pano até formar uma bonita colcha.

A pastoral de gestação acolhe as múltiplas iniciativas que germinam em nível local, tendo o cuidado de integrá-las na pastoral de conjunto de uma unidade pastoral mais alargada. Ela sustenta as pequenas realizações parcelares e diversificadas, que ela considera outras tantas emergências do Reino. Não hesita em suscitar-las e coordená-las entre si. Fia-as, por assim dizer, num tecido que tem mais a ver com o artesanato do que com o fabrico em série: ela pensa-se como uma pastoral do *cosido à mão*.<sup>166</sup>

As redes de relacionamento podem ser cultivadas pela leitura assídua da Sagrada Escritura, por meio de momentos de oração comunitária, através de encontros de formação espiritual, e pode-se envolver pessoas das mais variadas faixas etárias, desde jovens e idosos para troca de experiências entre as gerações sobre os mais variados assuntos. Enfim, o importante é que esses encontros fortaleçam os vínculos e aumentem sempre mais entre os grupos a fraternidade e a comunhão.

## 2.6.6 Propor o tesouro espiritual da Igreja

A *Pastoral de Gestação* prioriza também o grande tesouro espiritual da Igreja católica em seu processo de evangelização. Afinal, não se pode deixar de lado um legado tão rico e expressivo como o da Tradição eclesial transmitida, sobretudo, por meio dos Padres da Igreja

---

<sup>166</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p. 21.



e de tantos santos e santas ao longo da história. É evidente que não se trata apenas de mero estudo de conteúdo das obras. Muito mais do que isso: o contato com estes tesouros deve servir de estímulo para que as mulheres e homens de hoje sejam capazes de também fazer uma experiência vital do encontro com a Boa Nova de Jesus Cristo. Olhar para essas testemunhas da Tradição da Igreja é perceber que também elas tiveram os desafios próprios do seu tempo, e nem por isso deixaram de acreditar na beleza e na vitalidade do anúncio da Boa Nova. Sendo assim, vale a pena investir, resgatar e colocar em evidência a Tradição viva da Igreja, pois ela é, sem dúvida, “rica em testemunhos que são suscetíveis de nos guiar pelo seu exemplo de vida e pelo seu testemunho. É por isso que é importante ir beber a esse tesouro de sabedoria e de o dar amplamente a conhecer na nossa catequese e na nossa pastoral”<sup>167</sup>.

Este tesouro espiritual da Igreja, durante algum tempo, foi causa de conflito em relação ao diálogo ecumênico, sobretudo, por causa do exagero do devocionismo popular. Mas é preciso compreender que esse tesouro é parte importante da identidade da fé cristã católica, e por isso não pode ser simplesmente descartado. Ao contrário, só se pode dialogar com o diferente tendo consciência das próprias raízes, inclusive no campo do diálogo ecumênico. Vale, pois, olhar para o testemunho bonito de tantos santos e santas que, ao longo de séculos, tornaram-se modelos inspiradores para auxiliar os cristãos no seguimento a Cristo e na busca de santidade.

Os santos guiam-nos de maneira concreta pelos seus escritos, pela sua teologia tão rica, mas também de forma misteriosa pela sua presença, pela sua comunhão, pela sua intercessão. Eles sabem juntar-se a nós e tocar o nosso coração, pois oferecem-nos o testemunho de uma experiência vivida. Como faróis no nosso percurso, mostram-nos o caminho, mas são também amigos fiéis que nos convidam a viver uma verdadeira relação fraternal. [...] Por isso, seria lamentável, privarmos-nos de um tal apoio.<sup>168</sup>

Por isso, a *Pastoral de Geração*, em seu horizonte de evangelização, valoriza e propõe que esse tesouro seja cada vez mais conhecido pelos cristãos católicos. O intuito não é criar um devocionismo, mas, sim, uma maneira de não esquecer desse grande legado da Tradição e, ao mesmo tempo, ser útil no diálogo e na aproximação com cristãos de outras denominações.

---

<sup>167</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 155.

<sup>168</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 156.

## 2.7 Conclusão do capítulo 2

O objetivo central do segundo capítulo foi apresentar de modo geral a proposta da *Pastoral de Geração*, bem como pontuar os seus principais fundamentos. Nesta conclusão parcial, desejamos, de modo mais condensado, resgatar os aspectos mais significativos do percurso feito até aqui.

Na primeira seção deste capítulo, vimos um pouco das consequências do processo de secularização do Cristianismo na Europa, em especial, nos países francófonos. Em seguida, como resposta a este novo contexto, surge a *Pastoral de Geração*. Ela tem a sua inspiração a partir de pensadores como Christoph Theobald, Phillipe Bacq, André Fossion, entre outros, que colocaram as perguntas fundamentais: ainda existe uma oportunidade para o Evangelho no mundo contemporâneo? O Evangelho ainda continua sendo uma Boa Notícia para os homens e mulheres de hoje? Ao longo da primeira seção, ficou evidente para nós que o Evangelho continua, mesmo em um mundo totalmente novo, com força e vitalidade para chegar aos corações e às mentes dos nossos contemporâneos. Apesar da grave crise na transmissão da fé cristã, que assola não só os países mais secularizados, mas também os de forte tradição cristã, como na América Latina, viu-se que o anúncio do Evangelho, a partir da *Pastoral de Geração*, é um caminho que se vislumbra com esperança, diálogo, graça e criatividade.

A *Pastoral de Geração* se coloca não como a “salvadora da pátria”, mas como um estilo de vida e ação, centrado no Evangelho, em que Deus, pela ação do seu Espírito, gera novos filhos e filhas, mesmo neste tempo de profundas crises. Nessa proposta pastoral, vimos que a vida é sempre uma surpresa, e por mais que um homem e uma mulher possam gerar uma criança, ela nunca será igual aos seus genitores. Algo semelhante acontece com cada novo cristão, sua fé não é gerada por osmose ou pelo resultado dos nossos esforços, não se pode fabricar a fé de ninguém, pois, como vimos, ela, em si, é intransmissível. O que nos resta, é zelar pelas condições que tornam a fé possível, compreensível, praticável e desejável<sup>169</sup>.

Na segunda seção, vimos que o fundamento da *Pastoral de Geração* é o Evangelho, cujo personagem central é Jesus Cristo. Toda evangelização deve partir deste horizonte, sempre com o desejo de que o Evangelho chegue a todos, não de modo impositivo, mas sempre pela via da proposta. O anúncio do Evangelho, em qualquer lugar do mundo, é sempre uma bondade radical. Mesmo diante da realidade do mal, que parece contradizer essa bondade, ela sempre surge com a missão de libertar, curar e suscitar a vida, onde a dignidade está ameaçada pelas forças da maldade. O porta-voz dessa bondade radical do Evangelho é Jesus Cristo, que atua

---

<sup>169</sup> FOSSION, *Évangéliser de manière évangélique*, p. 62.

como *passeur*, *pasteur* e credível. Enquanto *passeur*, Jesus age como a figura de um barqueiro, em que conduz as pessoas para o despertar da própria fé e para uma nova qualidade de vida e de relação. O *pasteur* Jesus desenvolve toda a sua missão com gestos de proximidade, compaixão, cuidado e amor com todas as pessoas que ele encontra pelo caminho. Todo o ministério de Jesus tem a sua autoridade no Pai, por isso, a sua credibilidade sempre gera admiração em todos que o escutam e veem a coerência entre as suas palavras e seus gestos. Neste caminho de evangelização em perspectiva de gestação, vimos que Jesus vai se deparar com três categorias de pessoas: os homens e as mulheres do Reino (Mt 5,1-12), com os quais podemos aprender importantes lições, inclusive sendo surpreendidos por uma fé humana, que permite a Deus gestar nelas valores evangélicos, para além das estruturas eclesiais; a segunda categoria são os discípulos e discípulas, que deram um passo para trilhar o caminho do seguimento, indo além da fé elementar, e depositando o horizonte de suas vidas na mensagem e na pessoa de Jesus Cristo; e por fim, os apóstolos, os quais são enviados para dar ao mundo um testemunho radical do anúncio do Evangelho, repetindo os gestos de cura, libertação e de entrega da vida, a exemplo do Nazareno.

Na última seção, abordamos as atitudes basilares que contribuem para uma evangelização em perspectiva de gestação. A primeira atitude traz a abertura à imprevisibilidade do Espírito. A fé e a evangelização precisam se abrir sempre mais ao protagonismo do Espírito Santo, por mais que os nossos métodos sejam requintados, nada se compara com as surpresas que o Espírito nos reserva. A segunda atitude nos revela que toda a ação da *Pastoral de Gestação* deve estar permeada de espiritualidade, justamente para evitar que se caia num ativismo pastoral e num esgotamento das forças dos animadores pastorais. Sem espiritualidade, nenhuma ação pastoral consegue ter vitalidade. Em relação à terceira atitude, que é a preocupação e o cuidado com a vida, toda a práxis evangelizadora deve zelar, proteger e defender a vida em todas as suas dimensões, sobretudo onde a vida se encontra mais ameaçada. A quarta atitude enfatiza a urgência de uma evangelização que valorize a identidade de cada pessoa naquilo que ela tem de mais singular. O trabalho de evangelização efetivo é aquele que leva a pessoa a descobrir a sua própria identidade, a reconhecer os dons e ser capaz de potencializar aquilo que cada um tem de melhor, dando voz e vez às diferenças.

A marca da evangelização em perspectiva de gestação, como vimos na quinta atitude, está na capacidade de desenvolver e estreitar laços profundos de proximidade, hospitalidade e fraternidade nas pequenas comunidades. E por fim, a evangelização deve valorizar e propor o tesouro espiritual da Igreja, sobretudo o legado dos escritos dos Padres da Igreja e dos santos e santas como meio de estimular os cristãos de hoje, a partir de exemplos concretos, a fazerem a

sua experiência do encontro com Jesus e seu Evangelho, mesmo num contexto de tantas fraturas e crises. O contato com esse tesouro da Igreja auxilia o cristão a conhecer mais a identidade da sua fé, bem como ajuda no diálogo com cristãos de outras denominações, e mesmo com pessoas de outras religiões. Todo diálogo, seja ecumênico, seja interreligioso, só pode ser efetivo se cada pessoa tem consciência de suas raízes e sua identidade de fé.

Tendo em vista o conjunto dos capítulos primeiro e segundo da presente pesquisa, viu-se que: os paradigmas pastorais vigentes na história da Igreja, tiveram seus valores e contribuições no processo de evangelização. Por outro lado, eles também apresentaram seus limites, que provocaram impasses, crises, feridas na vida das pessoas e lacunas no caminho evangelizador da Igreja. Perante o nascimento de um novo mundo, se a Igreja continuar com tais paradigmas, vai ficar simplesmente repetindo respostas do passado para os novos desafios do tempo presente. Por isso, ela precisa urgentemente de um novo paradigma pastoral. E como vimos, no segundo capítulo, a proposta do estilo da *Pastoral de Geração* se coloca como uma perspectiva que mais se adequa à realidade atual, e que pode ajudar a Igreja em sua missão evangelizadora a: “(...) tornar possíveis os começos e os recomeços da fé, favorecê-los e acompanhá-los, quando eles advêm, com humildade, com espírito de serviço, sem pretender controlar o seu fim, respeitando as novas sensibilidades e as novas formas de habitar o Evangelho”<sup>170</sup>.

Diante deste horizonte, no próximo capítulo, iremos apresentar algumas experiências que demonstram que este novo caminho evangelizador, à luz da proposta da *Pastoral de Geração*, é algo possível de ser realizado e que pode enriquecer a missão evangelizadora da Igreja católica no Brasil. Na verdade, as experiências que serão relatadas não são tão novas assim: elas estão em sintonia com o próprio princípio pastoral do Concílio Vaticano II, que sempre orientou que a missão evangelizadora da Igreja precisa ter em conta o contexto histórico, cultural e existencial dos destinatários da Boa Nova. Dessa forma, perante os sinais do tempo presente, pode-se descobrir possibilidades, lugares e contextos não programados para a fé, mas abertos, propícios e salutareis para o anúncio do Evangelho.

---

<sup>170</sup> FOSSION, André. Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de geração. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 99.

### 3 A PASTORAL DE GESTAÇÃO EM AÇÃO: UM DIÁLOGO COM AS DGAE

*Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouve a minha voz e abre a porta, eu entrarei em sua casa e farei refeição com ele e ele comigo.*

Ap 3,20

Neste último capítulo, após termos apresentado os fundamentos da proposta da *Pastoral de Geração*, iremos descrever algumas experiências pastorais concretas, em que é possível vislumbrar o agir de Deus gestando homens e mulheres na fé, capazes de dialogar com os desafios do tempo presente e abertos aos sinais do que o Espírito fala e suscita no mundo e na Igreja. Desejamos também buscar, nessas experiências, possíveis contribuições que possam enriquecer as atuais e futuras Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja católica no Brasil<sup>171</sup>. Para tanto, este capítulo será estruturado em quatro partes. A primeira apresentará uma “gramática espiritual” da evangelização em perspectiva de geração. A segunda, em vista de enriquecer o pilar da Palavra, abordará experiências de evangelização a partir da proposta da autobiografia e de projetos de vida, em que o cristão é convidado a reler a própria vida sob o ângulo da relação com o espiritual/religioso e, assim, encontrar o fio condutor que dá sentido à sua existência, bem como tomar consciência dos rastros de Deus em sua história. Na terceira parte, após o cristão ter-se encontrado com a sua história de vida singular e como um ser capaz de Deus, em vista de inspirar o pilar do Pão e da Ação Missionária, abordaremos a necessidade do humano de estabelecer laços de fraternidade, criar vínculos de comunhão, e que, assim, ele possa unificar sua existência individual à eclesial. E por fim, para aprofundar o pilar da Caridade, mostraremos como, no âmbito social, os cristãos não vivem fechados, isolados, mas abertos a todos, pois são impelidos por aquilo que acreditam, a testemunhar a fé, o amor-caridade e a esperança no mundo, sobretudo com uma predileção especial para com os mais necessitados. Para finalizar o capítulo, faremos uma conclusão parcial, retomando, a exemplo dos capítulos anteriores, as ideias mais importantes.

#### 3.1 A evangelização em geração

De tudo o que foi visto até o presente momento, vai ficando evidente que o espírito da *Pastoral de Geração*, tendo em conta o cenário atual de grandes desafios para a transmissão

---

<sup>171</sup> CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*: 2019-2023. Brasília: Edições CNBB, 2019. A partir de agora, para referência: CNBB, DGAE 2019-29023.

da fé, se apresenta não como mais uma pastoral, mas antes de tudo com uma “maneira de ser, um modo de se portar pastoralmente na crise, com esperança, entre o que morre e o que nasce”<sup>172</sup>. O que anima a *Pastoral de Geração* é a “fé no amor incondicional e desmedido de Deus-que-gera”<sup>173</sup> de diversas maneiras, seja “dentro”, seja “fora” da Igreja. Ela tem o seu fundamento no Evangelho, que já trabalha as consciências e o coração daqueles e daquelas que o vão receber, mesmo antes do seu anúncio. Por isso, ela não começa propondo a fé cristã, mas sim despertando para aquilo que é comum a todos, isto é, o “crer” antropológico, para só depois adentrar na fé religiosa. Para que toda essa nova mentalidade possa se concretizar no processo evangelizador do tempo presente, alguns elementos são fundamentais. Eles estão presentes na chamada gramática espiritual para uma *Pastoral de Geração* do teólogo André Fossion<sup>174</sup> e serão elencados a partir de agora.

O primeiro elemento primordial é que toda a evangelização precisa estar atenta aos sinais dos tempos, isto é, saber ler, nos dinamismos culturais que atravessam a sociedade hodierna, o que favorece, o que pode ser útil para que uma pessoa, despertada em sua fé elementar, seja capaz de dar passos de modo livre e consciente em busca de uma fé cristã que seja possível, plausível e desejável<sup>175</sup>. Neste sentido, a evangelização precisa aproveitar todo esse cenário, que continua aberto e favorável à escuta do Evangelho, para fazer, de modo diferente, um anúncio que não seja impositivo, mas propositivo, que “não prende, nem assedia, não faz chantagem afetiva”<sup>176</sup>, mas que seja para a pessoa uma proposta que acrescente à sua vida algo essencial e prazeroso para a sua existência. Uma primeira dica seria investir em novas propostas pastorais capazes de desenvolver itinerários de “(re)começos da fé”, sendo, assim, um modo novo de ressoar o anúncio do Evangelho aos ouvidos dos homens e mulheres de hoje, tanto para quem está “fora” como “dentro” da vida cristã.

Um segundo elemento que a evangelização precisa levar em consideração é que a fé em si mesma não se transmite. Ela é da ordem da graça, surge do encontro, do diálogo de liberdade da pessoa e Deus, de forma que “o lugar onde nasce ou renasce a fé não está no poder de ninguém”<sup>177</sup>. Pode-se questionar: se o nascimento da fé não é obra nem resultado do esforço da evangelização, para que serve a evangelização? Na perspectiva da *Pastoral de Geração*, compete à evangelização apenas criar condições que favoreçam, que ajudem a despertar a fé no

---

<sup>172</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 174.

<sup>173</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 174.

<sup>174</sup> FOSSION, *Évangéliser de manière évangélique*, p. 63-72.

<sup>175</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 184.

<sup>176</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 176.

<sup>177</sup> FOSSION, *Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo?* p. 99.

coração do crente. Estar ao serviço dessa evangelização é se abrir às surpresas do Espírito, basta preparar o terreno para que a semente, ao ser lançada, tenha ali as condições favoráveis para germinar, crescer e dar os frutos, conforme a parábola do semeador (Mc 4,26-27). Disso resulta uma indicação prática: a gestação da fé coloca em primeiro lugar a ação de Deus, “porque Ele é que gera a sua vida, e evoca a sua ação no coração das pessoas, antes mesmo de qualquer iniciativa da Igreja”<sup>178</sup>.

Outro aspecto relevante para a evangelização em perspectiva de gestação é o cuidado de não esquecer que os anunciadores do Evangelho são os primeiros destinatários<sup>179</sup>. Isso faz com que os evangelizadores abandonem qualquer postura de arrogância em relação a quem não foi evangelizado. Evangelizar é sempre deixar-se evangelizar, por isso, não é porque alguém já foi evangelizado que não teria mais nada a aprender da Boa Nova de Jesus. Ao contrário, todos são continuamente destinatários do anúncio do Evangelho, em qualquer idade, circunstância ou serviço na Igreja.

A evangelização em gestação provoca uma mudança de mentalidade ao pensar no anúncio aos que ainda não conhecem Jesus Cristo. Normalmente a tendência é achar que Jesus não está com os “não cristãos”, mas é o contrário, o próprio Nazareno garante aos discípulos que ele sempre os precede nas Galileias do mundo (Mc 16,7). Por isso, evangelizar não é levar Cristo às pessoas, mas sim ajudar as pessoas a descobrirem o Cristo que já está no meio delas:

Nós somos sempre, com efeito, precedidos pelo Espírito de Cristo lá onde nós chegamos. Nós não levamos aos outros o que eles não têm, mas colocamo-nos sobre o seu caminho, para descobrir com eles os traços de Cristo ressuscitado já ali. A fé é um caminho de reconhecimento do que já está dado secretamente.<sup>180</sup>

Uma indicação prática é perceber que a Igreja não é dona, nem detém o monopólio de Jesus Cristo, nem do seu Evangelho, por isso, na sua missão evangelizadora, ela tem que se recordar que a salvação trazida por Jesus está para além dela, e é aberta a todo homem e mulher, independentemente de estar ou não na Igreja.

Ainda dentro dessa perspectiva, é muito salutar que a Igreja e os seus evangelizadores não adotem jamais uma postura de superioridade sobre quem ainda não “conhece” Jesus e nem o Evangelho. Fossion deixa bem claro que a evangelização só acontece de forma exitosa e

<sup>178</sup> DUMAS; BACQ, *L'Évangile en pastorale*, p. 50. Texto original. “Évoque en effet l'action de Dieu dans le cœur des humains avant même toute initiative de l'Eglise”.

<sup>179</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 63.

<sup>180</sup> FOSSION, *Évangéliser de manière évangélique*, p. 64. No original. “Nous sommes toujours, en effet, précédés par l'Esprit du Christ là où nous arrivons. Nous n'apportons pas aux autres ce qu'ils n'ont pas, mais nous les rejoignons sur leur route pour découvrir avec eux les traces du Christ ressuscité déjà là. La foi est une démarche de reconnaissance de ce qui est déjà donné secrètement”.

respeitosa quando há da parte de quem “evangeliza” a abertura para ser acolhido pelo outro que “recebe” o anúncio: nunca procurar acolher o outro, mas arriscar-se a ser acolhido por ele, confiando nas suas capacidades de acolhimento<sup>181</sup>. A indicação é de uma evangelização sempre a partir de uma via de mão dupla, isto é, não só se oferece, mas também se recebe.

Mais um elemento que deve ser destacado na evangelização a partir do horizonte da gestação é o tripé: encontro, solidariedade e diálogo. A evangelização precisa estar atenta para que no encontro com o outro haja um processo de humanização. Jesus, o tempo todo em seus encontros com as pessoas, tem o cuidado de fazer vir o humano, sair da violência e estabelecer laços de fraternidade<sup>182</sup>. O anúncio do Evangelho se faz por meio do diálogo, porque não se trata de impor a fé cristã aos outros, mas antes propô-la. Num mundo cada vez mais plural, de afirmação das minorias, de grande variedade de expressões culturais e religiosas, não é possível dar um passo sequer para um caminho de evangelização sem diálogo. E por fim, a evangelização deve gerar, nas pessoas, nas comunidades, o espírito de solidariedade com os pobres e mais vulneráveis. Sem respeito, não há como acolher e conviver com o diferente, muito menos criar vínculos que promovam o sentimento de pertença e de hospitalidade. Sendo assim, as tarefas de humanização não são táticas ou estratégias de evangelização para trazer pessoas para a Igreja, mas, sim, para lutar por uma humanidade mais digna, justa, fraterna, amorosa, que também “constituem a condição e o terreno natural do anúncio do Evangelho e da emergência da fé”<sup>183</sup>.

Outro aspecto indispensável para a evangelização de gestação é eliminar as falsas imagens que as pessoas têm de Deus<sup>184</sup>, pois elas constituem um empecilho para essa proposta evangelizadora. Por isso, a *Pastoral de Gestação* tem a missão de realizar de forma paciente o trabalho de desconstrução destas falsas representações de Deus e fornecer, ao mesmo tempo, “uma imagem correta de Deus e do homem, pois uma falsa imagem de Deus desfigura a imagem do homem, como uma autêntica imagem do homem garante a luminosidade do rosto de Deus”<sup>185</sup>.

Os aspectos mencionados anteriormente dão o norte para onde caminha o agir da *Pastoral de Gestação*. Nas próximas seções, o objetivo será duplo: primeiro, destacar algumas

---

<sup>181</sup> FOSSION, *Évangéliser de manière évangélique*, p. 65.

<sup>182</sup> FOSSION, *Évangéliser de manière évangélique*, p. 65

<sup>183</sup> FOSSION, *Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo?* p. 103.

<sup>184</sup> Indicamos algumas obras do teólogo italiano Francesco Consentino que nos últimos anos tem se dedicado à pesquisa sobre esse tema: *Sui sentieri di Dio*. Mappe della nuova evangelizzazione, San Paolo: Roma, 2012; *Immaginare Dio*. Provocazioni postmoderne al cristianesimo, Assisi: Cittadella, 2010; *Non è quel che credi*. Liberarsi dalle false immagini di Dio, Bologna: Dehoniane, 2019; *Lievito in pasta*. Evangelizzare la città postmoderna, EMP: Padova, 2018.

<sup>185</sup> FIALHO NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação, p. 202.



experiências pastorais que evidenciam que uma evangelização em perspectiva de gestação é possível; segundo, estabelecer um diálogo dessa proposta com os pilares das DGAE, com o intuito de enriquecê-las, e assim fortalecer o caminho evangelizador da Igreja católica no Brasil.

### **3.2 A ação evangelizadora em âmbito espiritual-existencial: a autobiografia e os projetos de vida**

A ação evangelizadora, dentro do espírito da *Pastoral de Gestação*, pretende ajudar o cristão a se abrir para uma vida não só espiritual, mas também com profundidade existencial. Na verdade, são duas dimensões inseparáveis da mesma realidade, pois não é possível pensar a pessoa, o cristão, desvinculado do espírito nem da vida. As experiências que serão descritas a seguir vão evidenciar o quanto esse caminho é possível, e não se trata de um processo complexo, mas de algo que está ao alcance de todos.

#### **3.2.1 Autobiografia**

A experiência da autobiografia na Igreja católica não é uma novidade. Basta olhar para a longa tradição autobiográfica da espiritualidade cristã, em que se pode encontrar várias referências singulares sobre o assunto. Recordemos, por exemplo, o livro das *Confissões* de Santo Agostinho, a *Autobiografia* de Santo Inácio de Loyola, a *História de uma Alma* de Teresa de Lisieux, o *Livro da Vida* de Santa Teresa d'Ávila, entre outros. Isso mostra que essa prática de relatar as experiências de Deus no cotidiano da vida sempre revelou algo extremamente fecundo e libertador na vida de tantos santos e santas. E por que não estender essa experiência para a vida dos homens e mulheres de hoje como um valioso e importante instrumento de evangelização? A seguir, nós exporemos a proposta de um caminho espiritual autobiográfico.

No início do despertar da minha fé, eu sentia, a par da alegria, o assombro por ter passado tantos anos ao lado da minha vida. Contudo, agora creio que a minha autobiografia me fez nascer de verdade. Contudo, se isso aconteceu, penso que terá sido porque ela contribuiu para dar sentido a toda a minha história. Consegui encontrar um fio condutor que faz sentido, que ilumina a minha vida, até mesmo os meus períodos de escuridão.<sup>186</sup>

---

<sup>186</sup> GIGUÈRE, Paul-André. Trabalho autobiográfico e novo nascimento. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 224. Indicamos uma outra obra do autor para aprofundamento: *Uma fé de adulto*, São Paulo: Paulinas, 1999.

Este é o relato de uma participante que, por mais de vinte anos, perdeu toda referência religiosa da sua vida. É impressionante o quanto o processo autobiográfico deu a ela as condições de encontrar o fio condutor da sua existência e, ao mesmo tempo, encontrar as marcas de Deus que um dia foram perdidas na sua história pessoal. Essa prática se deu no âmbito da formação oferecida no Instituto de Pastoral dos Dominicanos em Montréal, Canadá, conduzida pelo professor Paul André Giguère. O processo durou cerca de trinta horas, dividido em dez encontros de três horas cada um, entre os meses de setembro e abril<sup>187</sup>.

A estrutura dessa experiência está dividida em três partes<sup>188</sup>, a saber: a primeira é consagrada a ajudar a pessoa a encontrar as recordações, as memórias que ficaram fragmentadas e perdidas em sua história, a fim de que ela consiga juntar estes fragmentos, dando unidade e coesão à sua vida no presente momento. A grande meta é descobrir qual é o fio condutor da sua existência e, assim, iniciar um processo decisivo em sua caminhada. Na segunda parte, a pessoa é levada a escrever um relato como eco do que ela vivenciou ao reconstruir o tecido da sua história e, logo em seguida, expô-lo aos participantes do grupo, que deverão acolher, sem qualquer forma de julgamento, as aventuras, as crises e acontecimentos comuns na vida de cada um. E por fim, na última parte, os participantes devem elaborar um relato final, tendo em conta todo o itinerário realizado, inclusive dando ênfase às decisões a serem tomadas após esse percurso. A seguir, expomos o relato de um participante que realizou o percurso autobiográfico.

O trabalho de autobiografia tem sido para mim como que uma concepção: o germe de uma nova vida fora semeado em mim. Terá sido seguido por uma gestação que durou três anos; reler o passado, dar um sentido ao presente em relação ao passado, mas também antecipando o futuro. Tive de fazer numerosos lutos e de combater a desesperança. Atravessar as ravinas da morte, a fim de me dirigir para a terra prometida e encontrar-me finalmente, hoje, no momento das últimas contrações que me permitirão por fim ver o dia (...). É uma experiência que me terá permitido renascer, mas, como em qualquer nascimento, a vida apenas começa. Há que aprender, que construir e, como já houve uma vida, também há que corrigir aquilo que tinha sido mal aprendido, há que reaprender a confiança e consolidar as coisas boas, olhando, a partir de agora, para o futuro. No fundo, ainda está tudo por fazer.<sup>189</sup>

Neste depoimento, fica bastante claro que o processo da autobiografia se dá no presente e não no passado, ou seja, não se trata de uma tentativa de reconstituir o passado, mas de buscar nele os elementos que ajudem a compreender o presente<sup>190</sup>, aquilo que se está vivendo, e se perguntar: como me tornei a pessoa que sou hoje? E, a partir desse questionamento, tomar

<sup>187</sup> GIGUÈRE, Trabalho autobiográfico e novo nascimento, p. 224.

<sup>188</sup> GIGUÈRE, Trabalho autobiográfico e novo nascimento, p. 224-225.

<sup>189</sup> GIGUÈRE, Trabalho autobiográfico e novo nascimento, p. 224-225.

<sup>190</sup> GIGUÈRE, Trabalho autobiográfico e novo nascimento, p. 228.

consciência para onde se quer caminhar, quais as rupturas devem ser feitas para ir em direção àquilo que verdadeiramente dá sentido à sua existência.

Há no itinerário autobiográfico um duplo objetivo com o participante. O primeiro é que ele precisa ser autor da própria vida, e não um ator que interpreta personagens – por isso mesmo, deve ser o principal protagonista da sua história. Ele precisa ter coragem de tomar nas próprias mãos a condução da sua história, ser capaz de reconhecer os limites, ressignificar as dores, as crises, os traumas experimentados, e buscar superá-los para iniciar um novo ciclo na sua trajetória. O outro propósito é dar condições para que cada participante, ao chegar ao final do percurso autobiográfico, utilize da sua autobiografia como fonte de inspiração e motivação para que outras pessoas possam também trilhar caminho semelhante. É importante ressaltar que a autobiografia não é história de super-heróis, mas de humanos que, nas suas fragilidades e limites, encontraram forças e superação para dar a volta por cima. Eles recuperaram não só a dimensão espiritual de suas vidas, mas deram à própria existência um novo sentido e horizonte.

### 3.2.2 Projetos de vida<sup>191</sup>

Nas últimas décadas, tem crescido a busca e o interesse pelos chamados projetos de vida, não só no ambiente eclesial, mas também em escolas e faculdades. Embora esses projetos coloquem o foco principalmente nos jovens, eles não são exclusivos para eles. Toda e qualquer pessoa pode construir um projeto de vida. Tal projeto não é apenas para tomar decisões sobre o futuro ou escolher uma profissão, mas principalmente para percorrer um caminho de autoconhecimento. Em outras palavras, o projeto de vida é:

Um itinerário que ajuda o indivíduo a se constituir como a pessoa que é, na medida em que faz memória de sua história pessoal, conscientiza-se de suas características pessoais, e toma decisões que vão diferenciando-o dos demais, numa trajetória cada vez mais autônoma.<sup>192</sup>

Ao olhar para a finalidade dos projetos de vida, percebe-se neles um instrumento muito valioso para a ação evangelizadora. Por esse motivo, passaremos, a seguir, a apresentar algumas

---

<sup>191</sup> No Brasil este tema sido bastante estudado nos últimos anos. Indicamos para um maior aprofundamento, o trabalho de pesquisa de Érika Gomes Duarte, que recentemente defendeu sua dissertação de mestrado em Teologia pela FAJE (BH) com o título: *Crescer até a estatura de Cristo: contribuições psicoespirituais para o amadurecimento cristão dos jovens* (2023). No último capítulo, a partir da página 86, ela aborda o Projeto de vida para os jovens, como um instrumento de evangelização, e que também colabora para o amadurecimento cristão da juventude. Disponível em: [https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/Dissertacao\\_Erika-Gomes-Duarte\\_final.pdf](https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/Dissertacao_Erika-Gomes-Duarte_final.pdf). Acesso em: 12 set 2023.

<sup>192</sup> DURAU, Odair José; CORREIA, Vanessa Araújo (Orgs.) *Projeto de Vida para jovens: um itinerário metodológico de esperança*. Loyola: São Paulo, 2020, p.13.

experiências vindas da Europa, mas também destacando os projetos de vida que já existem em solo brasileiro.

### 3.2.2.1 Associação Roche Colombe

O projeto de vida denominado ROC (rocha), em referência à Associação Roche Colombe<sup>193</sup>, surgiu com o propósito de auxiliar jovens universitários franceses a construir com entusiasmo o seu projeto de vida, não só do ponto de vista profissional, mas incluindo também a vida espiritual e eclesial. Essa iniciativa partiu dos encontros e diálogos de uma pequena equipe de pastoral da Faculdade de Ciências São Jerônimo na cidade de Marselha, França. Inicialmente, essa equipe era composta por dois teólogos jesuítas, Édouard Pousset e Christoph Theobald, juntamente com as estudantes Florence Baiget e Emmanuelle Petit-Forestier e a ex-capelã, a religiosa inaciana Marie-Jo Deniau. No depoimento abaixo, encontra-se a motivação de Christoph Theobald e Marie-Jo Deniau ao iniciarem esse projeto:

Esta experiência eclesial, curta, mas muitas vezes significativa, levava-os a tentar musicar as tonalidades que, no Evangelho, os tinham seduzido. Aqueles jovens, no fim dos estudos, tinham igualmente tudo para construir: a sua vida afetiva e relacional, profissional e social. Tinham de se decidir sobre a escolha de uma profissão, ou até do tipo de empresa etc. Estávamos a dirigir-nos, portanto, a jovens situados num limiar muito específico da sua existência cristã.<sup>194</sup>

Os três pilares que marcam toda a experiência do ROC são: leitura das Escrituras – sobretudo o contato com os Evangelhos –, dar aos participantes a capacidade de trilhar seu caminho humano e espiritual de forma consciente e, por fim, o último pilar, sentir-se parte da caminhada da história da Igreja na condição de discípulo<sup>195</sup>. Apesar de o projeto inicial ter sido destinado a jovens universitários, este itinerário pode ser ampliado para as mais diversas faixas etárias, serve para jovens, mas também para pessoas mais experientes.

A duração de todo este itinerário se dá em três etapas, que perfazem um período de um ano e seis meses. Durante a primeira etapa, os participantes iniciam o caminho a partir da

---

<sup>193</sup> A Associação Roche Colombe foi fundada em 1974 em Senlis (França) pelo padre Jesuíta Édouard Pousset, juntamente com Monique Rosaz e um grupo de pessoas reunidas em torno dos textos do Evangelho. A primeira planta a nascer nessa terra foi transplantada para a cidade francesa de Creuse, em 1978. Desde então, ela cresceu e tem dado frutos: cerca de oitenta grupos foram criados. Hoje, a Creuse continua a ser o local de cuidado para os membros da associação, mas existem grupos de convivência em várias regiões.

<sup>194</sup> DENIAU, Marie-Jo; THEOBALD, Christoph. Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 238.

<sup>195</sup> DENIAU; THEOBALD, Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida, p. 240-241.

interrogação das mulheres na manhã da ressurreição e da partida dos discípulos, tomando de novo os caminhos da Galileia, conforme os relatos de Marcos e Mateus “(...) não vos assusteis! Buscais Jesus, o nazareno, o crucificado? Ele ressuscitou! Não está aqui!... Ide, porém, dizer a seus discípulos e a Pedro: Ele vai à vossa frente para a Galileia; lá o vereis, como vos disse!” (Mc 16, 6-7; Mt 28, 5-7). Os participantes são motivados, a exemplo dos discípulos, a fazerem este caminho para a Galileia de suas vidas, abrindo-se à experiência da fé de grandes figuras bíblicas, como Abraão, Moisés, Josué, Maria, Paulo etc., vendo nelas algo que possa ajudá-los em sua própria travessia, na busca de um sentido novo para a vida. Isso se dá por um gesto de confiança, pela tomada de consciência do pecado, que suscita a conversão e leva à descoberta da doçura de Deus<sup>196</sup>.

Os passos propostos possibilitam ao participante iniciar também uma releitura da sua existência, revendo acontecimentos, reconhecendo erros e acertos, para paulatinamente devolver à sua vida a coesão e direção. Os participantes nessa primeira etapa entram em contato, por exemplo, com os primeiros capítulos do Evangelho de Marcos, que acenam para a identidade e a missão de Jesus Cristo (Mc 1,27; Mc 4,41) a fim de que possam fazer a experiência do encontro com ele e reavivar as forças, as motivações para permanecer no seguimento do Cristo.

A partir da segunda etapa, o participante é confrontado a colocar-se perante os campos humanos fundamentais que sempre exigem conversão e decisão: “nossas relações, nosso estilo de vida e a nossa relação com os bens, o nosso lugar na Igreja e na sociedade. É o terreno das tentações de Cristo; é o terreno dos votos: castidade, pobreza e obediência”<sup>197</sup>. Nessa etapa, os participantes são motivados a fazer uma longa caminhada em silêncio, em que cada um se organiza ao longo de um dia para rezar e meditar o capítulo 21 do Evangelho de João, entrando no mistério da Ressurreição. O versículo que norteia essa experiência é: “Jesus disse-lhes: Vinde e comei. Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-lhe quem era ele, pois sabiam que era o Senhor” (Jo 21,12).

E a última etapa coloca “fim” ao percurso histórico e à experiência espiritual do participante, “neste momento é feita a leitura da refeição eucarística (Mc 14) e do lava-pés (Jo 13), os quais são anunciados como uma verdadeira boa notícia capaz de transformar de forma radical as práticas eucarísticas e a experiência eucarística da vida cristã”<sup>198</sup>. Após esse percurso, o participante, munido de um projeto pessoal de vida, deve prosseguir seu caminho, de modo

<sup>196</sup> DENIAU; THEOBALD, Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida, p. 246.

<sup>197</sup> DENIAU; THEOBALD, Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida, p. 246.

<sup>198</sup> DENIAU; THEOBALD, Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida, p. 247.

autônomo, consciente de que todo o processo vivido não é o fim, mas apenas o começo de uma nova jornada em sua história.

### 3.2.2.2 Projeto de vida para as juventudes

No Brasil, existem experiências bonitas com os projetos de vida para as juventudes, com resultados muito satisfatórios. Vale a pena destacar pelo menos dois projetos: o “Projeto de Vida para Jovens: um itinerário metodológico de esperança”, desenvolvido pelo Programa MAGIS Brasil ligado à Companhia de Jesus<sup>199</sup>, e o “Vida: um projeto em construção”<sup>200</sup>, idealizado pelo bispo salesiano Dom Eduardo Pinheiro da Silva.

O projeto de vida do Programa MAGIS Brasil é resultado de uma ação apostólica dos jesuítas do Brasil, que nos últimos seis anos vêm desenvolvendo um trabalho de acompanhamento e formação junto às juventudes em várias partes do país. Esse projeto tem possibilitado que “as juventudes tenham a oportunidade e espaços, dentro de suas realidades e regiões, em que possam ser acompanhadas e motivadas a refletir sobre suas vidas e a construir projetos de esperança, com consequências positivas para si e também para o mundo à sua volta”<sup>201</sup>.

O projeto está desenvolvido em um itinerário de três módulos<sup>202</sup>. Os dois primeiros trazem seis temas acompanhados de “um mapa afetivo-mental”<sup>203</sup>, e o último apresenta sete temas que vão auxiliando o jovem na redação do projeto de vida. No primeiro módulo, o jovem é convidado a “beber do próprio do poço”, ou seja, adentrar na sua história pessoal e ver nela algo singular e belo. Ele vai reconhecer as marcas de Deus em sua vida, e se defrontar também com as fragilidades. Já no segundo módulo, o jovem é conduzido a tomar consciência da realidade histórico-social na qual está inserido, tendo em conta aquilo que o ajuda e o que se coloca como limite para elaboração do projeto pessoal. E por fim, no último módulo, “O que desejo realizar?”, é o momento no qual o jovem passa a elaborar o projeto, a estabelecer os anseios e desejos mais profundos que deseja concretizar em sua caminhada. Os organizadores, ao final do itinerário, ainda propõem um itinerário vocacional para aqueles que, porventura, tenham sido despertados para um caminho de consagração à vida religiosa.

<sup>199</sup> Para mais informações sobre esse projeto, conferir a obra de DURAU; CORREIA, *Projeto de Vida para jovens: Um itinerário metodológico de esperança*.

<sup>200</sup> SILVA, Eduardo Pinheiro. *Vida: um projeto em construção*. São Paulo: Loyola, 2014.

<sup>201</sup> DURAU; CORREIA, *Projeto de Vida para jovens: Um itinerário metodológico de esperança*, p. 15.

<sup>202</sup> DURAU; CORREIA, *Projeto de Vida para jovens: Um itinerário metodológico de esperança*, p. 63-164.

<sup>203</sup> A pessoa é convidada a registrar, coletar as ideias, aquilo que foi mais significativo ao longo de cada módulo, que servirá como referência para a construção do projeto de vida ao término do itinerário.

O projeto “Vida: um projeto em construção”, nas palavras do seu idealizador, Dom Eduardo, trata-se de “motivar para a necessidade da organização pessoal, assumindo para si e colocando nas mãos de adolescentes e jovens algo bem claro e viável, para o exercício pessoal e para ação educativa evangelizadora em busca da felicidade, que tanto pede nosso coração humano, criado por Deus”<sup>204</sup>. O propósito é ajudar tanto adolescentes quanto jovens a fazerem um itinerário que possibilite a construção de um projeto sólido, com metas claras, e que contemple todas as dimensões da vida.

Este projeto traz um roteiro dividido em sete partes<sup>205</sup>, a saber: a primeira e segunda partes enfocam o valor da vida, como dom inestimável dado por Deus, que pede um projeto que integre todas as suas dimensões; na terceira, quarta e quinta partes, são aprofundados os elementos primordiais do projeto, que são: os sonhos (os ideais que se pretende alcançar), a realidade (tomar consciência da situação atual da própria vida e da realidade na qual está inserido) e a pedagogia dos passos (as ações concretas para que o projeto saia do papel); na sexta parte, são dadas as orientações para que os adolescentes e jovens comecem a construir seu projeto pessoal de vida, tendo como referência as cinco dimensões da formação integral do discípulo missionário: a relação consigo (dimensão humana), com os outros (dimensão comunitária), com Deus (dimensão espiritual), com a Igreja (dimensão eclesial) e com o mundo (dimensão social); e na última parte, são oferecidos outros modelos<sup>206</sup> e esquemas que também colaboram para a construção do projeto de vida a partir de outras perspectivas.

A proposta da *Pastoral de Geração*, ao apostar no caminho tanto da autobiografia quanto dos projetos de vida como instrumentos importantes no processo evangelização, tem três grandes objetivos: o primeiro é auxiliar o cristão (jovem ou adulto) a rever e integrar sua história de vida à luz do encontro com o Evangelho e a pessoa de Jesus Cristo; em segundo lugar, oferecer as condições para que o cristão, de forma mais autônoma e consciente, dê passos significativos para alcançar a maturidade na fé cristã; e por fim, que esse cristão ofereça um testemunho de toda a experiência vivida, não apenas para os membros da comunidade de fé,

---

<sup>204</sup> SILVA, *Vida: um projeto em construção*, p. 20.

<sup>205</sup> SILVA, *Vida: um projeto em construção*, p. 21-139.

<sup>206</sup> Vale a pena tomar conhecimento desses outros modelos que também ajudam na construção de projetos de vida, a partir de outras perspectivas. Deixo aqui as referências bibliográficas: TEIXEIRA, Carmem Lúcia (Org.). *Marcando história: elementos para construir um projeto de vida*. São Paulo: Centro de Capacitação da Juventude, 2005, p. 45-46; CELAM, CNBB Setor Juventude. *Projeto de vida: caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino-americana*. São Paulo: Centro de Capacitação da Juventude, 2003; CELAM, Seção Juventude. *Civilização do amor, tarefa e esperança: orientações para a Pastoral da Juventude Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 113-136; TEIXEIRA, Carmem Lúcia (Org.); SILVA, Lourival Rodrigues da. *Projeto de vida*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 4-16. Coleção Papo Jovem 1.

mas também na família, no trabalho e, claro, no mundo. Porém, o mais central em todo esse caminho é que a pessoa alcance em sua vida um pouco do sabor do Evangelho<sup>207</sup>.

### 3.2.3 Contribuições da *Pastoral de Gestão* para o pilar da Palavra

À luz do que foi visto anteriormente, o objetivo agora é identificar como essas experiências podem colaborar e apontar pistas pastorais para enriquecer a Igreja católica no Brasil em sua ação evangelizadora. Isso será feito em diálogo com as atuais DGAE, mas também, com vistas às futuras diretrizes. A CNBB, por meio dessas diretrizes, pretende como objetivo central:

Evangelizar, no Brasil, cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos (as) de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude.<sup>208</sup>

Para alcançar tal objetivo, as DGAE, à luz do anúncio do Evangelho e na fidelidade a Jesus Cristo, apontam para a Igreja enquanto comunidade de discípulos missionários, que em sua missão é desafiada a evangelizar na cultura urbana, e que, para tanto, propõe a formação de comunidades missionárias eclesiais como resposta para um Brasil cada vez mais urbanizado<sup>209</sup>.

A imagem usada pelas DGAE para falar das comunidades eclesiais missionárias é a casa, lugar do encontro e da ternura. As comunidades são chamadas a serem casas da Palavra, do Pão, da Caridade e da Missão, a exemplo das primeiras comunidades cristãs. A comunidade enquanto casa constitui um lugar para o “cultivo e vivência dos valores do Reino”<sup>210</sup>, em que se deve estabelecer “relações de fraternidade, de solidariedade, partilha e comunhão”<sup>211</sup> configurando, assim, a Igreja como “rede” de comunidades<sup>212</sup>.

No pilar da Palavra, está uma dupla dimensão da ação evangelizadora da Igreja: a iniciação à vida cristã e a animação bíblica da vida e da pastoral. Deseja-se, nesse pilar, recuperar a experiência dos cristãos primitivos, que se reuniam para escutar a Palavra de Deus, discernir e tomar decisões importantes para a vida em comunidade, pois a fé provém da escuta (Rm 10,17). Nesse sentido, é fundamental que a Iniciação à vida cristã e a Palavra de Deus

<sup>207</sup> DENIAU; THEOBALD, Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida, p. 255.

<sup>208</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, p. 13.

<sup>209</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 10-40.

<sup>210</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 74.

<sup>211</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 76.

<sup>212</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 84.



caminhem juntas, pois é “a partir do encontro com a Palavra e da experiência de vida fraterna comunitária, que as pessoas são introduzidas no processo de iniciação à vida cristã”<sup>213</sup>. Pode-se dizer que sem Palavra não há iniciação cristã.

Algumas iniciativas já conhecidas ajudam a dinamizar o pilar da Palavra na vida das comunidades eclesiais, como, por exemplo, a prática da Leitura Orante da Escritura tanto individual quanto comunitária, a experiência dos Grupos Bíblicos ou de Reflexão<sup>214</sup>, a Catequese de inspiração catecumenal: tudo isso tem sido útil para valorizar a caminhada de fé das comunidades.

A proposta da autobiografia e dos projetos de vida aqui relatados podem enriquecer bastante o pilar da Palavra. Na autobiografia, se leva muito em consideração a história pessoal de cada participante, que é tão importante para o desenvolvimento humano, afetivo, espiritual e social e que, inclusive, deve estar na base de todo processo de evangelização. No trabalho de autobiografia, a Escritura tem um lugar especial, afinal não é possível fazer um caminho de autoconhecimento, mas que também é de fé, sem a Palavra. Nesse itinerário, a pessoa vai relendo sua vida a partir do contato com essa Palavra, o que contribui para despertar um gosto, um prazer em rezar e meditar os textos bíblicos, além de proporcionar uma vida de maior interioridade.

Os cristãos que entram numa perspectiva de gestação estão convencidos de que o Evangelho convida a todos os seres humanos a levar uma vida autêntica, à altura da sua consciência. Ousam, portanto, propor o Evangelho a todos, convidando-os a levar uma vida segundo as bem-aventuranças. Hoje em dia, tal proposta de sentido é ainda mais importante porquanto inúmeros dos nossos contemporâneos estão fragilizados pela desmultiplicação das opções de vida. [...] Nesse contexto, a proposta do Evangelho tem todas as probabilidades de ser aceita.<sup>215</sup>

Há também outras indicações pastorais à luz da *Pastoral de Gestação* que podem ser bastante úteis para o pilar da Palavra: ajudar o cristão a desenvolver suas potencialidades, descobrir seus dons, carismas e sobretudo fazer com que ele chegue à sua própria identidade. Nas comunidades eclesiais, existem as pastorais e movimentos, que são instâncias, lugares de formação e capacitação das lideranças, no entanto, nem sempre o itinerário formativo consegue trabalhar uma perspectiva voltada para a autobiografia para as suas lideranças. Por isso, seria

<sup>213</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 89.

<sup>214</sup> A prática dos Círculos Bíblicos ou Grupos de Reflexão é bastante forte em muitos países da América Latina, sobretudo junto às Comunidades Eclesiais de Base. Eles têm a proposta de formar pequenos grupos ao redor da Palavra de Deus e assumir gestos concretos que levem a comunidade a se comprometer cada vez mais com a construção do Reino.

<sup>215</sup> BACQ, Para uma pastoral de gestação, p. 33.

salutar que as comunidades cristãs, com seus pequenos grupos, com suas pastorais e movimentos, pudessem adotar esse estilo autobiográfico, o que iria contribuir não só para um caminho de autoconhecimento como também auxiliar no crescimento e amadurecimento dos membros da comunidade. É uma perspectiva que em muito colabora para que as lideranças pastorais aperfeiçoem seus dons e cresçam sobremaneira na arte de relacionar-se e na autenticidade de vida.

Os projetos de vida também podem dar a sua contribuição para o pilar da Palavra no que tange à iniciação à vida cristã. Esses projetos são desenvolvidos em etapas, com itinerários específicos, que necessitam de acompanhantes, muito semelhantes a uma experiência catecumenal. O projeto de vida é também um caminho de iniciação à vida cristã, pois auxilia a pessoa, seja um jovem, seja um adulto, a buscar aquilo que dá sentido e o realiza enquanto pessoa. Ele contempla também, dimensões importantes do ser cristão: o aprender a viver a fé em comunidade; o sentimento de pertença e comunhão com a Igreja; o crescimento na vida espiritual; a realização profissional e vocacional; o apelo para o agir missionário e o testemunho de Jesus Cristo; o cuidado com mundo, para que seja uma casa em que todos possam viver com dignidade, justiça e paz. Enfim, tanto a autobiografia quanto o projeto de vida poderiam ser adotados nas comunidades como lugares e experiências de vivência e fortalecimento do pilar da Palavra.

### **3.3 Ação evangelizadora em âmbito eclesial: espaços de (re)descoberta da fé e diálogo pastoral**

As lideranças eclesiais, durante séculos, empenharam-se muitas vezes numa evangelização de “imposição” do Evangelho aos diversos povos, misturando-se a “motivações complexas, obscuras, nem sempre honráveis”<sup>216</sup>. O cenário cultural atual, marcado pelo processo de secularização, de pluralismo e indiferença religiosa, vai se impondo pelo mundo afora, e isso exige da Igreja investir em novos espaços de (re)descoberta da fé. Pois, assim, ela poderá crescer num diálogo pastoral, com os homens e mulheres de hoje, de modo mais propositivo e menos impositivo.

O caminho de evangelização que Deus está pedindo aos cristãos e cristãs de hoje não é de recrutamento, de proselitismo, nem de “defesa nostálgica do passado ou da falsa retração identitária”<sup>217</sup>, mas sim uma evangelização que passe pela atitude do serviço. Como foi visto

<sup>216</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 25.

<sup>217</sup> PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 58.

no capítulo segundo, a fé não é um produto de conquistas nem resultado de um árduo trabalho pastoral, a fé é fruto do inesperado (Mc 4,26-29). Ela nasce de forma surpreendente, da liberdade de cada homem e mulher, e também do agir do Espírito Santo no mundo e em cada pessoa. Por isso, a missão de cada evangelizador, a partir da inspiração da *Pastoral de Geração*, consiste em agir apenas como um instrumento que facilite as condições para que a fé possa ser gestada no coração das pessoas. Assim recordava André Fossion:

O evangelizador não tem o poder de comunicar a fé; ele pode, no entanto, estar atento às condições que a tornam possível; ele pode facilitar o acesso à fé. Seu papel consiste em aproximar-se dos seres humanos lá onde eles estão, em suas próprias resistências, para descobrir com eles a graça do amor de Deus que é dado gratuitamente a todos.<sup>218</sup>

É neste sentido que apresentamos, a seguir, algumas experiências pastorais que pretendem fazer da evangelização, em primeiro lugar, um serviço e um novo começo de fé para aqueles que já são cristãos, e também para aqueles que desejam aproximar-se da fé cristã, uma oportunidade de serem tocados por meio de uma experiência pessoal, livre e inefável de Deus.

### 3.3.1 Alphalive

A primeira experiência a ser descrita recebe o nome de Alphalive ou simplesmente Alpha<sup>219</sup>. Tudo começa a partir de um jantar, organizado por um grupo de voluntários, que se dividem nas seguintes funções, a saber: o animador do encontro, aqueles que preparam a sala, a mesa e a refeição, um animador para cada subgrupo onde acontecem as partilhas, e por fim, aqueles que ficam na equipe de oração enquanto acontece o encontro. O número de participantes nos dez encontros do curso Alpha pode variar de um lugar para o outro, há notícias de grupos com 20, 30 e até 100 pessoas, tudo isso depende de cada realidade. Cada participante é livre para continuar ou não frequentando os próximos encontros. A mesa<sup>220</sup> ganha um lugar de destaque, afinal ela é símbolo de fraternidade, diálogo aberto e troca de experiências.

<sup>218</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 65.

<sup>219</sup> Os cursos Alpha surgiram na década de 1970 e são resultado duma longa experiência pastoral: foram desenvolvidos pela paróquia anglicana londrina de Holy Trinity Brompton. Formalizados pelo Pastor Nicky Gumbel a partir de 1993, são utilizados hoje por mais de 23000 paróquias e igrejas nos cinco continentes. Os cursos são propostos por comunidades cristãs de todas as confissões cristãs e já foram frequentados por mais de 30 milhões de pessoas. Tradicionalmente implantados nas paróquias e igrejas locais, os cursos têm aumentado em número nas universidades e nas prisões. Esse curso tem por objetivo principal expor as bases da fé cristã em dez encontros, um por semana, com 15 temas e um retiro num final de semana, no qual são abordados outros temas. Para mais informações, ver GUMBEL, Nicky. *Instruções práticas para o Curso Alpha*. Curitiba: Encontro, 2003.

<sup>220</sup> Vale a pena a leitura do artigo do professor e doutor Francys Silvestrini Adão, intitulado: *A teogastronomia: uma estética teológica sui generis*. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5131/4962>. Acesso em: 12 set 2023.

Logo após o jantar, os participantes têm a oportunidade de assistir vídeos ou palestras com diversos temas da fé cristã: “O Cristianismo é chato, falso e irrelevante?”, “Quem é Jesus?”, “Por que Jesus morreu?”, “O que é a fé?” “Como ter certeza da sua fé?” “O que é a Bíblia e por que ler a Bíblia?” e “Qual o sentido da vida?”. Em seguida, os participantes vão para os pequenos grupos, onde terão a oportunidade de partilhar sobre o tema, bem como esclarecer dúvidas e trocar ideias sobre o assunto abordado. Cada participante é livre para falar ou se calar, podendo concordar ou não com a temática, mas sempre num clima de respeito e fraternidade. Terminada a partilha, os participantes realizam um momento de oração e ficam livres para retornarem às suas casas.

Os relatos das pessoas que participaram de um grupo Alpha são muitos positivos, não apenas porque se trata de um jeito novo de evangelizar, mas principalmente por permitir que essas pessoas narrem suas histórias, apresentem suas dúvidas, crises e questionamentos sobre diversos temas da fé cristã, sem constrangimentos, medo ou julgamentos. Isso é altamente libertador para essas pessoas, além, é claro, de poderem também partilhar sobre o sentido da vida, o porquê de estar no mundo, a importância de construir vínculos de proximidade com as pessoas, enfim, buscar o fio condutor da própria existência. Seguem alguns relatos dos participantes<sup>221</sup>:

“O maior presente que Deus deu à Igreja mundial nos últimos anos agora chegou também ao Brasil. É notória a forma como o Espírito Santo tem usado o Alpha em ambientes Evangélicos, Católicos e Pentecostais. O curso apresenta uma mistura única de evangelização com discipulado relacional. Temos visto o Alpha servir tanto de ferramenta de ensino para os membros ativos, quanto atingir as pessoas de fora da igreja, que não tem relacionamento com o Mestre” (Marcelo S. Gonçalves, Delegado do Alpha Brasil).

“Já ministrei o curso Alpha na minha ex-paróquia na França, e agora no Brasil, sempre com a mesma felicidade [...]. Com a sua fórmula adaptada aos nossos tempos modernos, o curso oferece uma formação densa que une pensamento teológico, vivência comunitária e experiência de Deus. Além de tudo, trabalha pela reconciliação entre os cristãos, já que o querigma nos é comum. É nos convertendo, cada um se recentrando sobre Jesus, que caminharemos pela unidade tão necessária entre os cristãos” (Padre Philippe Berger da Comunidade do Caminho Novo, Igreja Católica Apostólica Romana).

“Eu particularmente aprecio o espírito ecumênico do Curso Alpha: não há pressão para entrar numa denominação religiosa, mas apenas um convite para se juntar a Jesus” (Cardeal Raniero Cantalamessa, Pregador oficial da Casa Pontifícia).

Esta experiência pastoral é um espaço de descoberta da fé para os não crentes, mas também funciona como um ambiente de redescoberta da fé para tantos cristãos batizados que,

---

<sup>221</sup> GUMBEL, *Questões da Vida*. Uma oportunidade para explorar o sentido da vida, p. 236.

por motivos variados, se afastaram da práxis cristã. Na verdade, grande parte dos cristãos não tiveram uma oportunidade de realizar um contato mais profundo com os fundamentos da fé cristã. O Alpha<sup>222</sup>, com toda a sua dinâmica, com uma linguagem mais existencial, consegue criar condições para que a fé chegue ao coração e à mente dos homens e mulheres do tempo presente, de “forma compreensiva, desejável e possível”<sup>223</sup>, como gosta de enfatizar o teólogo André Fossion. Isso tudo sem impor a fé, sempre num ato propositivo e livre, sem perder de vista o núcleo das verdades fundamentais do Cristianismo.

### 3.3.2 Pastoral dos reiniciantes

Outra experiência que tem ajudado no processo de reiniciação de cristãos é o projeto Pastoral dos reiniciantes, desenvolvido por Laurent Busset, psicólogo especializado em aconselhamento matrimonial, que anima um grupo em Genebra, Suíça. O propósito dessa pastoral não é trazer as pessoas direto para os bancos das igrejas, como afirma o próprio Laurent:

Estamos lá para os ajudar a reencontrar uma confiança, a restabelecer uma relação com Deus. Nós ouvimo-los bastante, respeitando as suas caminhadas, sem querer levá-los aonde nós desejamos. As suas noções de fé são muito vagas, mas têm sede. Sentem intensamente a necessidade de fazer a ligação entre a sua vida e aquilo em que acreditam. Têm necessidade de reencontrar uma coerência.<sup>224</sup>

O autor desse projeto desenvolveu uma metodologia bastante simples, que consiste em sete reuniões noturnas, sendo cada uma delas com um tempo aproximado de três horas e uma reunião de avaliação, que perfazem um período de três meses. Diversos temas atuais são abordados por meio de palestras, partilhas, trabalhos em grupo e reflexão individual. Normalmente são pequenos grupos de quatro a seis pessoas. Após a conclusão do primeiro momento de formação das sete reuniões, caso os participantes desejem continuar, eles poderão levar adiante esse caminho por mais um ano ou até mais<sup>225</sup>.

---

<sup>222</sup> A Paróquia Santa Margarida Maria Alacoque, localizada à Rua Tomás Brandão, 350, no bairro Jardim Montanhês, pertencente à Arquidiocese de Belo Horizonte, sob a responsabilidade da *Comunidade do Caminho Novo*, realiza a experiência do Alpha há mais de uma década, colhendo muitos frutos na caminhada pastoral e espiritual dos agentes, líderes e animadores pastorais.

<sup>223</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 184.

<sup>224</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 173.

<sup>225</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 173.

A proposta de Laurent não é simplesmente acolher estes reiniciantes para dar sequência a uma etapa interrompida, como se fosse um curso não concluído. Trata-se de algo muito mais profundo, com o intuito de ajudar o participante a fazer uma releitura da sua vida, buscando refletir sobre os motivos que o levaram a se afastar da fé e da Igreja. Este acolhimento auxilia o participante a olhar de uma nova maneira para a fé, com o desejo de recomeçar a acreditar, mas a partir de outras bases, mais consistentes e de forma mais inteligente.

O que distingue os recém-chegados é a ruptura com a Igreja, explica Laurent Busset. Em algum momento, eles ficaram com raiva, às vezes por causa de uma posição oficial do Vaticano, e deixaram a Igreja. O primeiro passo é reconhecer a lesão. Há um aspecto da reconciliação que é importante e que não se encontra no catecumenato dos adultos [...]. Mas como falar com eles, sem dar a impressão de querer recrutá-los? Porque os reiniciantes costumam ter uma atitude suspeita. “É fundamental fazê-los compreender que têm o direito de duvidar”, continuou Laurent Busset. Alguns acreditam, mas não sabem no quê. Eles perderam as palavras, os conceitos. Na verdade, muitas vezes, sua crença é turva. O objetivo do acompanhamento não consiste em oferecer respostas prontas, mas sim em compartilhar as experiências de cada um.<sup>226</sup>

O reiniciante não deseja simplesmente voltar, ele quer ser ajudado a encontrar as razões da sua fé, as orientações que possam iluminar e alimentar a sua vida neste novo momento da sua história. Ele também deseja que as feridas que foram abertas em sua vida, quando estava na Igreja, sejam curadas, cicatrizadas. Enfim, não se trata de alguém que está começando agora, apesar de ter ficado um tempo longe da vida eclesial. Ele traz consigo outras experiências que certamente contribuíram para o amadurecimento pessoal, e inclusive possam ter sido motivo para que despertasse nele o desejo de voltar e recomeçar na fé. Essa também é uma experiência pastoral bastante interessante, uma vez que grande parte das comunidades não tem esse tipo de acompanhamento. Daqui surge a inspiração para que essa modalidade de serviço possa ser oferecida nas comunidades cristãs, sobretudo perante um cenário em que, cada vez mais, se vê o aumento de cristãos que se afastam da fé cristã por motivos diversos, mas depois de um certo

---

<sup>226</sup> BIEL, Patrícia. Un accompagnement sur mesure pour (re)commencer à croire. *Le Temps*, Suisse, mai/2002. Disponível em: [https://www-letemps-ch.translate.goog/societe/un-accompagnement-mesure-recommencer-croire?\\_x\\_tr\\_sl=fr&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www-letemps-ch.translate.goog/societe/un-accompagnement-mesure-recommencer-croire?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 4 mai 2023. No original. “Ce qui distingue les recommençants est la rupture avec l’Eglise, explique Laurent Busset. A un moment donné, ils se sont fâchés, parfois à cause d’une position officielle du Vatican, et ont quitté l’Eglise. Il faut dans un premier temps reconnaître la blessure. Il y a un aspect de réconciliation qui est important, et qu’on ne trouve pas dans le catéchuménat des adultes [...]. Mais comment leur parler, sans leur donner l’impression de vouloir les embrigader? Car les recommençants ont souvent une attitude méfiante. Il est essentiel de leur faire comprendre qu’ils ont le droit de douter, poursuit Laurent Busset. Certains croient, mais ils ne savent pas à quoi. Ils ont perdu les mots, les concepts. En effet, souvent, leur croyance est floue. Le but de l’accompagnement ne consiste pas à proposer des réponses toutes faites, mais plutôt à mettre les expériences des uns et des autres commun”.

tempo querem retornar. Nada mais justo do que organizar nas comunidades pequenos espaços de escuta, diálogo e acompanhamento para estes cristãos reiniciantes.

### 3.3.3 Contribuições da *Pastoral de Geração* para o pilar do Pão

A exemplo do que foi feito anteriormente no pilar da Palavra, é importante identificar como tais experiências podem ajudar e apontar pistas para dinamizar o pilar do Pão. Nesse pilar, se encontra a dimensão litúrgica e espiritual da vida de uma comunidade e dos seus discípulos missionários. Essa dimensão contempla especialmente a eucaristia e a vida de oração<sup>227</sup>. A mesa da eucaristia é o lugar não só da comunhão e participação de cada cristão no corpo e no sangue do Senhor (1Cor 10,16), mas também banquete fraterno, que acolhe todos, e que “transforma as pessoas em discípulos missionários de Jesus Cristo, testemunhas do Evangelho do Reino”<sup>228</sup>. A vida de oração é alimentada pela mesa eucarística, mas também pela Palavra de Deus, tendo Jesus Cristo como “modelo de orante por excelência, e a oração do Pai Nosso, como paradigma de toda oração”<sup>229</sup>. Daqui resulta a espiritualidade do discípulo missionário, que enviado a anunciar o Evangelho do Reino precisa estar atento para não cair no ativismo pastoral, e de pensar que “o agir já é uma forma de oração”<sup>230</sup>.

Um dos aspectos fundamentais da proposta da *Pastoral de Geração*, que pode ajudar o pilar do Pão, é a constante abertura à ação do Espírito Santo, isto é, deixar que sua presença sempre traga algo novo e conduza o cristão a uma progressão na vida interior. Como foi dito anteriormente, a ausência de uma sólida espiritualidade tem levado muitos cristãos ao cansaço, ao desânimo na missão pastoral, pois há uma forte tendência a reduzir tudo ao fazer em detrimento do ser. Na vida das paróquias e comunidades, há muitas atividades, eventos, reuniões, planejamentos, mas faltam tempos de oração e contemplação. O próprio Jesus advertiu os discípulos ao serem convocados para o seu seguimento: “Ele subiu o monte, chamou os que ele quis, para estarem perto dele” (Mc 3,13-19). O chamado primeiro de Jesus aos discípulos foi para ajudá-los e capacitá-los para a busca da interioridade, para o cultivo de uma profunda vida de oração, para só depois partir em missão.

A exemplo de Jesus, que muitas vezes se retirou em sozinho para rezar, afastarmos-nos, cortar com os nossos hábitos com o objetivo de passar um tempo de reencontro com o Senhor é muito benéfico para a nossa vida espiritual e para o nosso apostolado.

<sup>227</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 93 e 95.

<sup>228</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 94.

<sup>229</sup> CNBB, DGAE, 2019-2023, n. 95.

<sup>230</sup> CNBB, DGAE, 2019-2023, n. 97.

Isso permite-nos recentramo-nos no essencial, reorientarmo-nos para Deus. O ideal seria que os grupos a trabalhar nas nossas comunidades reservassem pontualmente um momento de retiro espiritual, num âmbito que saísse do seu cotidiano, aproveitando nomeadamente as numerosas ofertas feitas pelos centros espirituais ou organizando um recolhimento por sua própria iniciativa.<sup>231</sup>

Na vida das comunidades eclesiais missionárias, para fortalecer e dinamizar o pilar do Pão, a perspectiva da *Pastoral de Geração* propõe, por exemplo, a criação de momentos de iniciação à vida espiritual: primeiramente para os animadores pastorais, quer sejam eles ministros ordenados quer sejam leigos, “a fim de que venham a se tornar verdadeiros formadores da vida espiritual”<sup>232</sup> em suas comunidades de fé.

É importante promover “escolas de oração”, em que as pessoas possam aprender a rezar, a fazer contemplação, inclusive bebendo das experiências místicas de tantos santos e santas da Tradição da Igreja. Investir em retiros, jornadas de oração, adoração eucarística, experiências de oração para crianças e jovens<sup>233</sup>. Urge, também, sensibilizar e proporcionar aos catequistas “lugares de partilha e de aprofundamento que possam responder à sua própria busca espiritual”<sup>234</sup>. A catequese deve ser um lugar, espaço de aprendizado e experiência para iniciar os catequizandos numa vida mistagógica.

No que concerne aos animadores pastorais, eles andam, atualmente, cada vez mais em busca de vida espiritual, de acompanhamento e de lugares de reabastecimento. Que propostas dirigir-lhes em formações iniciais e permanentes, que os ponham em contato com a Palavra de forma existencial? Não se trata de longas formações técnicas, que abordam a Palavra como simples objeto de estudo, mas de percursos em que a apropriação pessoal ocupa um lugar de destaque; transmitindo o essencial do que se deve saber, eles põem em destaque a escuta da Palavra e a transformação que ela pode realizar numa vida. Com efeito, leitura da Escritura e vida espiritual são chamadas a conjugar-se numa dinâmica que unifica a pessoa.<sup>235</sup>

---

<sup>231</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 145.

<sup>232</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 138.

<sup>233</sup> Uma experiência muito bonita de oração para jovens é a que acontece na comunidade ecumênica cristã de Taizé, que fica em Borgonha, França. Essa comunidade foi fundada no ano de 1940 pelo pastor calvinista suíço Roger Schutz, que, movido pelo desejo de propiciar a reconciliação entre os cristãos e, em geral, entre os homens divididos, houve por bem constituir uma comunidade dedicada à oração, ao trabalho e ao acolhimento de visitantes ou peregrinos. Os jovens têm sido fortemente atraídos pela mensagem de reconciliação e otimismo proveniente de Taizé. O afluxo desses jovens ao mosteiro é vultuoso, principalmente nas férias de verão e de Páscoa.

<sup>234</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 145.

<sup>235</sup> DUMAS, Odile Ribadeau; BACQ, Philippe. Palavra de Deus e pastoral de geração. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de geração. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 132-133.



Há uma sede pela vida espiritual, de encontrar percursos sólidos de espiritualidade, e a proposta da *Pastoral de Geração* colabora apontando caminhos para saciar tal sede. De forma que tanto a proposta do Alpha quanto da Pastoral dos Reiniciantes pode se prestar a isso, como instrumentos valiosos, em primeiro lugar para os próprios cristãos, que necessitam de um reavivamento na vida de fé, mas também para aqueles que por algum motivo deixaram a vivência eclesial, mas querem retornar para fazer uma nova experiência de fé. Estas duas propostas, enquanto itinerários comunitários, em pequenos grupos, dão maior visibilidade para a eucaristia, pois ela forma comunidade. E, por fim, há o espaço compartilhado da mesa na experiência do Alpha, como lugar de proximidade e de criação de vínculos fraternos, como deveria acontecer em nossas eucaristias.

### 3.3.4 Células Paroquiais de Evangelização

As Células Paroquiais de Evangelização (CPE)<sup>236</sup> têm sido uma experiência bonita e fecunda na evangelização. Atualmente, elas estão presentes em países como França, Itália, Portugal, Estados Unidos, Canadá, Brasil e inclusive com experiências até na China. Tal proposta pastoral de evangelização também está em profunda sintonia com o espírito da *Pastoral de Geração*, pois parte justamente do ideal de rede tecida pelas comunidades domésticas. Este projeto nasceu no ano de 1985, idealizado pelo padre Pigi Perini (falecido em 2020), na paróquia de Santo Eustórgio, em Milão, Itália. A missão das CPE remonta, de certo modo, ao estilo de vida das primeiras comunidades cristãs conforme Atos dos Apóstolos: “eles eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42). A vida nas CPE tem a casa como lugar de encontro, de vivência fraterna, de oração, estudo e evangelização. O propósito básico de uma célula é evangelizar, crescer para multiplicar-se e formar discípulos<sup>237</sup>.

Cada CPE, para cumprir a missão primeira que é evangelizar, deve ser constituída por no máximo 12 pessoas e no mínimo 6, tendo o compromisso de se reunir uma vez por semana na casa do líder da célula a fim de rezar, partilhar a vida, estudar a Palavra de Deus e estreitar os laços de vida fraterna. O encontro dura aproximadamente uma hora e trinta minutos e se desenvolve em sete etapas: 1) oração de louvor e ação de graças, também animados por canto; 2) partilha pessoal; 3) escuta do ensino do pároco, reproduzido em audiovisual; 4)

<sup>236</sup> Estatuto das Células Paroquiais de Evangelização. Disponível em: <https://www.cells-evangelisation.org/docs/pt/statuto.pdf>. Acesso em: 5 mai 2023.

<sup>237</sup> Estatuto das Células Paroquiais de Evangelização.

aprofundamento pessoal sobre o conteúdo do ensinamento; 5) avisos; 6) oração de intercessão; 7) oração de cura<sup>238</sup>. Os principais destinatários das CPE são: católicos que ignoram o seu próprio mandato de evangelizar; aqueles que não vivem a sua identidade cristã católica; os cristãos que vêm de outras confissões não católicas e os distantes da fé em Cristo<sup>239</sup>. O sistema de CPE está totalmente inserido na vida da comunidade paroquial, em total sintonia com o pároco e também com a colaboração de fiéis leigos.

O Sistema de Células Paroquiais de Evangelização visa promover nos seus destinatários um maduro sentido de pertença à paróquia, para promover essa profunda comunhão e colaboração com todos os fiéis e os outros membros da comunidade paroquial, de modo que todos possam assumir a tarefa de ser evangelizadores.<sup>240</sup>

A evangelização em células, sobretudo, tendo em vista o ambiente urbano de muitas cidades, é uma oportunidade para que a Igreja se faça mais próxima dos seus fiéis, estabelecendo, assim, maiores vínculos de pertença, participação e comunhão entre os membros da comunidade. E tudo isso vai ocasionar, a médio e longo prazo, o aumento de novos membros, bem como o surgimento de novas lideranças para a vida eclesial. O papa Francisco, no encontro internacional sobre as CPE, disse aos participantes: “a célula tem de ser missionária, ir ao encontro de todos para anunciar a beleza do Evangelho, tornar-se uma família na qual se encontra a rica e multiforme realidade da Igreja”<sup>241</sup>. As CPE são um meio especial para a formação de novos discípulos missionários na vida de uma comunidade eclesial, que através das casas (*oikos*), permite:

cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É a pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho. (EG, 127)

As CPE tiveram seu reconhecimento oficial através do Pontifício Conselho para os Leigos em 29 de maio do ano de 2009, sendo que os estatutos receberam a aprovação definitiva pelo Vaticano em 2015, no período do pontificado do papa Francisco. Eis alguns relatos de

<sup>238</sup> Estatuto das Células Paroquiais de Evangelização. Artigo 19.

<sup>239</sup> Estatuto das Células Paroquiais de Evangelização.

<sup>240</sup> Estatuto das Células Paroquiais de Evangelização. Art. 5, §2.

<sup>241</sup> FRANCISCO. *Discurso aos membros das células paroquiais de evangelização*. 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150905\\_cellule-parrocchiali-evangelizzazione.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150905_cellule-parrocchiali-evangelizzazione.html). Acesso em: 8 mai 2023.

jovens que fizeram essa experiência na Comunidade Católica Missão Athos2, na cidade de Pedreira, São Paulo.

“A Célula para mim foi como eu construir a minha casa sobre a rocha, as tentações vieram, mas não me fizeram cair, pois eu tinha meu alicerce na rocha (Cristo se manifestando na Célula). Esse 1 ano de Célula Athos2 me fez amadurecer na fé e ter conhecimentos sobre Deus. Todas as ações sociais que fizemos durante esse ano me mostraram Deus de maneira simples e eu precisava disso para ver que a vida é mais simples do que imaginamos. Todas as visitas que já fizemos, quem saía visitado (edificado) era eu e com o coração transbordando de alegria... Meus amados, não devemos permitir que alguém saia da nossa presença sem sentir o amor que Deus tem por cada um de nós e sem se sentir mais feliz!” Danieli Paiva (14 anos).

“O que a Célula me trouxe foi um caminho pro meu caminho, foi sem dúvida um momento de edificação em minha vida. Ficava sempre curiosa a cada semana para saber qual seriam os assuntos das formações! Gosto muito das partilhas porque sinto que somos uma família e sendo assim posso contar com todos! Sou imensamente grata a Deus por ter colocado essa semente na vida de tantos jovens!” Laura Carbonatto (16 anos).<sup>242</sup>

As CPE estão em profunda sintonia com a *Pastoral de Geração* a partir de três princípios: primeiramente o contato frequente com a Escritura, de modo especial, o Evangelho, que leva os membros a serem continuamente gestados pela Palavra; o segundo princípio é a proximidade com as pessoas no intuito de tecer vínculos de fraternidade, de cuidado, respeito, hospitalidade e amor, sem excluir ninguém; e por fim, oferecer ao mundo um testemunho alegre e feliz de quem fez uma bonita experiência de encontro com o Cristo. As palavras do papa Francisco reforçam a importante missão das CPE que têm “a vocação de ser uma semente mediante a qual a comunidade paroquial se interroga sobre o ser missionária, e por isso sentis irresistível dentro de vós o chamamento a ir ao encontro de todos para anunciar a beleza do Evangelho”<sup>243</sup>.

### 3.3.5 Diálogo pastoral

O desafio do diálogo pastoral está presente em situações bem concretas vividas nas comunidades eclesiais. Imagine, por exemplo, um cristão batizado, que se afastou da Igreja, e depois de um certo tempo vem pedir à Igreja o batismo para o seu filho. Quando esse cristão, até chamado de “pagão batizado”, se apresenta diante do responsável pastoral daquela paróquia, e faz esse pedido, o que se esperaria no primeiro momento, por parte do padre, do diácono ou

<sup>242</sup> AGÊNCIA CATÓLICOS EM CÉLULAS. *Testemunhos Célula Jovem* – Comunidade Athos 2. Disponível em: <http://www.catolicosemcelulas.com.br/site/testemunhos-celula-jovem-comunidade-athos-2/>. Acesso em: 9 ago 2023.

<sup>243</sup> FRANCISCO. *Discurso aos membros das células paroquiais de evangelização*.

do agente pastoral, seria uma acolhida fraterna e afetuosa, mas, infelizmente, o que se observa muitas vezes é que esse cristão é tratado com rispidez, com moralismos e julgamentos. Isso acontece justamente porque não existe um diálogo pastoral, mas sim um monólogo autoritário. Não se leva em conta os motivos pelos quais a pessoa se afastou da Igreja ou porque ela está vivendo hoje como se fosse um “pagão batizado”. A decisão em batizar ou não a criança será dada, muitas vezes, com base no critério da ignorância religiosa de quem pede, isto é, se ela conhece, vive a doutrina e o catecismo da Igreja, se pratica ou não os mandamentos de Deus, se é casada no religioso, se os padrinhos são casados e possuem todos os sacramentos, se participa das missas, entre outros.

Nas situações descritas, falta um sério discernimento pastoral que ajude a iluminar e buscar uma resposta mais congruente com a situação do fiel. Os pré-requisitos para administrar ou não os sacramentos têm sido muito mais para excluir do que para incluir, mais para afastar do que aproximar da vida eclesial. Para ilustrar o que foi dito, vale a pena recordar as palavras do papa Francisco durante a missa na capela da Casa Santa Marta em Roma, que disse o seguinte aos participantes:

A Igreja é sacramento de salvação, e por isso, é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Às vezes nos comportamos como fiscais da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega, é a casa paterna onde todos têm o seu lugar com as suas dificuldades. Assim como as portas dos Sacramentos jamais se deveriam fechar. Inventamos o oitavo sacramento, o da alfândega pastoral.<sup>244</sup>

O caminho do diálogo pastoral tem sido fonte de pesquisas para alguns teólogos francófonos, como a canadense Sophie Tremblay, que desde a década de 1990 tem se dedicado a buscar experiências que possam aprimorar o diálogo pastoral na vida das comunidades eclesiais. De acordo com Sophie, apesar de tanto tempo decorrido do Concílio Vaticano II, em que se pedia da Igreja um caminho mais pastoral, existe ainda um embate de “trincheiras entre os defensores do acolhimento incondicional, por vezes com um ingênuo otimismo, e os defensores da exigência sem compromisso, por vezes de uma severidade implacável”<sup>245</sup>. A reflexão dessa teóloga caminha na direção de buscar um ponto de equilíbrio nesses embates, reconhecendo que tais posturas antagonistas não levam a lugar algum. Por isso, ela propõe uma terceira via, ou seja,

<sup>244</sup> VATICAN NEWS. *Papa Francisco: seis anos de Pontificado com a força do Espírito*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-03/papa-francisco-seisanos-espiritual.html>. Acesso em: 10 jan 2023.

<sup>245</sup> TREMBLAY, Sophie. O diálogo pastoral revisitado. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 159-174.

a de uma pastoral de gestação da qual emergiriam novas figuras da fé e da vida eclesial. [...] o diálogo pastoral deve ser concebido de uma forma diferente daquela que se está habituado a seguir. Deve ser revisitado. Assim, torna-se necessário que os responsáveis pastorais pensem a sua abordagem em função de uma percepção diferente das posições dos interlocutores de um diálogo pastoral e das relações entre eles.<sup>246</sup>

O que se pode fazer concretamente para o que o diálogo pastoral seja uma marca na vida das comunidades? Não há uma resposta pronta para essa pergunta, porém, Sophie procura oferecer algumas pistas. O ponto de partida para o bom funcionamento do diálogo pastoral consiste, em primeiro lugar, no acolhimento daqueles que vêm pedir os sacramentos, independentemente da situação em que se encontram. Se eles são casados ou não, se foram ou não batizados, se correspondem aos critérios estabelecidos pela Igreja, isso não importa no primeiro momento. A postura inicial de quem acolhe deve ser evitar qualquer julgamento e acusação.

Em segundo lugar, estabelecer o diálogo pastoral, que consiste mais em uma conversa fraterna do que centrada em apresentar as normas e exigências para receber os sacramentos. Nesse diálogo, o foco deve ser na pessoa que pede o sacramento, deixar que ela fale dos seus dramas, dores e sofrimentos, dos motivos que a levaram a se afastar da vida eclesial e porque ela deseja retornar. É preciso que o diálogo caminhe na perspectiva de conhecer um pouco da história de vida daqueles que batem à porta da Igreja em suas necessidades materiais e espirituais. Este passo possibilita ao responsável pastoral descobrir em que situação a pessoa realmente se encontra, seja ela quem for, criança, jovem, adulto, idoso. É muito importante que a conversa ajude a avaliar o que essa pessoa já alcançou na sua vida de fé e em relação à Igreja. Escutar os seus desejos e reclamações, o que lhe agrada ou não na Igreja. O diálogo pastoral exige o estabelecimento de confiança, respeito e abertura para com aqueles que são tidos como “afastados” ou “não praticantes”, pois eles trazem também sinais, vestígios da ação do Espírito Santo, e por isso tem-se muito o que aprender com eles.

Os sinais e vestígios apresentam-se sob a roupagem da tradição. Devemos, portanto, desenvolver mais receptividade e flexibilidade, sem as quais uma vasta dimensão da experiência dos nossos contemporâneos nos escapará por completo. Além disso, a qualidade da escuta e das atitudes humanas é fundamental para que possa surgir o relato, para que os requerentes se sintam à vontade para falar da sua vida sem recear ser julgados ou avaliados.<sup>247</sup>

<sup>246</sup> TREMBLAY, O diálogo pastoral revisitado, p. 160.

<sup>247</sup> TREMBLAY, O diálogo pastoral revisitado, p. 171-172.

No terceiro passo do diálogo pastoral está o discernimento. Em situações desse tipo, a tentação é que os agentes ou responsáveis pastorais decidam pelo outro. No entanto, aqui o processo é diferente, o discernimento é feito em comunhão com aquele que pede à Igreja o sacramento. Não se trata simplesmente de aceitar ou negar o sacramento, o mais importante é levar a pessoa que pede a tomar consciência da responsabilidade e das consequências que aquele sacramento produz na vida de quem o recebe. É preciso ajudar a pessoa a discernir, se ela está preparada para dar o passo agora, ou se precisará esperar um pouco mais. Mas essa decisão deve partir não dos agentes pastorais, e sim de quem pede.

Por fim, o grande propósito do diálogo pastoral é buscar um caminho de acolhimento e acompanhamento para aqueles que procuram a Igreja por causa de um sacramento. Mesmo que as motivações não sejam aquelas esperadas pela Igreja, o simples fato do pedido já se torna oportunidade para ajudar essa pessoa a dar passos no aprofundamento da fé. Nesse sentido, um diálogo pastoral bem feito pode ser não apenas um instrumento de conversão na vida daquele que pede o sacramento, mas pode impulsionar nele o desejo de ir mais além, quem sabe até se engajar na vida da comunidade. Como recorda a teóloga Sophie Tremblay, “o diálogo pastoral promete dar os frutos mais saborosos aos seus interlocutores se for praticado mais com atenção ao mistério do outro do que como avaliação”<sup>248</sup>.

Deveríamos ter sempre em mente a parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32). O pai não pôs qualquer condição para a alegria que sentia ao ver o seu filho aproximar-se de casa: deixando tudo, teve como prioridade testemunhar-lhe a importância que ele revestia aos seus olhos. Possamos nós fazer o mesmo com os distanciados da Igreja que batem à nossa porta para pedir um sacramento.<sup>249</sup>

### 3.3.6 Contribuições da *Pastoral de Geração* para o pilar da Ação Missionária

Mais uma vez, é importante olhar para tais experiências descritas e como elas podem servir de iluminação para trazer algumas pistas para o pilar da Ação Missionária. Esse pilar traz, como urgência, o estado permanente de missão, que deve tocar a vida de todas as comunidades eclesiais. A missão faz parte da natureza da Igreja, como recorda o Decreto *Ad Gentes* (AG), do Concílio Vaticano II: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito

<sup>248</sup> TREMBLAY, O diálogo pastoral revisitado, p. 173-174.

<sup>249</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 177.

Santo” (AD, n. 2). Por isso mesmo, cada cristão, pela força da graça batismal, torna-se também um discípulo missionário. Não há como pensar um cristão sem uma vida missionária.

As DGAE evidenciam que, no pilar da Ação Missionária, as comunidades eclesiais devem estar atentas a um mundo cada vez mais urbano, globalizado, plural, com fortes sinais de secularização, e que isso gera medo e confusão, mas que ao mesmo tempo, nesse novo mundo, ainda existem portas abertas para a acolhida do Evangelho<sup>250</sup>. O anúncio do Evangelho e da pessoa de Jesus Cristo passam, em primeiro lugar, pelo querigma – uma marca que acompanha a Igreja desde os seus primórdios e continua necessária para os dias de hoje, sobretudo num cenário marcado por uma profunda crise de fé. Por isso, as DGAE recordam que o anúncio querigmático não deve ser apenas para aqueles que desejam abraçar a fé cristã, mas também para os cristãos que, embora tenham feito o encontro com o Senhor, precisam continuamente voltar à experiência do primeiro amor, para manter acesa a chama da fé e do encanto por Jesus Cristo<sup>251</sup>.

Há também um cuidado para que o anúncio e o testemunho de Cristo levem às comunidades eclesiais a “assumirem os compromissos que colaboram para garantir a dignidade do ser humano e a humanização das relações sociais”<sup>252</sup>. Nesse pilar fica evidente que a missão não pode ser apenas para dentro, mas também para fora. A proposta de vida cristã não é de fechamento, de indiferença ao mundo que está aí, mas de “proximidade, encontro e diálogo com as diversas realidades”<sup>253</sup>. Essas realidades impelem os cristãos a ter gestos de solidariedade, misericórdia, acolhida e respeito, e, sobretudo, posturas que ajudem a transformar a sociedade num lugar de justiça, paz e fraternidade para todos.

As experiências das CPE e do diálogo pastoral podem ajudar na dinamização do pilar da Ação Missionária por meio de dois aspectos: a) no âmbito interno das comunidades eclesiais, as CPE podem contribuir para que se crie uma cultura de comunhão e fraternidade entre todos os membros, fazendo isso pela proximidade, pela sede de estabelecer vínculos de amizade, de conhecimento e cuidado com o outro, pois a “comunhão fraterna é indissociável da difusão do Evangelho”<sup>254</sup>; b) no âmbito externo, o diálogo pastoral pode atuar como uma ferramenta de acolhimento daqueles que vêm pedir algum sacramento na Igreja católica, fazendo desse diálogo uma oportunidade para que a pessoa possa ser despertada e convidada a fazer um

---

<sup>250</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 114.

<sup>251</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 116.

<sup>252</sup> CNBB. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014, n. 185.

<sup>253</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 117.

<sup>254</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 161.

caminho de conversão. As CPE também podem colaborar neste âmbito externo<sup>255</sup>, ajudando a circular a Palavra de Deus não apenas nos pequenos grupos das comunidades, mas que essa Palavra possa ir também ao encontro de outras pessoas que estão vivendo mais fortemente a cultura urbana, por meio das visitas missionárias, sobretudo em condomínios fechados, prédios, vilas e aglomerados. Existem, nesses lugares, pessoas que buscam um sentido espiritual e existencial para suas vidas, e que por isso não podem ficar de fora.

### **3.4 Ação evangelizadora em âmbito social: comunidades solidárias e de esperança para todos**

Pensar na evangelização em perspectiva de gestação é também trazer o compromisso social, a caridade com os mais pobres para o centro da missão da Igreja. Aliás, o anúncio do Evangelho não passa apenas pelas palavras, mas principalmente pelos gestos de solidariedade, de partilha, de cuidado com aqueles que são os desprezados, excluídos e vulneráveis do tempo presente. O próprio Jesus Cristo aponta que nenhuma evangelização pode deixar de fora os prediletos do Reino, isto é, aqueles que passam fome, que estão nus e com sede, os que se encontram nas prisões e doentes (Mt 25,35-36). Na atual conjuntura social, pode-se acrescentar também os que sofrem constantes formas de preconceitos, os que são vítimas das drogas e da violência, os que não têm casa nem terra, os povos originários, e os que precisam fugir de sua pátria seja por causa das guerras, de governos ditatoriais e até mesmo devido às intempéries da natureza.

Nesse cenário de crescentes desafios no campo social, a Igreja, em sua missão, como inspira a *Pastoral de Gestação*, deve fazer valer na sociedade a marca da sua diaconia da caridade, algo que inclusive remonta aos primórdios do Cristianismo (At 2,42-45; 6,1-4). Por isso mesmo, a Igreja, na vivência da diaconia, deve ajudar as comunidades a se tornarem lugares de esperança e solidariedade<sup>256</sup> para todos, especialmente para os mais pobres. É como disse o

---

<sup>255</sup> No Brasil, vale destacar a experiência bonita e fecunda das Comunidades Eclesiais de Base, que surgiram no contexto sociopolítico dos anos da ditadura militar e, ao mesmo tempo, como uma forma de adequar as estruturas da Igreja católica às resoluções pastorais do Concílio Vaticano II. As CEBs, fruto da eclesiologia do Vaticano II, tiveram papel importante para atualizar a Igreja e adaptá-la ao mundo atual. As CEBs contribuíram para a formação das pequenas comunidades, no fortalecimento dos movimentos sociais, na capacitação de muitas lideranças no campo social, político e na própria Igreja. As CEBs, mesmo passando por um enfraquecimento nas últimas décadas, ainda continuam tendo o seu valor e importância na ação evangelizadora da Igreja. E ao optarmos em fazer referência às CEPs e não às CEBs, não temos a intenção de colocar uma em oposição à outra, mas simplesmente afirmar, que elas podem se enriquecer mutuamente.

<sup>256</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Gestação, p. 197.



papa João Paulo II, na sua Carta Apostólica, no ano de 2001, intitulada *Novo Millennio Ineunte* (NMI), durante as comemorações da chegada do novo milênio:

Por isso, devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em sua casa”. Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino? Sem esta forma de evangelização, realizada através da caridade e do testemunho da pobreza cristã, o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta. A caridade das obras garante uma força inequívoca à caridade das palavras. (NMI, n. 50)

É importante salientar que as comunidades não deixem de lado o anúncio da Boa Nova, à qual todos têm direito, e de modo especial os pobres. Sem este anúncio, a ação pastoral corre o sério risco de ser reduzida à mera ação sociopolítica. O estilo da *Pastoral de Geração* busca integrar a dupla dimensão da evangelização, isto é, libertar, curar e dar as condições para que os mais necessitados tenham voz e vez, mas também que pela acolhida da Boa Nova recebam a esperança da fé que vem de Deus. Há ainda um cuidado que a evangelização não tenha um espírito de proselitismo. Por isso, que o anúncio seja realizado de modo respeitoso, levando em conta a situação de cada um, e que, ao final, haja liberdade para aderir ou não à fé cristã.

### 3.4.1 Diaconia

A experiência denominada Diaconia<sup>257</sup> tem sido uma forma bonita de tornar as comunidades eclesiais em lugares não só de solidariedade e esperança para os pobres, mas também de serviço fraterno a eles. Tal proposta teve a sua gênese a partir das reflexões dos bispos franceses no ano de 1997, quando então escreveram a “Carta aos católicos franceses”<sup>258</sup>. Um dos grandes incentivadores para a implementação das Diaconias é o teólogo jesuíta Étienne Grieu, professor do departamento de Teologia Prática e Pastoral do Centre Sèvres, em Paris. A preocupação era fazer com que as dioceses e paróquias pudessem trabalhar com mais afinco a dimensão diaconal da Igreja. Essa iniciativa foi se expandindo de forma gradativa para algumas dioceses da França, Bélgica e Suíça. Decorridos alguns anos, a Igreja na França, após ter colhido bons frutos dessa experiência, fez um apelo, em 2009, a fim de que a Diaconia fosse

<sup>257</sup> Refere-se aos vários compromissos sociais das comunidades cristãs, é a concretização do Evangelho de Jesus Cristo ao serviço da pessoa, especialmente dos mais pobres, mas é muito mais amplo do que a caridade, toca e fundamenta toda a vida cristã. A utilização deste termo permite revisitar os fundamentos teológicos da ação solidária e mostrar a sua dimensão espiritual. A noção de diaconia e sua origem histórica foram lembradas por Bento XVI na encíclica *Deus Caritas est*.

<sup>258</sup> Proposer la foi dans la société actuelle: Lettre aux catholiques de France. Lourdes, 1996. Disponível em: <https://ec.cef.fr/wp-content/uploads/sites/2/2014/05/dagens.pdf>. Acesso em: 22 mai 2023.

colocada no coração de todas as dioceses, paróquias e comunidades. A partir de tal apelo, foi elaborado um projeto a médio e longo prazo, para que as paróquias pudessem se organizar e implementar essa experiência. Em maio de 2013, o Conselho Nacional de Solidariedade organizou o primeiro encontro na cidade de Lourdes (França), com o objetivo de celebrar a fraternidade e acolher mais de 12 mil pessoas, sendo 2500 em situação de grande pobreza<sup>259</sup>. Este encontro recebeu o nome de “Diaconia 2013: sirvamos à fraternidade!” (*Diaconia 2013: Servons la Fraternité*).

O projeto Diaconia remonta à Igreja nascente, em que, devido ao aumento de novos cristãos, a distribuição de alimentos para os pobres e as viúvas começou a ficar comprometida. Não havia uma organização, e isso começou a gerar reclamações por parte dos cristãos helenistas, que diziam que suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição dos alimentos (At 6,1). Para resolver essa situação, os apóstolos fizeram uma reunião (At 6,2) na qual decidiram que fossem escolhidos sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria (At 6,3), que ficariam com a missão de servir as pessoas pobres da Igreja. A tradição eclesial reconhece, nessa experiência, o surgimento da instituição do diaconato, o primeiro serviço caritativo da Igreja voltado exclusivamente para as pessoas mais carentes e pobres das comunidades.

A partir dessa base bíblica, buscando recuperar essa importante dimensão da Igreja, o projeto Diaconia, desenvolvido pela Igreja católica na França, Bélgica e Suíça, estabeleceu seu alicerce em cinco pilares: caridade, solidariedade, fraternidade, justiça e opção preferencial pelos pobres<sup>260</sup>. A caridade, como expressou o papa Bento XVI em sua Encíclica *Deus Caritas Est*, “não é para a Igreja uma espécie de atividade assistencial que poderia ser deixada a outros, mas pertence à sua natureza, é uma expressão da sua própria essência, à qual ela não pode abdicar” (DCE, n. 25). A evangelização da Igreja passa necessariamente pelo testemunho da caridade aos irmãos e irmãs, especialmente os pobres.

No pilar da solidariedade evoca-se a compaixão pelo outro, o deixar-se afetar pela realidade sofrida de tantos irmãos pobres, mas mover-se na direção de ajudá-los a sair das tristes realidades do desemprego, da miséria e fome, da violência, da exclusão social, na busca de uma vida mais digna. A fraternidade, além de ser um valor cristão, é também um princípio

<sup>259</sup> Diaconia 2013: Servons la Fraternité. Disponível em: <https://www.cath.ch/newsf/mettre-la-parole-des-pauvres-a-la-premiere-place-dans-l-eglise-en-france/> Acesso em: 10 jun 2023.

<sup>260</sup> PARLON DIACONIE – 2013-2023. 2 mai 2023. Disponível em: [https://www-catholique--nancy-fr.translate.google/sites/service-diocesain-de-la-solidarite-et-de-la-diaconie/actualites/parlons-diaconie/42069-parlons-diaconie-diaconia-2013-2023-1/?\\_x\\_tr\\_sl=fr&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www-catholique--nancy-fr.translate.google/sites/service-diocesain-de-la-solidarite-et-de-la-diaconie/actualites/parlons-diaconie/42069-parlons-diaconie-diaconia-2013-2023-1/?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc) Acesso em: 10 jun 2023.

democrático, o qual reforça os laços de irmandade e também de acolhida a todos, sem discriminação, com uma atenção para os mais vulneráveis da sociedade. A justiça como um importante instrumento para conceder e garantir aquilo que o outro tem direito. E por fim, a opção pelos pobres, os prediletos de Jesus e do Reino de Deus.

Étienne Griefu vê a iniciativa das Diaconias como um novo vigor da vocação diaconal da Igreja, e também como uma experiência fecunda de evangelização de gestação junto aos mais necessitados. Tornar as comunidades eclesiais aptas para a partilha, a solidariedade e a fraternidade com as pessoas que estão em situação de pobreza e precariedade, sem dúvida, é colocar no coração da Igreja os pobres. Este pedido, inclusive, tem sido feito com muita insistência por parte do papa Francisco, como se pode contemplar em todo o seu magistério e pastoreio. Já em sua primeira Exortação Apostólica em 2013, *Evangelii Gaudium* (EG), o papa assim se expressou:

Hoje e sempre os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos. (EG, n. 48)

A proposta das Diaconias vai nessa direção, não só de evangelizar os mais carentes, mas também de se deixar interpelar pelos ensinamentos que eles podem transmitir às comunidades.

Isso também nos lembra que a comunidade cristã não pode crescer esquecendo-se daqueles que estão em dificuldades ou doentes, ou cujo próprio ser está ameaçado por todos os tipos de perigos ou injustiças, sejam eles membros da Igreja ou não. Pelo contrário, ela não pode deixar de ser sensível à sua presença e ao seu sofrimento, a ponto de reservar um lugar constante para eles em suas orações e ações. Mas, acima de tudo, ela está ciente de que aqueles que muitas vezes são contados como um nada têm, na verdade, um tesouro para compartilhar, uma experiência que faz com que as pessoas vejam as coisas de forma diferente: eles levam todos os grupos – e, portanto, também as comunidades cristãs – a questionar a verdade do que estão vivenciando.<sup>261</sup>

O grande propósito das Diaconias nas paróquias e comunidades, além de incutir o espírito de serviço aos mais necessitados, é fazer com que se mude a mentalidade de que eles não teriam nada a oferecer, mas só a receber. Não se deve olhar para eles apenas como

---

<sup>261</sup> GRIEU, Étienne. Pourquoi parler de diaconie ? *Études*. Paris, 2011, v. 414. Disponível em: [https://www-cairn-info.translate.goog/revue-etudes-2011-3-page-353.htm?\\_x\\_tr\\_sl=fr&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc#no5](https://www-cairn-info.translate.goog/revue-etudes-2011-3-page-353.htm?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc#no5) Acesso em: 25 mai. 2023. No original: “Par là est également rappelé que la communauté chrétienne ne peut croître dans l’oubli de ceux qui sont dans la détresse ou la maladie, ou sont menacés dans leur être par toutes sortes d’aléas ou d’injustices, qu’ils soient membres de l’Eglise ou pas. Au contraire, elle ne peut qu’être sensible à leur présence et à leur sort, au point de leur faire une place constante dans sa prière et ses actions. Mais surtout, elle garde conscience que ceux-là même que l’on compte souvent pour rien ont en réalité un trésor à partager, une expérience qui fait voir bien des choses autrement : ils conduisent en fait tout groupe – et donc aussi les communautés chrétiennes – à s’interroger sur la vérité de ce qu’il vit”.

beneficiários das ações eclesiais. Isso é um grande equívoco, pois os pobres têm muito a dizer e ensinar, eles são também protagonistas na evangelização, por isso é urgente dar a eles acolhida, espaço, voz e vez nas comunidades eclesiais. A experiência das Diaconias colabora para que o protagonismo dos pobres seja garantido e valorizado.

As áreas de atuação das Diaconias variam de acordo com a realidade eclesial e social de cada diocese. Comumente os principais serviços abrangem: Pastoral da Saúde, Ministério de Luto, Ministério de Solidariedade, Ministério do Migrante e o cuidado pastoral junto aos Encarcerados e suas famílias<sup>262</sup>. É um trabalho que envolve não apenas os cristãos católicos, mas pessoas ligadas a outras instituições, associações e outras denominações religiosas, contando com um grupo de voluntários empenhados em ajudar os pobres nas necessidades materiais, espirituais e garantindo que eles possam ser reconhecidos como atores no processo de evangelização.

Em relação ao serviço da Pastoral da Saúde, o objetivo é cuidar e dar assistência espiritual e material aos enfermos da comunidade, sejam os que estão nos hospitais, sejam os que estão nas próprias casas. A condição de debilidade e fraqueza desses irmãos não pode ser empecilho para deixar de anunciar a eles a Boa Nova. Há também uma preocupação com os mais envelhecidos da comunidade, aqueles que deixaram de frequentar com regularidade as atividades e celebrações comunitárias devido às debilidades e limites da idade avançada. Infelizmente esses irmãos acabam ficando à margem da vida da comunidade, esquecidos, como se não tivessem mais utilidade. Isto é um grande pecado, afinal, eles continuam sendo membros da paróquia, e por isso mesmo requerem de toda comunidade atenção, cuidado, presença, enfim, um acompanhamento humano e espiritual.

Foi no contexto da capelania dos doentes que nasceu a intuição base da *Pastoral de Geração*: a releitura das visitas no meio hospitalar, como, aliás, em muitos outros meios, cruzada com os textos do Evangelho, permite tomar consciência de que Deus está realmente presente nas duas partes do encontro. Ele gera os doentes para a sua vida, sem que os capelães possam controlar a forma como Ele intervém.<sup>263</sup>

Outro serviço bastante importante que precisa ser mais bem trabalhado na vida de uma comunidade é o acompanhamento às pessoas enlutadas. Quando se perde algum ente querido, o enlutado atravessa uma fase muito difícil, ele tem a sensação de que tudo vai desmoronar, que o mundo já não tem mais sentido e que a vida perdeu o encanto. É nessa circunstância que a

<sup>262</sup> CHARTE DE LA DIACONIE DANS LA MISSION. Diocese Frejus-Toulon, 2014. Disponível em: <https://frejustoulon.fr/charte-de-la-diaconie-dans-la-mission/>. Acesso em: 12 set 2023.

<sup>263</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 199.

presença de uma equipe de pastoral do luto ou da esperança faz toda a diferença na vida dos familiares que perderam seu ente querido. Uma presença fraterna, em que escutar será muitas vezes mais importante do que falar; uma presença que partilha da dor da pessoa enlutada, com orações que possam trazer um pouco de paz, serenidade e utilizando textos da Palavra de Deus que alimentam a fé e a esperança na ressurreição do falecido; e uma presença que não fique restrita apenas ao dia do velório, mas que se prolongue nos dias e semanas seguintes, que sem dúvida serão os momentos mais difíceis, em que os familiares terão que lidar com a ausência do ente querido, o que pode gerar revolta, crise de fé e distanciamento da Igreja.

Estas equipes têm por tarefa colaborar no ministério do padre junto das famílias, quer seja a tomar conta das pessoas enlutadas, o acolhimento, a preparação da vigília de oração, ou introduzir uma participação na celebração do serviço fúnebre, ou até a sua animação, quando é realizado sem Eucaristia; quer seja o acompanhamento depois do funeral para as famílias que o desejam.<sup>264</sup>

O serviço de acompanhamento aos divorciados e recasados é também uma outra urgência pastoral na vida das comunidades. Com o significativo aumento de divórcios e separações, de recasados apenas no âmbito civil, e as chamadas uniões livres, a Igreja vai encontrando cada vez mais dificuldade não só de acompanhar, mas também de orientar e acolher este novo cenário que se instaurou com grande rapidez pelo mundo afora. A orientação habitual do magistério de apenas proibir divorciados e recasados de se aproximarem da eucaristia e da penitência não resolve e nem ajuda a lidar com tal realidade. Em se considerando o cenário atual, em que boa parte dos jovens nem sequer está chegando a uma primeira união matrimonial, preferindo experiências isentas de compromissos e responsabilidades, o desafio ganha um peso ainda maior. O que fazer? Como a Igreja e as comunidades poderiam lidar melhor com essa situação? Mudar a disciplina da Igreja nessa matéria resolveria o problema?

O papa Francisco deu até passos importantes com a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (AL), publicada em 2016. Nela o papa pede aos pastores um acompanhamento mais próximo dos casais, sempre feito com muito discernimento, tentando encontrar caminhos pastorais possíveis que possam trazer a eles um pouco de consolação, afeto, cuidado e inclusão. Não há respostas prontas, o caminho é longo, mas o acolhimento é imprescindível aos casais que estão em situação “irregular” perante a Igreja, sejam eles recasados civilmente, separados e divorciados, sejam ainda aqueles que estão em uma terceira (ou mais) união. É necessário pensar em alternativas de acolhimento desses casais na vida da Igreja. Neste sentido,

---

<sup>264</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Gestação, p. 200.

experiências pastorais como grupos de casais em segunda união têm ajudado um pouco no acolhimento, diminuindo o sentimento de exclusão que tais casais sofrem por não estarem “regulares” sacramentalmente perante a Igreja<sup>265</sup>.

A atenção aos migrantes é também uma realidade que exige muita atenção por parte da Igreja. O crescente número de migrantes e refugiados nos últimos anos tem causado certa apreensão para os países desenvolvidos, que de um lado não devem fechar suas portas, mas, por outro, precisam criar condições para acolher tantos que vêm à procura de uma vida melhor e mais digna. Trata-se de um desafio pastoral bem exigente também para a Igreja, que não deve rejeitá-los, mas ao mesmo tempo precisa criar mecanismos de acolhida, proteção e integração deles na vida das comunidades eclesiais. O papa Francisco tem sido uma voz importante na defesa dos migrantes e refugiados, sensibilizando as autoridades políticas e eclesiais para um trabalho de acolhida desses irmãos que vêm em busca de melhores condições de vida. Em suas mensagens, por ocasião do Dia mundial dos Refugiados e Migrantes, ele tem expressado sua constante preocupação com esse cenário e tem solicitado às autoridades internacionais que desenvolvam políticas de acolhida, de proteção, integração e promoção dos migrantes e refugiados<sup>266</sup>.

Repetidas vezes, durante estes meus primeiros anos de pontificado, expressei especial preocupação pela triste situação de tantos migrantes e refugiados que fogem das guerras, das perseguições, dos desastres naturais e da pobreza. Trata-se, sem dúvida, dum “sinal dos tempos” que, desde a minha visita a Lampedusa em 8 de julho de 2013, tenho procurado ler sob a luz do Espírito Santo. Quando instituí o novo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, quis que houvesse nele uma Secção especial (colocada temporariamente sob a minha guia direta) que expressasse a solicitude da Igreja para com os migrantes, os desalojados, os refugiados e as vítimas de tráfico humano.<sup>267</sup>

O cuidado com os encarcerados e suas famílias é também uma pauta importante no trabalho pastoral da Igreja. Aqueles que estão nas prisões também precisam da atenção, do apoio e sobretudo do anúncio da Boa Nova. O ambiente prisional é infelizmente um local de torturas, de condições insalubres, de atentado contra a dignidade e os direitos humanos daqueles que estão privados da liberdade. E é nesse contexto que a Igreja, por meio dos seus agentes pastorais, é chamada a ser presença de Cristo, levando aos encarcerados uma palavra de

---

<sup>265</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Geração, p. 203.

<sup>266</sup> FRANCISCO. *Mensagem para o dia Mundial do Migrante e do Refugiado*. 2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20170815\\_world-migrants-day-2018.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html). Acesso em: 12 jun 2023.

<sup>267</sup> FRANCISCO. *Mensagem para o dia Mundial do Migrante e do Refugiado*.

esperança, de amor, de fé. Esse serviço deve colaborar para que eles possam trilhar um caminho de reconciliação perante Deus, consigo mesmo e com a sociedade. A evangelização precisa acontecer neste ambiente, por meio das celebrações, de orações, de catequese, de estudos bíblicos, mas também marcada por um testemunho de escuta e compaixão para com aqueles que estão cumprindo suas penas, e que um dia, voltando ao convívio social, esperam ter uma nova chance para recomeçar a vida. Não se pode esquecer do atendimento às famílias dos encarcerados, que necessitam de apoio, de assistência espiritual e material, e também ajudá-los a não perder a esperança de que um dia possam estar de volta ao convívio familiar com seus entes queridos.

A experiência das Diaconias vai ajudando as comunidades a fortalecerem as iniciativas caritativas em prol dos pobres e dos mais vulneráveis. A *Diaconia* torna o testemunho da Igreja católica mais contundente perante o mundo, ou seja, não se contentar apenas com a sua condição de mera instituição religiosa, mas assumir o protagonismo no espaço público da sociedade, principalmente quando a vida e a dignidade dos mais pobres estiverem ameaçadas. Como recorda a Exortação Apostólica do papa Bento XVI, *Verbum Domini*: “A Igreja não pode desiludir os pobres: os pastores são chamados a ouvi-los, a aprender deles, a guiá-los na sua fé e a motivá-los para serem construtores da própria história” (VD, n. 107).

Enfim, seria possível citar aqui outros serviços prestados pelas Diaconias, mas esses que trouxemos já dão uma amostra do quanto o trabalho de evangelização em perspectiva de gestação pode alcançar tantos lugares, pessoas e contextos em que o Evangelho continua sendo uma boa notícia. E mais, oferecer condições para que as comunidades possam trilhar um jeito novo de caminhar e evangelizar no mundo: sendo presença que acolhe os pobres e os mais vulneráveis; oferecendo um testemunho de fraternidade com ações que ajudem o mundo a buscar o caminho efetivo da solidariedade e justiça para todos; e principalmente, deixando em evidência na sociedade a marca diaconal da Igreja, que sempre em sua história priorizou o compromisso de serviço, amor e esperança aos abandonados, desprezados e esquecidos do mundo.

O evento “Diaconia 2013” foi uma oportunidade para a Igreja da França conhecer o conceito de “diaconia”, redescobrimo assim um aspecto essencial de sua missão. Através do evento representado pelo próprio encontro em Lourdes, ela recebeu algo mais: ela pôde experimentar que o caminho real para avançar no espírito da diaconia consiste em parar para aprender com o que os mais frágeis têm a compartilhar com ela, e que, de fato, se mostra capaz de renová-la em profundidade e ajudá-la a dar consistência à Boa Nova que ela traz.<sup>268</sup>

---

<sup>268</sup> GRIEU, Étienne. *Diaconia 2013: un événement pour l’Eglise de France ?* Disponível em: <https://fondationjeanrodhain-org.translate.google/les-chaire/paris-centre-sevres/etienne-grieu-diaconia-2013-un->

### 3.4.2 Contribuições da *Pastoral de Geração* para o pilar da Caridade

Assim como foi feito com os outros três pilares, deseja-se olhar para a experiência das Diaconias e perceber como ela pode inspirar, contribuir para aprofundar o pilar da Caridade, que é central na vida e missão da Igreja. As DGAE recordam que sem “a oração não existe vida cristã, porém sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã”<sup>269</sup>. Por isso, as comunidades eclesiais precisam ter uma atenção especial com os sofredores, os pequenos, os excluídos deste mundo, promovendo ações em defesa da vida, lutando por uma sociedade em que os direitos humanos sejam respeitados, buscar caminhos de paz para superar toda e qualquer forma de violência. Enfim, os discípulos missionários de Jesus Cristo, não podem se omitir nesse campo, pois isso “traz gravíssimas consequências para ação transformadora na Igreja e no mundo”<sup>270</sup>.

Muitas são as preocupações apresentadas nas DGAE que se colocam como prioridades para que a Igreja continue a exercer a sua caridade e profecia no mundo. São elas: a promoção da cultura da vida e da paz; o cuidado com as pessoas que não têm casa; a assistência junto a tantos encarcerados e suas famílias; ações para evitar o abandono e exploração das crianças e idosos; iniciativas para superar as várias formas de crise que assolam as juventudes e famílias; o despertar da sociedade para a consciência do cuidado com a casa comum, por meio da implementação de uma ecologia integral<sup>271</sup>. Se pode acrescentar também a essas prioridades, a situação complexa dos migrantes e refugiados; os povos originários, que precisam resistir para não serem expulsos de suas terras, bem como lutar para não serem mortos pela ganância de garimpeiros e grandes latifundiários.<sup>272</sup>

Neste cenário, a proposta da *Pastoral de Geração* pode ajudar o pilar da Caridade, contribuindo para que o anúncio do Evangelho esteja indissociável dos gestos de caridade. O caminho passa pela acolhida de todos no seio das comunidades eclesiais, dos pobres às novas formas de pobreza, como recorda o papa João Paulo II na *Novo Millennio Ineunte*: “[...] o desespero da falta de sentido, a tentação da droga, a solidão na velhice ou na doença, a

---

evenement-pour-leglise-de-france?\_x\_tr\_sl=fr&\_x\_tr\_tl=pt&\_x\_tr\_hl=pt-BR&\_x\_tr\_pto=sc. Acesso em: 14 jun 2023. No original : “Diaconia 2013 a été l’occasion pour l’Église de France de s’initier à la notion de ‘diaconie’, redécouvrant ainsi un aspect essentiel de sa mission. A travers l’événement qu’a représenté le rassemblement à Lourdes lui-même, il lui a été donné encore autre chose : elle a pu faire l’expérience que la voie royale pour avancer sur ce chemin de la diaconie consiste à s’arrêter pour se mettre à l’école de ce que les plus fragiles ont à lui partager, et qui, de fait, s’avère capable de la renouveler en profondeur et l’aide à donner consistance à la Bonne Nouvelle qu’elle porte”.

<sup>269</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 102.

<sup>270</sup> CNBB, *Cristãos leigos e leigas na sociedade*. Brasília: Edições CNBB, Doc. 105, cap. III.

<sup>271</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 109.

<sup>272</sup> CNBB, DGAE 2019-2023, n. 111-112.



marginalização, a discriminação social” (NMI, n. 50). Dessa forma, a comunidade eclesial precisa trabalhar em seus membros a consciência de uma hospitalidade generosa, aberta para acolher qualquer pessoa que bata à sua porta, a fim de que ela se sinta em casa. Porém não se pode descuidar daquelas pessoas que estão dentro da comunidade e já se encontram fragilizadas, por causa de doenças e limitações da idade avançada.

A experiência das Diaconias pode fazer grande bem às comunidades eclesiais, a fim de despertar nos cristãos o senso de corresponsabilidade na transformação do mundo em um lugar mais justo, fraterno e digno para se viver. Isso responde ao próprio apelo de Jesus no Evangelho: “Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber” (Mt 25,35). O compromisso diaconal conduz o cristão a assimilar e viver melhor o ensinamento social da Igreja. O espírito das Diaconias ajuda a espalhar os valores do Evangelho e fazer com que os cristãos se comprometam efetivamente com a vida em todas as suas facetas, com a família, com os pobres, com o planeta Terra, com os “princípios fundamentais de que depende o destino do ser humano e o futuro da civilização” (NMI, n. 51).

No pilar da Caridade, seria interessante motivar as comunidades para que pudessem organizar conferências, testemunhos, jornadas de sensibilização, fóruns de reflexão ligados a temas sociais, políticos, éticos<sup>273</sup>, permitindo assim que a voz da Igreja possa alcançar a sociedade nas suas várias instâncias. Outra proposta bastante interessante seria criar lugares de escuta e diálogo nas comunidades<sup>274</sup>, com profissionais cristãos que trabalham em áreas como saúde, economia e ciência, e que enfrentam tantos desafios e questionamentos da sociedade por não abrirem mão dos princípios da doutrina moral e social da Igreja no exercício de suas profissões. Todas essas sugestões podem enriquecer e colaborar bastante para dinamizar a ação evangelizadora da Igreja no pilar da Caridade<sup>275</sup>.

---

<sup>273</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Gestação, p. 203.

<sup>274</sup> MATTEO; AMHERDT. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Gestação, p. 204.

<sup>275</sup> As pastorais sociais sempre foram um ponto forte na Igreja católica do Brasil. Elas realizam ações de evangelização, sensibilização, conscientização e organização social, com o intuito de promover uma melhor situação de vida aos socialmente vulneráveis. No entanto, faz-se necessário observar, que muitas das iniciativas de tais pastorais, são feitas em âmbito diocesano, e reduzidas um grupo restrito de agentes de pastoral. A experiência das Diaconias, que certamente se inspirou em muitas práticas da Igreja na América Latina, seria levar, pouco a pouco, a consciência de que a caridade é uma marca distintiva de cada cristão, e por isso, deveria ser assumida pelas comunidades locais, e por todos os cristãos batizados.

### 3.4.3 Conclusão do capítulo 3

Encerrando o último capítulo desta pesquisa, tivemos a oportunidade de perceber o quanto a evangelização em perspectiva de gestação já dá sinais de presença na vida e caminhada da Igreja. As várias experiências descritas evidenciam que a abertura às surpresas do Espírito Santo faz nascer novos cristãos. Não importa se são cristãos que estavam na Igreja, mas precisavam de um novo renascimento, ou aqueles que, tocados pela primeira vez pelo anúncio da Boa Nova, aderiram livre e conscientemente a um estilo de vida evangélico e eclesial, fruto da redescoberta, da releitura e de um jeito novo de escutar as narrativas sobre Jesus Cristo.

Na primeira parte do capítulo, vimos algumas atitudes que ajudam a implementar uma evangelização em perspectiva de gestação. A primeira atitude é a consciência de que todo processo evangelizador tem que partir do chão da realidade, seja ele favorável ou não. Em segundo lugar, que a evangelização não transmite a fé em si mesma, mas apenas cria condições para que ela possa ser gestada no coração das pessoas. Na terceira atitude, ficou claro que todo evangelizador é sempre um destinatário do Evangelho, ele tem sempre algo a aprender toda vez que anuncia a Boa Nova de Jesus. A quarta atitude recordou que o anúncio do Evangelho nunca deve ser feito com ares de superioridade por parte de quem anuncia e nem de inferioridade por parte de quem o recebe, pois o Cristo já está presente naquela realidade, mesmo que ainda de forma a ser descoberto. Toda evangelização é sempre uma via de mão dupla, isto é, quem oferece recebe, e quem recebe também oferece. Um quinto ponto foi a menção à importância do tripé da evangelização, que passa sempre pelo encontro, o diálogo e a solidariedade. Na sexta e última atitude, foi lembrado que a evangelização, para ser autêntica, precisa libertar a sociedade das falsas imagens de Deus, as quais bloqueiam a proposta da fé cristã. E por fim, que o processo evangelizador sempre será marcado por desafios e resistências em qualquer tempo e lugar, porém não se pode jamais desistir de propor com alegria e ousadia o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo, que continua tendo sua força de atração e sua capacidade de falar aos ouvidos, ao coração e às mentes dos homens e mulheres em cada tempo.

Na segunda parte, começamos a relatar as experiências concretas da evangelização em estilo de gestação. A primeira experiência descrita foi a autobiografia. Algo que não é novidade na vida da Igreja, visto que muitos santos e místicos utilizaram esse instrumento não só para relatar as marcas das experiências que tiveram com Deus, mas também para ajudar tantas pessoas, por meio desses escritos, a tecerem um caminho de intimidade espiritual, de busca de autoconhecimento e sentido para a vida. As iniciativas com os chamados projetos de vida para os jovens têm sido uma marca bonita de um caminho de evangelização no estilo da *Pastoral de*

*Gestação.* Em primeiro lugar, dando ao jovem o papel de protagonista da sua história pessoal por meio de um percurso feito com autonomia e liberdade; em segundo lugar, sendo um instrumento que auxilie o jovem a buscar o sentido da sua vida, a identificar as marcas de Deus na sua história e encontrar uma vocação que o realize neste mundo; em terceiro lugar, oferecendo ao jovem uma proposta de vida integral, em que as dimensões espiritual, existencial e eclesial, ressoem como algo fundamental para quem deseja construir e ter um estilo de vida com o sabor do Evangelho. Vimos, também, que essas experiências podem colaborar para enriquecer não apenas as atuais DGAE da Igreja católica no Brasil, mas as que virão no futuro. No pilar da Palavra, a autobiografia e o projeto de vida ajudam os cristãos a crescer no amadurecimento espiritual e existencial, auxiliam na formação de novas lideranças, dinamizam a iniciação à vida cristã por meio de percursos que possibilitem a cada pessoa descobrir seus dons, carismas, e aperfeiçoá-los, como também contribuem para gestar novos cristãos e cristãs na arte de se relacionar.

Caminhando para a terceira parte, apresentamos experiências pastorais de novos espaços de (re)descoberta da fé cristã. Vimos a iniciativa dos grupos Alpha, que tem sido uma bela proposta para quem deseja iniciar ou fazer uma redescoberta da fé cristã. Acenamos também para a experiência positiva dos grupos de Reiniciantes, destinados àqueles cristãos que, por motivos diversos, deixaram ou se afastaram por um determinado tempo da prática da fé cristã, porém, desejam voltar ao seio da vida e fé cristãs. Ainda foi mencionada a proposta das Células Paroquiais de Evangelização, que têm conseguido ser um espaço de proximidade, de vivência fraterna e hospitalidade entre os membros cristãos nas casas e ao redor da Escritura. E por fim, foi apresentado o diálogo pastoral enquanto um instrumento importante na evangelização daqueles que vem pedir à Igreja os sacramentos. Nessa terceira parte, identificamos que essas experiências têm muito a contribuir para as DGAE nos pilares do Pão e da Ação Missionária, a saber: a criação de espaços para ajudar os cristãos a buscarem uma espiritualidade sólida, através de escolas de oração, de catequeses mistagógicas, de uma participação mais ativa e consciente nas celebrações, em especial na eucaristia, e também a capacitação de cristãos que poderão atuar nas comunidades como formadores da vida espiritual. No âmbito missionário, há um impulso para uma missão permanente, tanto para dentro quanto para fora da comunidade, buscando o fortalecimento dos vínculos fraternos, de respeito, de comunhão. O objetivo é ir ao encontro dos outros, numa atitude de hospitalidade e solidariedade, não para impor o Evangelho e a fé cristã, mas, sim, propor essa mensagem de maneira livre, razoável e desejável.

Na quarta na parte, apresentamos a proposta das Diaconias como uma forte expressão da vida diaconal das comunidades solidárias e cheias de esperança. Um projeto que tem sido

bem sucedido não só nas dioceses da França, como também em países como a Suíça e Canadá. Vimos que essa iniciativa, além de ajudar a recuperar a dimensão caritativa da vida cristã, coloca os pobres não só como destinatários da evangelização, mas também como protagonistas. A perspectiva abraçada aqui nos ensina que os pobres têm muito a nos oferecer e ensinar, e que o cristão não vive fechado em si mesmo, mas sempre aberto para servir e deixar no mundo a marca da caridade. O grande contributo dessa experiência para o pilar da Caridade é despertar a consciência de cada cristão para a inseparabilidade entre caridade e vida. Como disse Paulo em sua carta aos Coríntios: “Se eu tivesse o dom da profecia, se conhecesse todos os mistérios e toda ciência; se tivesse toda a fé [...], mas não tivesse caridade, eu nada seria” (1Cor 13,2). A caridade é o distintivo, a marca do cristão no mundo.

Enfim, na bimilenar história da Igreja, nunca foi fácil a missão de evangelizar. Desde os inícios do Cristianismo, inúmeras foram as dificuldades, os embates, as resistências, mas nem por isso a Igreja deixou de evangelizar, de proclamar a Boa Nova de Jesus Cristo. E o tempo presente é também ocasião para continuar essa missão, sempre com o cuidado de apresentar uma proposta evangelizadora inculturada, respeitando as diferentes expressões culturais do mundo atual. Por tudo isso, ao final dessa pesquisa, estamos convictos de que a evangelização, a partir do estilo da *Pastoral de Geração*, não é “a salvadora da pátria” para a Igreja em seu caminho de evangelização, nem vai resolver todos os problemas, mas diante de um contexto tão intrincado e plural do tempo presente, a sua proposta tem grandes chances de conseguir falar e ser escutada pelos homens e mulheres de hoje. Porém, a proposta da fé cristã precisa ser:

despojada de toda vontade de poder, de toda pretensão de totalidade, pois ela não obriga, não se impõe, mas se propõe num espaço de livre hospitalidade mútua que o próprio Deus abriu: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouve a minha voz e abre a porta, eu entrarei em sua casa e farei refeição com ele e ele comigo” (Ap 3,20).<sup>276</sup>

---

<sup>276</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 75.

## CONCLUSÃO GERAL

Após o percurso realizado nesta pesquisa de dissertação, faz-se necessária uma reflexão geral, em chave conclusiva, embora com a consciência de que essa reflexão, mais do que um ponto de chegada, na verdade, é um novo ponto de partida para futuros desdobramentos. A pesquisa foi desenvolvida com o intuito de dialogar com a proposta da *Pastoral de Geração* enquanto novo paradigma pastoral para enriquecer a ação evangelizadora da Igreja católica no Brasil. Vimos o quanto essa proposta é pertinente para o momento atual, no qual a sociedade vem experimentando tantos momentos de crise, e estes, sem dúvida, refletem na Igreja e no seu trabalho evangelizador. Mais do que olhar para esse cenário como algo desastroso, a *Pastoral de Geração* proporciona à Igreja enxergar, nesse contexto, uma oportunidade para descobrir as possíveis fendas abertas por este tempo, e que se tornam lugares para que o Evangelho continue sendo acolhido como uma boa notícia pelos homens e mulheres da contemporaneidade.

O aporte teórico que utilizamos para apresentar as reflexões da *Pastoral de Geração* vieram dos seus principais idealizadores, a saber: Philippe Bacq, Christoph Theobald e André Fossion. Esses teólogos jesuítas, ao longo de décadas, por meio de estudos e inserções pastorais, foram vislumbrando um jeito diferente de apresentar o Evangelho à luz de releituras e (re)audição das narrativas de Jesus. Em suas práticas pastorais, eles foram ajudando muitas pessoas, em diferentes contextos e faixas etárias, a serem despertadas para viverem profundamente um estilo de vida ao sabor do Evangelho.

Ao longo dessa pesquisa, pudemos contemplar várias contribuições para a ação evangelizadora da Igreja. No primeiro capítulo da dissertação, foi feita uma retrospectiva de alguns dos paradigmas que marcaram a evangelização na história da Igreja. Constatamos que, embora eles tenham cumprido seu papel, para o momento atual, a Igreja precisa de um novo paradigma, não apenas para trazer respostas aos desafios de hoje, mas também para ajudá-la a escutar e dialogar com as várias realidades do tempo presente. O primeiro contributo dessa pesquisa para a evangelização foi corroborar, com mais audácia, que definitivamente não estamos mais num regime de Cristandade, e que, por isso, a transmissão da fé e a evangelização por osmose não funciona mais como em outros tempos. A situação do Cristianismo já não é mais uma matriz cultural para muitas sociedades do mundo ocidental, principalmente nos países europeus. Mesmo que essa realidade ainda não seja tão forte nos países latino-americanos, já temos percebido sinais de rupturas da transmissão da fé cristã e da diminuição da sua

capacidade de influenciar decisões da vida dos próprios cristãos e dos destinos da sociedade. No entanto, mesmo num contexto árido para o anúncio do Evangelho, constatamos que ele continua, por hora, sendo uma boa nova para boa parte dos cristãos, mas também ressoa como um texto cultural para não cristãos, ateus, agnósticos. E é justamente nesse horizonte que a Igreja deve se ater em sua evangelização, ou seja, na centralidade da Escritura, que ainda permanece com sua capacidade de ser acolhida perante os homens e mulheres desse tempo.

A partir dos elementos fundamentais dessa nova perspectiva, que destacamos no segundo capítulo, percebemos outros importantes contributos para a ação evangelizadora da Igreja. O nascimento de novos cristãos não aos moldes da Cristandade, em que a fé era transmitida por osmose, uma mera reprodução, mas sim pela via do inesperado, das surpresas do Espírito, que inclusive não depende dos nossos esforços de evangelizadores, mas apenas da liberdade da pessoa e da graça de Deus. Enquanto Igreja e evangelizadores, nos cabe zelar e criar condições para que a fé, que não se transmite em si mesma, se torne possível, compreensível e desejável na vida de cada cristão.

Vimos ainda que a Igreja, em sua práxis evangelizadora, necessita investir em cristãos que possam atuar como passadores, a exemplo de Jesus Cristo, o *passeur* por excelência. A evangelização, na conjuntura atual, exige que os cristãos e cristãs adotem em suas vidas o estilo de Jesus de Nazaré. Ele, tantas vezes, em seus encontros interpessoais, conduzia as pessoas para descobrirem a verdade sobre si mesmas, despertando-as primeiramente para a fé na vida. O Nazareno, como um barqueiro, transportava as pessoas para outras margens, passando da exclusão para a inclusão, da doença para a cura, da morte para a vida plena. Depois de serem despertadas para a confiança na vida, eram conduzidas por ele para o limiar de uma fé religiosa, que se colocava como fundamento para segui-lo, e assim, livremente, cada pessoa poderia dar o passo em direção ao caminho do discipulado e da missão. É nesse horizonte que a Igreja precisa estar atenta, a fim de que o seu itinerário de evangelização contemple a fé na vida, ou seja, ajudar a pessoa a olhar para a vida com confiança, apesar das cruzes e sofrimentos deste mundo. A fé na vida é condição para o despertar de uma fé cristã. E para isso é urgente que a Igreja invista em evangelizadores que sejam preparados e qualificados para se tornarem bons passadores, com condições de estabelecerem relações significativas com as pessoas à sua volta.

No contexto cultural atual, outro contributo importante é o acompanhamento mútuo. A experiência pessoal na contemporaneidade é vista como um valor bastante significativo, e o acompanhamento de cada cristão torna-se imprescindível para o êxito da missão evangelizadora da Igreja. Não há como gestar novos cristãos no tempo presente ignorando a singularidade de cada pessoa. Por isso, a Igreja precisa criar itinerários de evangelização que garantam um

acompanhamento personalizado, em que a pessoa se sinta não só valorizada em sua identidade, mas também que atue como protagonista no caminho a ser feito. Nesse processo, como vimos, todos ganham, aquele que acompanha e quem é acompanhado.

No último capítulo, tivemos a oportunidade de apresentar algumas experiências concretas da *Pastoral de Geração*, sinalizando novos horizontes para enriquecer as DGAE da Igreja católica no Brasil. Na primeira parte, na dimensão existencial e espiritual da evangelização, destacamos a autobiografia e os projetos de vida. Por meio deles, a Igreja no pilar da Palavra, pode incrementar nas comunidades percursos que auxiliem os cristãos a crescer no autoconhecimento, na vida de uma espiritualidade sólida, e tornem-se protagonistas na construção de projetos que dão sentido às suas vidas e ao ser cristão.

Já na dimensão eclesial da evangelização, vimos as experiências do Alpha, a Pastoral dos Reiniciantes, as Células Paroquiais de Evangelização e o diálogo pastoral. Tais experiências ajudam a estabelecer no seio das comunidades o fortalecimento das relações interpessoais, baseadas na hospitalidade, fraternidade, vida de oração, partilha e missão. Esses instrumentos podem colaborar para que, no pilar do Pão, as comunidades possam ser enriquecidas com novos lugares para (re)descobrir a fé cristã. Já no pilar da Ação Missionária, há um forte impulso para a construção de uma cultura missionária permanente, justamente para evitar que a missão fique restrita a apenas alguns momentos esporádicos da vida eclesial.

E por fim, na dimensão social da evangelização, foi destacada a maneira que os cristãos devem viver no mundo: o caminho da diaconia, que é o distintivo do agir cristão. A experiência das chamadas Diaconias constituem, para a ação evangelizadora da Igreja, a partir do pilar da Caridade, uma oportunidade de ouro para revitalizar a dimensão caritativa nas comunidades e, ao mesmo tempo, para colocar no centro da missão os pobres, não apenas enquanto destinatários privilegiados do Evangelho e do Reino, mas como pessoas que também têm muito a nos ensinar.

Pela análise feita nesta dissertação, confirmamos a hipótese que colocamos no início da pesquisa: que o tempo presente, embora com toda a sua complexidade, continua favorável ao anúncio do Evangelho, e que a Igreja, para ser fiel à sua missão de proclamá-lo a todas as pessoas, tem na proposta da *Pastoral de Geração* um novo paradigma, mais adequado e congruente para o tempo presente. Este novo paradigma pode ser um instrumento que “ajuda a fazer jorrar o novo nos momentos de crise, ou seja, momentos de suspensão ou de cortes que apelam a um tempo de discernimento, de decisão e de invenção”<sup>277</sup>.

---

<sup>277</sup> FOSSION, *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação, p. 173.

A riqueza dessa nova proposta exige futuros desdobramentos. A questão da visão de Igreja que se deseja a partir dessa proposta coloca-se com um grande desafio, pois exige interrogar e repensar sua identidade e missão, tendo em vista que, no cenário da contemporaneidade, Igreja e sociedade se distanciam cada vez mais. Esse aspecto não foi esgotado nessa pesquisa. Outro ponto que requer aprofundamento, e que é desenvolvido por Theobald, é o modo de proceder conciliar que a Igreja é chamada a assumir na atualidade, a partir de três pilares: discernimento dos sinais dos tempos; realizado sob a autoridade única da Palavra de Deus; feito de modo colegial. Este aspecto pode ser enriquecido com as reflexões recentes do magistério do papa Francisco na perspectiva da Igreja sinodal. O texto da pesquisa apontou apenas algumas nuances. Um outro aspecto que pode ser trabalhado com maior aprofundamento, em uma futura pesquisa, é a abordagem estilística do Cristianismo por parte de Theobald, que chama a atenção para um estilo de vida do cristão e da pastoral que deve se preocupar mais com uma maneira de ser do que com coisas a fazer.

Após todo o percurso feito, temos a convicção de ter encontrado sinais e elementos capazes de enriquecer a ação evangelizadora da Igreja no tempo presente. Apesar de toda a complexidade do momento atual, o Evangelho continua tendo sua força e vitalidade para chegar ao coração e às mentes dos homens e mulheres. E para tal, a proposta da *Pastoral de Geração*, mais do que uma “pastoral”, se coloca como um modo de ser, que ajuda a Igreja em sua missão, a gerar novos cristãos não apenas nos lugares já tradicionais, mas em novos lugares teológicos e contextos não programados para a fé. Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para que mais pessoas sejam motivadas a descobrir a beleza e a riqueza desse novo estilo de evangelização.



## REFERÊNCIAS

ADÃO, Francys Silvestrini. A teogastronomia: uma estética teológica sui generis. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 54, n. 3, p. 585-607, set/dez 2022. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5131/4962>. Acesso em: 12 set 2023.

AGÊNCIA CATÓLICOS EM CÉLULAS. *Testemunhos Célula Jovem* – Comunidade Athos 2. Disponível em: <http://www.catolicosemcelulas.com.br/site/testemunhos-celula-jovem-comunidade-athos-2/>. Acesso em: 9 ago 2023.

ALMEIDA, Antônio José de. *Lumen gentium*. A transição necessária. São Paulo: Paulus, 2005.

ALMEIDA, Antônio José de. *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009.

ALVES, José Eustáquio Diniz. A transição católica e o crescimento da secularização na América Latina. *IHU On-line*. 25 jan 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/575532-a-transicao-catolica-e-o-crescimento-da-secularizacao-na-america-latina>. Acesso em: 9 ago 2022.

AMHERDT, François Xavier. Un rayonnement par osmose: Pour une spiritualité pastorale de démaîtrise. *Lumen Vitae*, Louvain, v. LXXI, n. 1, p. 61-72, 2016. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-lumen-vitae-2016-1-page-61.htm>. Acesso em: 4 fev 2023.

ARROYO, Francisco Merlos. *Teología Contemporánea del Ministerio Pastoral*. Mexico: Palabra Ediciones, 2012.

BACQ, Philippe. La pastorale d'engendrement: qu'est-ce à dire? *Lumen Vitae*, Louvain, v. 63, n. 132, p. 299-318, jul/ago/set 2008. Disponível em: <https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=fr&u=https://www.cairn.info/revue-lumen-vitae-2008-3-page-299.html&prev=search&pto=aue>. Acesso em: 4 nov 2022.

BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Dirs.). *Passeurs d'Évangile*. Autour d'une pastorale d'engendrement. Montreal: Novalis-Lumen Vitae-Atelier, 2008.

BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2013.

BACQ, Philippe. Para uma pastoral de gestação. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2013.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. 2005. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html). Acesso em: 5 jun 2023.

BENTO XVI. *Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da República Federal da Alemanha em visita ad limina Apostolorum*. 2006. Disponível em:

[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20061110\\_ad-limina-germany.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061110_ad-limina-germany.html). Acesso em: 9 de ago 2023.

BENTO XVI. *Exortação Apostólica Verbum Domini*. 2010. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20100930\\_verbum-domini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html). Acesso em: 30 mai 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. 11.ed. São Paulo: Paulus, 2016.

BIEL, Patrícia. Un accompagnement sur mesure pour (re)commencer à croire. *Le Temps*, Suisse, maio/2002. Disponível em: [https://www.letemps-ch.translate.goog/societe/un-accompagnement-mesure-recommencer-croire?\\_x\\_tr\\_sl=fr&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www.letemps-ch.translate.goog/societe/un-accompagnement-mesure-recommencer-croire?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 4 mai 2023.

BOFF, Clodovis. *Carismáticos e libertadores na Igreja*. REB 60(237), 36-53.

BRIGHENTI, Agenor. Por uma evangelização realmente nova. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 45, n. 125, p. 83-106, jan/abr 2013. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2832/2983>. Acesso em: 12 set 2022.

BRIGHENTI, Agenor. A ação pastoral em tempos de mudança: modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma. *Revista Vida Pastoral*, ano 56, n. 302, 2015. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/a-acao-pastoral-em-tempos-de-mudanca-modelos-obsoletos-e-balizas-de-um-novo-paradigma/>. Acesso em: 12 set 2022.

BRIGHENTI, Agenor. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

BRIGHENTI, Agenor. Modelos de pastoral e eclesiológicos, em torno à renovação do Vaticano II. *REB*, Petrópolis, v. 75, n. 298, p. 280-302, abr/jun 2015. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/327/311>. Acesso em: 5 out 2022.

BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral*. A inteligência reflexa da ação evangelizadora. Petrópolis: Vozes, 2021. Coleção Iniciação à Teologia.

CHARTRE DE LA DIACONIE DANS LA MISSION. Diocese Frejus-Toulon, 2014. Disponível em: <https://frejustoulon.fr/charte-de-la-diaconie-dans-la-mission/>. Acesso em: 12 set 2023.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CNBB. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*. A conversão pastoral da paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. 29.ed. Coordenação de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. Coord. Frederico Vier. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 39-113.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. Coord. Frederico Vier. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 259-306.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. Coord. Frederico Vier. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 143-255.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Nostra Aetate*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. Coord. Frederico Vier. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 619-624.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Unitatis Redintegratio*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. Coord. Frederico Vier. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 309-332.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19840806\\_theology-liberation\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html). Acesso em: 5 out 2022.

CONFÉRENCE DES ÉVÊQUES DE FRANCE. *Proposer la foi dans la société actuelle : Lettre aux catholiques de France*. Lourdes, 1996. Disponível em: <https://ec.ccf.fr/wp-content/uploads/sites/2/2014/05/dagens.pdf>. Acesso em: 22 mai 2023.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*: conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, Medellín, 1968. Petrópolis: Vozes, 1970.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB / São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Civilização do amor, tarefa e esperança*: orientações para a Pastoral da Juventude Latino-americana. São Paulo: Paulinas, 1997. Seção Juventude.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Projeto de vida*: caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino-americana. São Paulo: Centro de Capacitação da Juventude, 2003. Setor Juventude.

CONSENTINO, Francesco. *Sui sentiere di Dio*. Mappe della nuova evangelizzazione. Roma: San Paolo, 2012.

CONSENTINO, Francesco. *Immaginare Dio*. Provocazioni postmoderne al cristianesimo, Assisi: Cittadella, 2010.

CONSENTINO, Francesco. *Non è quel che credi*. Liberarsi dalle false immagini di Dio. Bologna: Dehoniane, 2019.

CONSENTINO, Francesco; CRAVERO, Domenico. *Lievito in pasta*. Evangelizzare la città postmoderna. Padova: EMP, 2018.

DAVIAU, Pierre. Espiritualidade de gestação e práxis pastoral. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.) *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas, 2013. p. 175-190.

DENIAU, Marie-Jo; THEOBALD, Christoph. Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.) *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 235-256.

DIACONIA 2013: Servons la Fraternité. Disponível em: <https://www.cath.ch/newsf/mettre-la-parole-des-pauvres-a-la-premiere-place-dans-l-eglise-en-france/>. Acesso em: 10 jun 2023.

DONEGANI, Jean-Marie. Inculturação e gestação do crer. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.) *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas, 2013. p. 35-56.

DUARTE, Erika Gomes. *Crescer até a estatura de Cristo*: contribuições psicoespirituais para o amadurecimento cristão dos jovens. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: [https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/Dissertacao\\_Erika-Gomes-Duarte\\_final.pdf](https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/Dissertacao_Erika-Gomes-Duarte_final.pdf). Acesso em: 12 set 2023.

DUMAS, Odile Ribadeau; BACQ, Philippe. L'Évangile en pastorale. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Dirs.) *Passeurs d'Évangile*. Autour d'une pastorale d'engendrement. Montreal: Novalis-Lumen Vitae-Atelier, 2008. p. 41-56.

DUMAS, Odile Ribadeau; BACQ, Philippe. Palavra de Deus e pastoral de gestação. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.) *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação Prior Velho: Paulinas, 2013. p.132-133.

DURAU, Odair José; CORREIA, Vanessa Araújo (Orgs.) *Projeto de Vida para jovens*: um itinerário metodológico de esperança. São Paulo: Loyola, 2020.

ESTATUTO DAS CÉLULAS PAROQUIAIS DE EVANGELIZAÇÃO. Disponível em: <https://www.cells-evangelisation.org/docs/pt/statuto.pdf>. Acesso em: 5 out 2023.

FIALHO NETO, Tiago Miguel. *Hora de mudança na transmissão da fé*. A urgência da pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2016.

FIALHO NETO, Tiago Miguel. *O catequista, discípulo que acompanha*. 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/40577287/O\\_CATEQUISTA\\_DISC%C3%8DPULO\\_QUE\\_ACOMPANHA](https://www.academia.edu/40577287/O_CATEQUISTA_DISC%C3%8DPULO_QUE_ACOMPANHA). Acesso em: 4 fev 2023.

FOSSION, André. *O Deus Desejável*. Proposição da fé e iniciação. Trad. Paulo Sérgio Carrara e Solange Maria do Carmo. São Paulo: Loyola, 2015.

FOSSION, André. Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas, 2013. p. 91-110.

FRANCISCO. *Discurso aos membros das células paroquiais de evangelização*. Roma: 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150905\\_cellule-parrocchiali-evangelizzazione.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150905_cellule-parrocchiali-evangelizzazione.html). Acesso em: 8 mai 2023.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 14 ago 2022.

FRANCISCO. *Mensagem para o dia Mundial do Migrante e do Refugiado*. 2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20170815\\_world-migrants-day-2018.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html). Acesso em: 12 jun. 2023.

GENOLINI, Anne Claude Marie. *Pensar a Fé e sua transmissão em um mundo que nunca mais será cristão: uma leitura da teologia de Christoph Theobald*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2018. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/990>. Acesso em: 9 mai 2023.

GIGUÈRE, Paul-André. Trabalho autobiográfico e novo nascimento. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas, 2013. p. 221-234.

GIGUÈRE, Paul-André. *Uma fé de adulto*. São Paulo: Paulinas, 1999.

GRIEU, Étienne. *Diaconia 2013: un événement pour l'Eglise de France ?* Disponível em: [https://fondationjeanrodhain-org.translate.google.com/les-chaire/paris-centre-sevres/etienne-grieu-diaconia-2013-un-evenement-pour-leglise-de-france?\\_x\\_tr\\_sl=fr&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://fondationjeanrodhain-org.translate.google.com/les-chaire/paris-centre-sevres/etienne-grieu-diaconia-2013-un-evenement-pour-leglise-de-france?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 14 jun 2023.

GRIEU, Étienne. Pourquoi parler de diaconie ? *Études*, Paris, v. 414, p. 353-363, 2011. Disponível em: [https://www.cairn-info.translate.google.com/revue-etudes-2011-3-page-353.htm?\\_x\\_tr\\_sl=fr&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc#no5](https://www.cairn-info.translate.google.com/revue-etudes-2011-3-page-353.htm?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc#no5) Acesso em: 25 mai. 2023.

GUMBEL, Nicky. *Instruções práticas para o Curso Alpha*. Curitiba: Encontro, 2003.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catholicisme, la fin d'un monde*. Paris: Bayard, 2003.

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. 215 Disponível em: [http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/tradicao\\_apostolica\\_hipolito\\_roma.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/tradicao_apostolica_hipolito_roma.html) Acesso em: 12 set 2022.

JOÃO PAULO II. *Discurso de abertura da XIX Assembleia Ordinária da CELAM em Porto Príncipe, Haiti*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830309\\_assemblea-celam.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html). Acesso em: 4 out 2022.

JOÃO PAULO II. *Encíclica Redemptoris Missio*. 1990. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830309\\_assemblea-celam.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html). Acesso em: 5 out 2022.

JOÃO PAULO II. Roma, 2001. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. 2001. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20010106\\_novo-millennio-ineunte.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html). Acesso em: 22 mai 2023.

JOÃO XXIII. *Gaudet Mater Ecclesia*. Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II. 1962. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html). Acesso em: 15 fev. 2023.

LEBEL, Guy. *La Proposition de Pastorale d'Engendrement: Évaluation Critique*. Université Laval, Québec, 2013. Disponível em: <https://www.collectionscanada.gc.ca/obj/thesescanada/vol2/QQLA/TC-QQLA-29747.pdf>. Acesso em: 7 dez 2022.

LELO, Antônio Francisco. *A iniciação cristã*. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005.

MATTEO, Marie Agnes de; AMHERDT, François Xavier. *Abrir-se à fecundidade do Espírito*. Fundamentos de uma Pastoral de Gestação. Trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Prior Velho: Paulinas, 2016.

MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

OPORTO, Santiago Guijarro. La primera evangelización. Reflexiones sobre la primera misión cristiana. *Salmanticensis*, Salamanca, v. 59, n. 2, p. 193-214, 2012. Disponível em: <https://www.origenesdelcristianismo.com/descargas/santiagoguijarro/articulos espanol/Guijarro%202012a.pdf>. Acesso em: 9 ago 2022.

PAGOLA, José Antônio. *Anunciar Deus hoje como boa notícia*. Petrópolis: Vozes, 2020.

HOUSSET, Bernard. *Parlons diaconie – 2013-2023*. 2 mai 2023. Disponível em: [https://www-catholique--nancy-fr.translate.google/sites/service-diocesain-de-la-solidarite-et-de-la-diaconie/actualites/parlons-diaconie/42069-parlons-diaconie-diaconia-2013-2023-1/?\\_x\\_tr\\_sl=fr&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www-catholique--nancy-fr.translate.google/sites/service-diocesain-de-la-solidarite-et-de-la-diaconie/actualites/parlons-diaconie/42069-parlons-diaconie-diaconia-2013-2023-1/?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 10 jun 2023.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. 1975. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html). Acesso em: 6 out 2022.

ROUTHIER, Gilles. *Sobre o Concílio Vaticano II*. Trad. Vanise Dresch. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/13-artigo-2015/5956-resenha-gilles-routhier>. Acesso em: 4 fev 2023.

RUBENS, Pedro. *O rosto plural da fé*. Da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer. São Paulo: Loyola, 2009.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SILVA, Eduardo Pinheiro da. *Vida: um projeto em construção*. São Paulo: Loyola, 2014.

TEIXEIRA, Carmem Lúcia (Org). *Marcando história: elementos para construir um projeto de vida*. São Paulo: Centro de Capacitação da Juventude, 2005.

TEIXEIRA, Carmem Lúcia; SILVA, Lourival Rodrigues da. (Orgs.) *Projeto de vida*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 4-16. (Coleção Papo Jovem 1).

THEOBALD, Christoph. Hoje é o “tempo favorável”. Para um diagnóstico teológico do tempo presente. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Para uma pastoral de gestação. Prior Velho: Paulinas, 2013.

THEOBALD, Christoph. *Hospitalidad y santidad – una pluralidad de estilos*. A propósito del giro estético y pneumatológico de la Teología en la postmodernidad. 2019. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/8457/1/hospitalidad-santidad-pluralidad-estilos.pdf>. Acesso em: 23 mai 2023.

THEOBALD, Christoph. *La pastorale d’engendrement*. A l’école du Christ initiateur. In: SESSION PASTORALE DIOCESAINE – Lausanne, Suíça, 2010. Disponível em: [https://diocese-lgf.ch/wp-content/uploads/2019/09/planif\\_pasto\\_conference\\_Theobald.pdf](https://diocese-lgf.ch/wp-content/uploads/2019/09/planif_pasto_conference_Theobald.pdf). Acesso em: 10 jan 2023.

THEOBALD, Christoph. Mon itinéraire au pays de la théologie. *Laval théologique et philosophique*, Laval, v. 68, n. 2, p. 319-333, 2012. Disponível em : [https://www-erudit-org.translate.goog/fr/revues/ltp/2012-v68-n2-ltp0394/1013424ar/?\\_x\\_tr\\_sl=fr&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www-erudit-org.translate.goog/fr/revues/ltp/2012-v68-n2-ltp0394/1013424ar/?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 21 dez 2022.

THEOBALD, Christoph. *Transmitir um Evangelho de liberdade*. São Paulo: Loyola, 2009.

THEOBALD, Christoph. L’Évangile et l’Église. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Dirs.). *Passeurs d’Évangile*. Autour d’une pastorale d’engendrement. Montreal: Novalis-Lumen Vitae-Atelier, 2008.

TREMBLAY, Sophie. O diálogo pastoral revisitado. In: BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (Orgs.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas, 2013. p. 159-174.

VATICAN NEWS. *Papa Francisco: seis anos de Pontificado com a força do Espírito*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-03/papa-francisco-seisanos-espiritual.html>. Acesso em: 10 jan 2023.